



**Vanessa Gerosa da Silva Rangel**

**O desenlace conjugal:  
um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Terezinha Féres-Carneiro



## **Vanessa Gerosa da Silva Rangel**

### **O desenlace conjugal: um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Terezinha Féres-Carneiro**

Orientadora  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Andrea Seixas Magalhães**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Celia Regina Henriques**

CCE - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Cristina Maria Brito Dias**

UNICAP

**Prof<sup>a</sup>. Monica de Vasconcellos Dias**

Departamento de Psicologia – UVA

**Prof<sup>a</sup>. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de março de 2014.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Vanessa Gerosa da Silva Rangel**

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Gama Filho (1994), graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2005) e mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2008).

#### Ficha Catalográfica

Rangel, Vanessa Gerosa da Silva

O desenlace conjugal: um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade / Vanessa Gerosa da Silva Rangel ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2014.

150 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Separação. 3. Casamento. 4. Relações conjugais. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao meu pai, Antônio Batista,  
que cravou em minha alma suas lições de fé, coragem e generosidade.

## Agradecimentos

À Terezinha Féres-Carneiro, pela orientação e pela compreensão em momentos difíceis.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos participantes desta pesquisa, pela confiança e pela disposição para falar de momentos dolorosos.

À minha família, pelas mãos sempre estendidas ao longo da minha caminhada.

Ao meu marido, Fábio de Barros Rangel, pelas palavras de carinho e de incentivo em todos os momentos.

## Resumo

Rangel, Vanessa Gerosa da Silva; Féres-Carneiro, Terezinha. **O desenlace conjugal: um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade.** Rio de Janeiro, 2014. 150 p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa tem como objetivo a investigação do processo de dissolução da conjugalidade, incluindo o luto decorrente desse processo. Para atingir tal objetivo, este estudo analisa os discursos de homens e mulheres sobre a separação conjugal, perpassando seus sentimentos, assim como, sua relação com os ex-cônjuges. Para realização deste trabalho, foram entrevistados 10 homens e 10 mulheres que ainda não tinham recasado, que ficaram casados ao menos 3 anos, que estavam separados há, no mínimo, 1 ano e, no máximo, 7 anos, e que tiveram filhos com os ex-parceiros. Enquanto as mulheres mencionam que os sentimentos seguintes à separação estavam relacionados ao sonho de amor desfeito, os homens relacionam esses sentimentos à perda do contato diário com os filhos. Com relação aos sentimentos atuais decorrentes da separação, embora mais frequentes nas falas femininas, sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal aparecem tanto no discurso dos homens quanto no depoimento das mulheres. Em contrapartida, sentimentos de tristeza são mencionados somente pelos homens, ainda que não tenham a mesma intensidade e frequência do período pós-separação. No que diz respeito à parentalidade, os dados ratificam a dificuldade dos pais em conversar sobre o processo de separação com os filhos. Por outro lado, os resultados indicam que a maioria dos participantes não teve sua capacidade parental diminuída logo após a separação. Nesta pesquisa, a maioria dos entrevistados manteve o mesmo padrão de relacionamento com o ex-cônjuge ao longo do tempo. A manutenção de um bom relacionamento com o ex-parceiro emerge mais nas falas femininas do que no discurso dos homens. Quanto aos casos de conflito e litígio, foi possível verificar como aspectos conjugais e parentais ficam emaranhados.

## Palavras-chave

Separação; casamento; relações conjugais

## Abstract

Rangel, Vanessa Gerosa da Silva; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Dissolution of a marriage: a study about the process of dissolution of conjugality.** Rio de Janeiro, 2014. 150 p. DSc. Thesis—Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research has the intention of investigating the process of the dissolution of the conjugality, including the mourning derived from this process. To achieve such a goal, this study compares the speeches of men and women about the separation, showing their feelings, and their relationship with their ex-partners. In order to do this work, we interviewed 10 men and 10 women, that haven't remarried. They were married at least 3 years, were separated at least a year and at the most 7 years and had children with the ex-partner. While the women mention their feelings after separation are related to the loss of the dream love, the men relate those feelings to the loss of the contact with their kids. In relation with the feelings resulting of separation, even though more frequent in feminine speeches, feelings of self esteem and personal growth are often heard from men and women. On the other hand, sadness feelings are only mentioned by men, even though they don't have the same intensity and frequency of the period post separation. Related to the parenting, data shows the difficulty of parents to talk about the separation process with their kids. On the other hand, the result shows that the majority of the participants didn't have their parental capacity lowered right after separation. In this research, the majority of the interviewed kept the same relationship with the ex-partner with time. The maintenance of a good relationship with the ex-partner emerges more in feminine speeches than in men. As far as the conflicts and legal, was possible to verify how messy marriage and parenting can be.

## Key words

Separation; marriage; marital relationship

## Sumário

1. Introdução	10
2. Amor e casamento	14
2.1 O amor e suas formas de expressão: do amor cortês ao amor confluyente	14
2.2 Emancipação feminina e as transformações do casamento	21
2.3 O casal contemporâneo e as questões de gênero	26
2.4 Intimidade e sexualidade na contemporaneidade	32
2.5 Individualidade e conjugalidade: a difícil conciliação	36
3. Separação conjugal	40
3.1 A dissolução da conjugalidade	40
3.2 Diferenças e semelhanças de gênero no processo de separação	44
3.3 O processo de luto	48
3.4 Conflitos e litígios	53
4. Pesquisa de campo	58
4.1 Natureza da pesquisa	58
4.2 Sujeitos	58
4.3 Instrumentos	64
4.4 Procedimento de coleta de dados	66
4.5 Procedimento de análise dos dados	67
5. Análise e discussão dos resultados	69
5.1 Amor e casamento	69
5.1.1 Motivação para o casamento	69
5.1.2 Concepções de amor e casamento	73
5.2 Motivos da separação	78
5.2.1 Divisão sexual do trabalho	79
5.2.2 Infidelidade	82



5.2.3 Falta de amor	87
5.2.4 Diferenças de temperamento, de educação e de interesses	90
5.3 Dissolução da conjugalidade	91
5.3.1 Cenas representativas da ruptura	92
5.3.2 Sentimentos logo após a separação	94
5.3.3 Questões relacionadas à parentalidade	108
5.3.4 Sentimentos atuais em relação à separação	116
5.3.5 Reconstrução da identidade	123
5.3.6 Relação com o ex-cônjuge	128
5.3.7 Perspectivas em relação ao recasamento	135
6. Considerações finais	139
7. Referências	143
8. Anexos	149

## Introdução

No período medieval, o conceito de família, com seus ideais de intimidade e privacidade, era desconhecido, existindo apenas a ideia de linhagem, que se baseava nos laços consangüíneos. A família não tinha, então, função afetiva, visando somente à sobrevivência de seus membros, já que o mundo externo não permitia que homens e mulheres vivessem isoladamente (ARIÈS, 1981). As moradias funcionavam como unidades de produção, onde se fabricava gêneros alimentícios, utensílios domésticos e objetos pessoais (COSTA, 2004). Em função disso, as trocas afetivas eram realizadas entre a família e a comunidade, de modo que a rua medieval era uma extensão das casas (ARIÈS, 1981).

Com a Revolução Industrial, houve uma cisão entre casa e trabalho, ocorrendo uma desvalorização econômica do ambiente doméstico. Nesse momento histórico, a família perdeu gradativamente a função de manter a subsistência de seus integrantes, pois, nas cidades, começou a existir uma ampla rede de serviços, de modo que as pessoas não precisavam mais do grupo familiar como fator indispensável à sobrevivência. Assim, as permutas entre família e comunidade deixaram de existir, tornando o afeto fundamental no ambiente familiar (JABLONSKI, 1998).

Num mundo cada vez mais competitivo, o lar passou a ser percebido como um lugar acolhedor, onde era possível proteger-se da insensibilidade do mundo público. A família passou a ter, então, uma função afetiva, de maneira que as vivências mais profundas dos sujeitos foram vinculadas às concepções de amor conjugal. A família começou a ter a função de dar continência às necessidades afetivas de seus elementos, permitindo e estimulando suas vivências regressivas, indispensáveis para seu equilíbrio psíquico (GOMES, 1992). Dessa forma, o projeto de formar uma família constitui-se a partir do desejo de que o laço conjugal proporcione as mesmas satisfações emocionais experimentadas na infância ou, ao contrário, compense o que faltou. A densidade emocional é, portanto, uma característica da família, uma vez que cada membro que a compõe é fundamental na vida psíquica do outro (PORCHAT, 1992).

Féres-Carneiro (1998) também ressalta a densidade emocional que caracteriza a vida privada, considerando que “na sociedade contemporânea os indivíduos divorciam-se não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não

corresponda às suas expectativas” (p.383). Segundo Berger e Kellner (1964), o casamento é a base dos relacionamentos na esfera privada, sendo uma das principais áreas de auto-realização social. Para os autores, o casamento atribui uma determinada ordem à vida dos sujeitos, que passam a experimentá-la com mais sentido. No mundo contemporâneo, o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações sociais, pois é uma relação de significação muito intensa, sendo caracterizada por um alto grau de envolvimento afetivo e intimidade.

As estatísticas brasileiras confirmam as expectativas elevadas em relação ao casamento. De acordo com dados do IBGE (2011), no Brasil, houve um crescimento de 45,6% no total de divórcios, em relação ao ano de 2010. Esses índices apontam a relevância de estudos sobre os diversos aspectos da separação conjugal. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é investigar o processo de dissolução da conjugalidade, incluindo o luto decorrente do referido processo. Tendo em vista esse propósito, este estudo compara os discursos de homens e mulheres sobre a separação conjugal, identificando seus sentimentos e analisando sua relação com os ex-cônjuges.

No primeiro capítulo, são abordados os aspectos sociais e históricos do amor e do casamento. Ao longo da história, o amor teve diversas formas de expressão, não estando a princípio vinculado ao casamento. O amor tornou-se a razão para o casamento quando surgiu uma cultura familiar que valorizava, entre vários aspectos, o amor entre os cônjuges como condição de felicidade. Nesse contexto histórico, a figura da mulher era idealizada, de maneira que ela era percebida como a grande responsável pela harmonia do lar e, principalmente, pelo desenvolvimento saudável das crianças. Essa situação encarcerava a mulher no ambiente doméstico, garantindo o domínio do homem no espaço público. O casamento era caracterizado, então, pela dicotomia público-privado (VAITSMAN, 1994).

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, esse cenário modificou-se, pois essa dicotomia, que confinava a mulher no espaço privado, deixou de existir. A mulher tornou-se mais independente afetiva e economicamente, de forma que a livre escolha no casamento transformou-se em uma possibilidade efetiva (VAITSMAN, 1994). Por outro lado, valores tradicionais permeiam ainda as relações de gênero. Apesar de o discurso social defender uma conjugalidade igualitária, prevalece, no casamento e na família, a antiga divisão de trabalho e responsabilidades. A mulher continua assumindo o cuidado da casa e dos filhos,

como também, percebendo o homem como o provedor da família (ROCHA-COUTINHO, 2009).

Quanto à sexualidade, tradição e transformação caminham também lado a lado. Nos dias atuais, a sexualidade é uma qualidade dos indivíduos e suas relações, de modo que homens e mulheres entendem o prazer sexual como fundamental para um casamento satisfatório (GIDDENS, 1993). A popularização dos métodos contraceptivos equiparou os cônjuges no que diz respeito ao exercício da sexualidade, pois as mulheres começaram a ter relações sexuais sem temer a gravidez (MEZAN, 2003). As mulheres tornaram-se, portanto, mais exigentes amorosamente, não aceitando com fato “natural” a infidelidade masculina (GOLDENBERG, 1995). Em contrapartida, apesar de as mulheres questionarem a dupla moral masculina, estudos revelam a sua permanência, indicando que existe ainda uma socialização diferenciada para meninos e meninas (JABLONSKI, 2009).

Ainda, no primeiro capítulo, o conflito entre individualidade e conjugalidade é estudado. Os casais contemporâneos deparam-se com a difícil tarefa de conciliar essas duas forças paradoxais. Ao mesmo tempo em que a individualidade é um valor extremamente validado na contemporaneidade, ideais românticos de intimidade e completude perpassam ainda os vínculos amorosos. Assim, o casamento contemporâneo deve sustentar a busca de autonomia e realização pessoal dos cônjuges e, simultaneamente, construir uma zona comum de interação, onde serão concretizados os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

No segundo capítulo, são discutidas as questões relacionadas à dissolução da conjugalidade. A separação conjugal, assim como o casamento, pode ser entendida como um ritual de passagem, sendo um dos momentos de transição mais sofridos e traumáticos do ciclo de vida (PEREIRA, 2003). Durante o desenlace conjugal, faz-se necessário reconstruir a própria identidade, independente do ex-parceiro e do casamento. Esse processo pode ser, por um lado, lento e doloroso e, por outro, proporcionar sentimentos de gratificação, em função da liberdade readquirida (FÉRES-CARNEIRO, 2003a).

Como acontece no casamento, diferenças de gênero evidenciam-se no processo de dissolução da conjugalidade. Enquanto as mulheres sentem-se sobrecarregadas pelo acúmulo de tarefas advindo da separação, os homens sofrem pela perda de contato diário com os filhos, tendo que lidar com seus próprios sentimentos de solidão, raiva e culpa (BRITO, 2008). Da mesma forma, é possível identificar semelhanças entre homens e mulheres no processo de

separação conjugal. Ambos preocupam-se com a reação dos filhos, tendo dificuldade em comunicar-lhes a decisão de separação (DOLTO, 2003; WALLERSTEIN e KELLY, 1998). Sentimentos de crescimento pessoal aparecem também na fala de homens e mulheres no período pós-separação (WALLERSTEIN e KELLY, 1980).

Por último, o processo de luto é analisado no contexto da separação amorosa. A elaboração do luto requer a integração dos aspectos positivos e negativos do outro, eliminando a lógica adversarial em que existe um *culpado* e um *inocente*. Essa lógica binária mantém-se nos casos de conflito e litígio, de maneira que os ex-cônjuges ficam impossibilitados de fazer uma diferenciação entre questões conjugais e parentais. O litígio conjugal fica, então, a serviço da perpetuação do vínculo, atendendo às necessidades de ataque e defesa dos ex-cônjuges (SHINE, 2002).

No terceiro capítulo, a pesquisa de campo é apresentada, o que inclui o método, sujeitos, instrumentos, procedimento de coleta e de análise dos dados. O quarto capítulo consiste na análise e discussão dos resultados. Os dados são analisados qualitativamente, sendo articulados com a fundamentação teórica.

Finalmente, as considerações finais apresentam os principais resultados. Nesta pesquisa, foi possível constatar que, enquanto as mulheres sofrem pela perda do ideal de amor, os homens precisam elaborar a perda de contato diário com os filhos. Por outro lado, algumas semelhanças também foram identificadas no discurso de homens e mulheres. Ambos sofrem pela perda da família como ideal, como também, permanecem atentos em relação aos filhos, demonstrando que não têm sua capacidade parental diminuída no período pós-separação. O conflito entre individualidade e conjugalidade aparece em algumas categorias de análise, indicando a dificuldade dos entrevistados em equilibrar essas dimensões contraditórias.

## 2

### Amor e casamento

#### 2.1

##### O amor e suas formas de expressão: do amor cortês ao amor confluyente

Ao longo da história, o amor foi sempre objeto de reflexão, aparecendo como figura idealizada desde a Grécia antiga. Nesse momento histórico, os filósofos atribuíram muitos sentidos ao amor, acreditando que o verdadeiro amor não era um impulso que se dirige a outro, seja ele do mesmo sexo ou do sexo oposto, e sim algo que transcendia a vida mundana e aspirava à eternidade. Essa concepção de amor referia-se ao encontro contemplativo com um Bem Absoluto não perecível, aparecendo como uma resposta humana ao reconhecimento prévio do verdadeiro Bem e da verdadeira Beleza. O verdadeiro amor não incluía a atração sensual e sentimental, pois estava associado à posse do que é permanente, tanto no objeto quanto no sujeito (COSTA, 1998).

As características desse ideal amoroso foram retomadas pelo cristianismo, que propagava a ideia de que o verdadeiro amor era oriundo de Deus e dirigia-se para Deus. De acordo com uma das correntes do cristianismo, o amor era a “vivência emocional” da essência divina, referindo-se à relação particular de um indivíduo com Deus. Nesse caso, o sujeito e o objeto de amor tendiam a coincidir, pois era o sentimento de amor em si que era idealizado como sinal da presença de Deus. Na Idade Média, essa crença amorosa era absolutamente hegemônica, disputando o cenário da época com o fenômeno do amor cortês (COSTA, 1998).

No amor cortês, a adoração a Deus foi deslocada para uma dama, pela qual se suspirava diante da impossibilidade de possuí-la. Conforme Duby (1989a), historiador das sociedades medievais, o ritual do amor cortês resumia-se à seguinte situação: um homem jovem (sem esposa legítima e sem educação concluída) assedia uma mulher casada e, portanto, inacessível, interdita. “No próprio coração do esquema, o perigo” (p. 60). O autor compara esse ritual a um jogo, onde o homem arrisca sua vida na intenção de completar-se, de aumentar

seu valor. Para Bloch (1987), os obstáculos do amor cortês estimulavam a criação de uma poética melancólica que o embelezava. Se a posse do objeto amoroso, sempre desejável, revelava-se decididamente impossível, o sentimento não deixava de existir como um excitante do coração. Nas práticas ritualísticas do amor cortês, também conhecido como amor delicado, os homens passaram a exaltar poeticamente o gozo fugaz e a melancolia da paixão ardente (COSTA, 2009).

Costa (1998) ressalta a renúncia à posse do objeto do desejo como um traço marcante do amor cortês, comentando seu caráter sublimatório. Esse caráter inaugura, no Ocidente, uma nova prática cultural em relação ao amor. O autor considera que

Na tradição clássico-medieval, a renúncia recomendada concernia ao amor carnal. Mas havia sempre a promessa da posse do objeto, na contemplação ou na fusão com o Supremo Bem, em sua versão pagã ou cristã. A realização amorosa, portanto, estava prevista. No fim do percurso, o sábio antigo ou o santo medieval alcançariam a felicidade em vida ou após a morte. No *ethos* do amor cortês, ao contrário, a felicidade está na aceitação da própria renúncia (p. 40).

Outro aspecto fundamental do amor cortês é a laicização do objeto amoroso. Apesar da renúncia ao amor carnal, ao substituir a figura de Deus por uma criatura humana, o amor cortês fica destituído de caráter religioso. Ao tornar a figura feminina seu objeto, o vocabulário amoroso torna-se mundano e, ao mesmo tempo, traz uma valorização da mulher, que passa a ser idealizada, enaltecida (MUNHOZ, 2010). Costa (1998) comenta esse enriquecimento do vocabulário sentimental, uma vez que os adeptos do amor de cortesia precisavam narrar suas experiências emocionais numa linguagem nova, caracterizada por “metáforas que se teciam e reteciam” (p. 41), formando assim um enorme cabedal de termos afetivos, que não pode ser comparado às culturas precedentes.

Segundo Bloch (1987), o amor cortês denunciava-se por uma paixão avassaladora e, ao mesmo tempo, tinha o aspecto da devoção do homem pela mulher. A subordinação masculina era uma atitude nova em relação à mulher, que se exprimia por termos do vocabulário da homenagem vassálica. Coutinho e Costa (2003) enfatizam essa submissão do homem à dama, que se revelava através de juras de fidelidade absoluta e do cuidado para não denegrir a reputação da mulher amada, já que se tratava de uma mulher casada. No amor

de cortesia, as virtudes da mulher eram glorificadas e exaltadas, enquanto seus defeitos deveriam ser apagados e esquecidos.

Essa situação indicava uma profunda mudança de atitude, uma nova forma de homens e mulheres relacionarem-se, que contrastava com a relação de desigualdade entre os sexos que existia no casamento medieval. De acordo com Duby (1989a), os acordos de casamento eram realizados sem levar em consideração os sentimentos dos noivos, de maneira que, “na noite de núpcias, uma criança jovem demais, apenas púbere, era entregue a um rapaz violento que ela jamais vira” (p. 62). Assim, as normas sociais conspiravam para que se estabelecesse, entre os cônjuges, uma ligação fria de desigualdade, caracterizada, no melhor dos casos, por uma reverência amedrontada que a mulher sentia em relação ao marido (DUBY, 1989a).

O amor cortês, que exaltava e mitificava a figura feminina, era uma forma aceitável de rebeldia contra as normas sociais vigentes. Entre tais normas, podemos citar a prática de transmissão de heranças pelo parentesco lateral, e não vertical. Em função desse costume, que predominava na Europa do século XII, os descendentes diretos do senhor feudal não tinham direitos sobre a sua herança, existindo somente uma forma de manterem-se na mesma posição no escalão da aristocracia: casar com uma noiva rica (COSTA, 1998). Esse assunto era conduzido com todo cuidado pelo pai e membros mais velhos da linhagem, de maneira que eles aguardavam uma ocasião realmente boa para realizar o casamento do primogênito. Quanto aos demais filhos, não havia o mesmo empenho em casá-los, uma vez que a multiplicação dos ramos laterais da linhagem poderia abafar o tronco principal (DUBY, 1989b).

Essas estratégias matrimoniais, conduzidas pela sociedade aristocrática, multiplicavam os homens não casados, frustrados por não possuírem uma esposa legítima no leito. Tais homens tinham “a esperança obsedante de se aposar de uma companheira legítima, a fim de fundar sua própria casa (...), e os fantasmas de agressão e de rapto alimentados por essa obsessão” (DUBY, 1989a, p. 62). Costa (1998) também menciona que esses jovens estavam dispostos a rebelar-se contra essa organização social dos mais velhos. Dessa forma, a cultura cavaleiresca serviu para dissolver essa ameaça, pois o amor cortês passou a ser o objetivo e o agente da educação dos jovens. De acordo com o autor, “a constância do vínculo entre o amor e a educação para a vida pública e para a preservação de valores culturais é patente” (p. 45).

Apesar de o amor cortês esgotar-se na ritualização do desejo, já que a concretização do casamento era uma impossibilidade, ele foi uma espécie de



ensaio histórico para os ideais de relacionamento amoroso que surgiram depois (MUSZKAT, 1992). O ritual do amor de cortesia é “a matriz de um conjunto de práticas ou expectativas que povoam, desde os séculos XI e XII, as mentalidades amorosas (D’ INCAO, 1992, p. 57). Para Costa (1998), ao retirar da ideia de amor o caráter de religiosidade, o amor cortês preparou as condições culturais para o surgimento do amor romântico séculos mais tarde. Essa forma de amar foi a precursora do romantismo, fornecendo muitos dos clichês que predominaram no imaginário social do fim do século XVII ao início do século XIX. O autor citado afirma que diversos elementos do amor cortês estão presentes no amor romântico.

Diferente do amor platônico ou das amizades clássicas e cristãs, a idealização descontrolada das emoções sensíveis; da relação dual; da humanização do objeto amado; da aceitação de sentimentos “vis” como ciúme, suspeita, ressentimento (...) mostram o catecismo do amor-paixão romântico quando em germe (p. 49).

Por outro lado, essas formas de expressão do amor diferenciam-se no que diz respeito ao casamento. Enquanto o amor cortês era sublimado diante da impossibilidade de transformar-se em amor conjugal, o amor romântico tornou-se a principal razão para casamento, uma vez que o *casamento por amor* constituiu o conjunto de mudanças culturais que redefiniram as relações de gênero a partir do século XVIII. Nesse momento histórico, surge uma cultura familiar que valorizava a privacidade, o amor entre os cônjuges, o amor materno e a criança. Enquanto o lar passou a ser entendido como um doce refúgio, o amor materno começou a ser considerado indispensável para o desenvolvimento saudável das crianças. Esse ideal de intimidade restringia a mulher ao âmbito doméstico, uma vez que cabia a ela o cuidado da casa e dos filhos.

Conforme Giddens (1993), o amor romântico não deve ser compreendido isoladamente, e sim relacionado com uma série de influências que afetaram a vida das mulheres, como por exemplo, a criação do lar como local de apoio emocional, a modificação da relação entre pais e filhos, e a “invenção da maternidade” (a idealização da figura da mãe). O amor romântico estava claramente vinculado à permanência da mulher no lar e ao seu isolamento em relação ao mundo exterior.

Os ideais românticos apresentavam o amor como um estado da alma e a escolha do cônjuge como fundamental para a felicidade (D’INCAO, 2006). Na ficção romântica, os temas relacionados à separação não apareciam, sendo o

sofrimento dos personagens consequência de não se conseguir o amor. Afinal, o amor a tudo resistia e vencia, principalmente o interesse econômico no casamento. Em *Senhora*, de José de Alencar, a livre escolha já prevalece sobre o casamento por interesse econômico e político do grupo social. Na literatura romântica, amava-se, acima de tudo, um conjunto de ideias sobre o amor (D'INCAO, 1992).

De acordo com Giddens (1993), o enredo do amor romântico não se restringia ao encontro de uma mulher com seu “príncipe”, pois a conquista do coração do outro era um processo criativo, em que a heroína “ativamente produzia amor” (p. 57). A heroína enternecia o coração de um homem que, a princípio, mostrava-se indiferente e distante. Ela dissolvia a indiferença do seu objeto de amor, suavizando sua masculinidade supostamente intratável. Seu amor fazia com que ela fosse amada, transformando a afeição mútua na principal diretriz de uma vida em comum.

O autor citado afirma que o amor romântico inseria “o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos” (p. 50). Essa concepção de amor, que começou a emergir a partir do final do século XVII, continha a idealização do outro, associada a um envolvimento permanente com o objeto de amor. Esse envolvimento emocional desligava o sujeito de situações sociais mais abrangentes, pois proporcionava uma “história compartilhada” que separava o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, atribuindo-lhe uma prioridade especial. A partir do encontro com o outro, o sujeito fragmentado tornava-se inteiro. O autor registra que

O amor romântico suscita a questão da intimidade. (...) Presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. (...) Em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro (p. 56).

Essa ideia foi muito disseminada pelo cinema hollywoodiano depois da Primeira Guerra Mundial. Para Priore (2005), o par amoroso transmitia, nas telas do cinema, uma imagem de autossuficiência, parecendo existir isoladamente, à parte dos pais e familiares, dos amigos, da hierarquia e das convenções sociais. O cinema contribuiu – sobretudo até a década de 50 - para propagar o ideal da união perfeita concretizada no casamento. Porchat (1992) diz que “os filmes apontavam, sobretudo em suas cenas finais, o casamento como o *lócus* ideal para a perpetuação e a efetivação da vivência do amor-paixão”. O cinema

contribuiu para disseminar a ideia de que o casamento podia proporcionar a felicidade tão desejada.

Os resquícios do amor romântico fazem-se sentir, então, na contemporaneidade. Segundo Giusti (1987), essa felicidade, proporcionada pela união amorosa, mais do que um mito almejado, transformou-se nos dias atuais numa imposição propagada sem descanso pelos mais variados meios de comunicação. Conforme Porchat (1992), os diversos meios de comunicação falam da possibilidade de uma complementação recíproca perfeita, como alvo primordial a ser alcançado na relação amorosa. O amor-paixão, constituído de elementos do amor romântico (intimidade, fusão emocional e completude), está presente no imaginário social.

Enfim, a partir do século XVIII, a livre escolha dos futuros cônjuges substituiu gradativamente as razões do grupo familiar. O casamento deixa de ser legitimado e garantido por um sistema de coerções sociais (sangue, posição social, aliança política ou econômica), sendo introduzido paulatinamente no campo do amor-paixão. A realização do amor-paixão, antes uma impossibilidade, torna-se possível através do casamento (PORCHAT, 1992).

Costa (1998) afirma que o amor foi colocado num lugar extremamente idealizado, de modo que o parceiro amoroso funciona como uma espécie de substituto da dama medieval ou do Supremo Bem da antiguidade. O autor citado comenta que esperamos do relacionamento amoroso praticamente tudo que entendemos por realização pessoal: êxtase físico-emocional, segurança afetiva, parceria confiável, disponibilidade para a ajuda mútua, solidariedade sem limites, a constituição da família e a educação dos filhos, satisfação sexual acompanhada de ternura, carinho e compreensão. Para Muszkat (1992), o casamento por amor é caracterizado por uma demanda de satisfação que abrange três níveis de realidade:

No contexto amoroso atual, o prazer sexual que satisfaz o corpo é apenas um dos requisitos do amor conjugal. Contamos ainda com a ternura, a afeição e o carinho como realidades sentimentais que satisfazem as necessidades do “coração”, e com a comunhão do pensamento e das ideias para satisfazer as necessidades do “espírito”. Para que uma relação de casamento seja satisfatória, esperamos que preencha esses três níveis de realidade segundo a concepção de cada par amoroso (p. 85 e 86).

Constatamos que o ideal de amor contemporâneo não é constituído somente de elementos do amor romântico, pois a satisfação sexual aparece

como um dos componentes fundamentais da relação amorosa. Giddens (1993) comenta que, enquanto o amor romântico era entendido como “um encontro de almas”, não colocando em questão a capacidade de proporcionar e experimentar prazer sexual, a versão de amor contemporânea inclui a sexualidade como um fator essencial a ser negociado no relacionamento amoroso.

Para Poster (1979), mesmo quando o amor romântico passou a ser a mais pura razão para o casamento, o “felizes para sempre” não significava viver juntos com paixão, e sim com austera respeitabilidade. A burguesia, influenciada pelos ideais românticos, era uma classe social caracterizada pela virtuosa renúncia, havendo uma separação entre sentimentos e sexualidade. Conforme Giddens (1993), esses ideais estavam claramente associados ao papel social da mulher, de maneira que o amor romântico, concretizado através do casamento, era um amor de companheiros, ligado às responsabilidades dos cônjuges em relação à família. Embora o enredo do amor romântico incluía a atração imediata, que denominamos de “amor à primeira vista”, ela é separada das pulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado.

Essa cisão entre amor e sexualidade não condiz com a realidade atual. Ainda, de acordo com Giddens (1993, p. 73), “o cultivo de habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual, por parte de ambos os sexos, tornam-se organizados reflexivamente via uma multiplicidade de fontes de informação, de aconselhamento e de treinamento sexual”. O autor citado afirma que “os ideais de amor romântico tendem a fragmentar-se sobre a pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina” (p. 72). A realização do prazer sexual recíproco aparece, então, como elemento chave na manutenção ou dissolução do vínculo amoroso.

A revolução de costumes, na segunda metade do século XX, promovida pelo advento das técnicas anticoncepcionais, foi um fator fundamental para que as mulheres conquistassem sua liberdade sexual. A descoberta dos métodos contraceptivos foi decisiva para a desvinculação entre sexo e procriação. A partir da popularização das técnicas anticoncepcionais, a sexualidade deixou de estar sujeita às regras religiosas ou a quaisquer outras normas que a considerassem “pecaminosa” ou condenável de algum modo quando exercida sem intenção de procriação (THERBORN, 2006). A partir desse momento histórico, que foi essencial para a autonomia sexual feminina, o amor conjugal passa a realizar-se também através do prazer dos corpos. A renúncia ao prazer sexual em nome do bem-estar da família passa a ser entendida como “indigna” e “neurótica”, sendo o relacionamento conjugal considerado incompleto (GOMES, 1992).

Além do componente sexual, a versão contemporânea do amor, denominada por Giddens (1993) de *amor confluyente*, é caracterizada pela abolição das categorias “para sempre” e “único”, que estão presentes no amor romântico. No ideal romântico, o vínculo entre o amor e o casamento realizava-se através da ideia de amor verdadeiro. O casamento por amor, que era indissolúvel, concretizava-se porque o amor verdadeiro, uma vez encontrado, era para sempre. No amor romântico, a idealização do outro, típica do amor apaixonado, associa-se a um envolvimento permanente com o objeto de amor (GIDDENS, 1993). Na atualidade, as relações amorosas estão perdendo gradativamente o caráter de permanência. De acordo com o autor, os vínculos amorosos contemporâneos aproximam-se cada vez mais do que ele denomina *relacionamento puro*, ou seja, uma relação amorosa que se mantém enquanto ambas as partes envolvidas a consideram satisfatória para cada uma individualmente, para nela permanecerem. Assim, o relacionamento puro é um componente da reestruturação genérica da intimidade, de modo que o amor confluyente substitui a busca da “pessoa especial” pela procura do “relacionamento especial”.

## 2.2

### **Emancipação feminina e as transformações do casamento**

Não há como refletir sobre o casamento sem considerar as relações de gênero e como elas foram construídas ao longo da história. O papel de homens e mulheres no casamento e na família não é algo *natural*, que existe à parte da história, estando sujeito ao contexto e às mudanças políticas, econômicas e sociais. Embora os aspectos da vida familiar sejam entendidos pelo senso comum como essenciais e permanentes, suas origens estão ligadas às transformações que ocorreram na sociedade em cada época.

Entre essas transformações, é importante ressaltar aquelas provocadas pela industrialização e pelo conseqüente desenvolvimento do capitalismo. Com a Revolução Industrial, as moradias deixaram de ser unidades de produção onde homens e mulheres trabalhavam juntos, mesmo com alguma divisão de tarefas. A casa deixou de ser um local de trabalho e a mulher parou de exercer funções consideradas produtivas, uma vez que passou a existir a concepção econômica de que produtivas eram as atividades desenvolvidas na esfera do trabalho

remunerado. Era preciso, então, legitimar de outra forma a permanência da mulher em casa. A partir da industrialização, surgiu uma cultura familiar que idealizava a figura da mulher, colocando-a como a grande responsável pela harmonia no lar e, principalmente, pelo desenvolvimento saudável das crianças. Vaitsman (1994, p.31) afirma que

Desenvolvia-se, assim, a forma moderna de reclusão feminina a um domínio que se tornava doméstico e privado, reelaborando-se as antigas – e também hierárquicas – fronteiras do feminino e masculino em termos de socialização e comportamentos. Nos lugares e entre os grupos sociais onde a família conjugal moderna institucionalizou-se, isto se deu junto à construção de toda uma cultura familiar que enfatizava a privacidade, o amor materno e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no plano do imaginário social.

Nesse momento histórico, as mulheres foram sistematicamente preparadas para exercer somente as funções de mãe e esposa. Através de manuais e boletins de instruções, as mulheres eram orientadas pelos “especialistas” sobre as maneiras mais adequadas de cuidar do lar e dos filhos (GOODRICH, 1990). Os meios médicos e educativos direcionaram a mulher para novas e absorventes atividades no ambiente doméstico, formulando propostas que visavam “educá-la” para sua função de guardiã da família. A medicina, por exemplo, defendia com veemência que as mulheres deveriam evitar o ócio, dedicando-se ao máximo aos afazeres domésticos (PRIORE, 2006).

A norma, como ideal regulador, aparece sob a forma de discurso científico, sendo o poder exercido através de um regime disciplinar (FOUCAULT, 1979). Nesse discurso, proferido pelas ciências humanas, a mulher tinha sua função social claramente definida. Segundo Vaitsman (1994), o discurso médico contribuiu para a manutenção do Estado patriarcal, dando um caráter “científico” à desigualdade entre os sexos. Dessa forma, construía-se um mundo feminino que era oposto ao mundo público, reconhecido pelo imaginário social e pela ideologia oficial como sendo o masculino.

Essa compartimentalização da vida criou a imagem da mulher como guardiã da família. Em um mundo cada vez mais competitivo, o lar tornou-se um doce refúgio, cabendo à mulher a tarefa de torná-lo o mais acolhedor possível. Ela se transformou na “rainha do lar”, afirmando sua importância através de funções pertencentes à esfera afetiva (JABLONSKI, 1998). Através da criação e manutenção de um ambiente familiar de apoio e revitalização, a mulher

compensava a “insensibilidade” pública das fábricas, tornando suportáveis as novas posições masculinas de fabricantes e burocratas (GOODRICH, 1990). O casamento bem-sucedido dependia, portanto, de certas características consideradas femininas, como por exemplo, a paciência, o espírito de sacrifício e a capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais (PRIORE, 2005).

Sendo assim, podemos considerar que a norma é um agente criador e mantenedor de padrões de conduta, tendo Foucault (1979, p. 180) considerado que

Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (...) Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (...) As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica, mas o da regra “natural”, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico.

Esse saber clínico difundiu a ideia de que a infância é um período privilegiado do desenvolvimento humano, ou melhor, o momento fundador da vida. No final do século XIX, surgiu a puericultura, que estimulava as mães a cuidarem efetivamente de seus bebês, tornando-os objeto de mais amor. Dessa forma, o papel mais importante que a mulher desempenhava era o de mãe, tendo como objetivo principal a manutenção do bem-estar dos filhos, que recebiam todo tipo de investimento: afetivo, econômico, educacional, existencial. Os filhos eram “o futuro da família, sua imagem sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte” (PERROT, 1991, p. 146).

De acordo com Giddens (1993), com a cisão entre casa e trabalho, o homem perdeu o domínio direto sobre a família. Com a difusão da ideia de infância como um período em que a criança necessita de cuidados especiais, esse domínio passou a ser exercido pelas mulheres, que passaram a ter um controle cada vez maior sobre a criação dos filhos. Segundo Rocha-Coutinho (1994), o poder exercido pela mulher no âmbito doméstico não era explícito e, ironicamente, reforçava seu confinamento, restringindo-a ainda mais ao mundo privado. Afinal, como “rainha do lar”, seu papel era entendido como imprescindível para o desenvolvimento saudável das crianças e para a harmonia da família.

Tal situação começou a mudar quando a dinâmica da própria industrialização criou mais espaços no mundo público, permitindo que as mulheres, inicialmente excluídas desse processo, começassem a aumentar sua participação em vários setores da sociedade: nas atividades profissionais, políticas, sindicais, artísticas e culturais. Dessa forma, as fronteiras entre o público e o privado redefiniram-se, deixando de ser estabelecidas de acordo com o gênero. As mulheres passaram a possuir outras aspirações além do casamento e dos filhos (VAITSMAN, 1994).

Essa extinção da dicotomia público-privado realizou-se gradativamente, uma vez que transformações sociais envolvem mudanças de mentalidade. A princípio, o trabalho feminino no espaço público foi visto como ameaça à família pelo patriarcalismo dominante da época, sendo recriminado pelo próprio Estado, promotor da industrialização (VAITSMAN, 1994). É interessante notar também que, de acordo com o código civil brasileiro de 1916, a mulher precisava do consentimento do cônjuge para trabalhar, sendo permitido ao marido o uso da violência em caso de excessos femininos (PRIORE, 2005). A partir de 1943, a legislação já permitia que a mulher trabalhasse sem a autorização do marido, “mas somente se este não conseguisse prover os meios necessários para a sua sobrevivência e a de seus filhos” (VAITSMAN, 1994).

O Brasil dos anos 50, dos chamados anos dourados, é outro exemplo que ilustra a morosidade dessas transformações. Com o término da Segunda Guerra Mundial, surgiram novas oportunidades educacionais e profissionais para homens e mulheres. O trabalho feminino, entretanto, era ainda alvo de preconceito, entendido como um reforço do trabalho do homem. Bassanezi (2006, p. 608) comenta que o Brasil acompanhou, por um lado, as tendências internacionais de emancipação feminina, enquanto que, por outro, “foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade”.

Apesar dessa influência patriarcalista, as transformações foram gradativamente ocorrendo e redefinindo as relações de gênero. A popularização das técnicas anticoncepcionais foi um fator determinante para esse processo. A difusão dos métodos contraceptivos foi fundamental para a desvinculação entre sexo e procriação. Apesar da oposição da Igreja Católica, métodos anticoncepcionais eram usados para evitar o risco de gravidezes indesejadas, mantendo a família pequena (PRIORE, 2005).

Com a aceleração da modernização, em meados da década de 70, a participação das mulheres no espaço público já era marcante, estimulando os



princípios de igualdade e autonomia. Outro fator que contribuiu para mudanças ideológicas foi o movimento feminista, que aparece para dar “substância social a uma problemática vivida na intimidade por milhares de mulheres” (VAITSMAN, 1994, p. 71). Segundo Goodrich (1990), as feministas denunciavam o confinamento das donas-de-casa e seu conseqüente declínio emocional, procurando explicar sua posição de insatisfação e vulnerabilidade. Uma das representantes desse movimento foi Betty Friedan, quando publicou, em 1963, *The Feminine Mystique* (A Mística Feminina), onde se referiu à situação da mulher como o “problema sem nome”.

Antes disso, já em 1949, Simone de Beauvoir, em seu livro “O Segundo Sexo”, fez uma crítica ao lugar destinado à mulher na sociedade, dizendo que o casamento é uma relação assimétrica. A autora (1980) considera que, enquanto o ofício do homem possibilitava que ele conhecesse o progresso e a mudança, a mulher era responsável pelo ritmo igual dos dias e pela manutenção da harmonia no lar. Ela não era chamada a edificar um mundo melhor, uma vez que realizava atividades maniqueístas, cujo resultado não era obtido através de um movimento positivo, mas a partir da abolição do mal, ou seja, a partir do extermínio da sujeira (lavar, varrer, retirar a poeira, etc.). Para a autora (1980, p. 201), ao “descobrir os flocos de poeira escondidos sob a noite dos armários”, a mulher detinha a morte, mas recusava a vida.

O feminismo, que surgiu inicialmente nos Estados Unidos e Europa, começou a reverberar no Brasil. Seus reflexos eram notados nos diversos meios de comunicação, que começaram a abrir espaço para as reivindicações das mulheres. As feministas brasileiras repudiavam a ideia de que a mulher era o “segundo sexo” ou “sexo frágil”, questionando seu papel principal de esposa e mãe. Elas lutavam pela igualdade entre os sexos, reivindicando novos espaços no mercado de trabalho. Essas reivindicações tornaram-se cada vez mais abrangentes, influenciando diversos setores da sociedade (GOLDENBERG, 2001).

No Brasil, a partir do final da década de 60, mulheres trabalhadoras começaram a liderar várias manifestações políticas, como por exemplo, o Movimento Nacional contra a Carestia, em 1968, e o Movimento de Luta por Creches, em 1970. Nessas práticas, ficava evidente a influência do feminismo, de modo que discussões sobre as condições específicas de trabalho e o cotidiano familiar eram incorporadas às concepções políticas. Giuliani (2006, p. 650) diz que as mulheres “introduzem em sua participação política temas de reflexão nos quais o cotidiano doméstico e o do trabalho são pontos de partida

para rever a divisão sexual no trabalho e a relação de poder na representação sindical”.

Com essas transformações sociais paulatinas, desencadeadas pela expansão do processo de industrialização, as mulheres passaram a ter outras metas existenciais, além do casamento e da maternidade, tornando-se mais independentes econômica e afetivamente. Essa autonomia conquistada propiciou as condições sociais favoráveis para a instabilidade dos vínculos amorosos, já que a livre escolha no casamento passou a ser uma prática e não apenas um princípio (VAITSMAN, 1994). O fato relevante de que a mulher alcançou certo grau de independência econômica mudou a dinâmica dos vínculos amorosos, surgindo uma tendência à individualidade, desconhecida até então (GIUSTI, 1987). Afinal, quanto maior a possibilidade efetiva de escolher, maior a chance do conflito entre o individual e o coletivo se manifestar (VAITSMAN, 1994).

A crise do casamento contemporâneo é, na realidade, “a crise do papel subalterno da mulher, confinada às tarefas caseiras e à educação dos filhos” (MEZAN, 2003, p. 165). Em outras palavras, o alto índice de separações está associado à crise da família conjugal moderna, uma vez que ela se estabeleceu a partir da estratificação de gênero. O casamento não está em vias de extinção, mas está passando por um processo de transformação. A redefinição do papel social da mulher não contribui somente para a crise da família nuclear, mas para a formação de outros modelos de organização familiar (RAMOS, 2003).

### 2.3

#### **O casal contemporâneo e as questões de gênero**

As relações de gênero deixaram de ser ditadas pela dicotomia público-privado. Por outro lado, a lentidão das transformações sociais denuncia uma resistência à mudança, de maneira que tradição e transformação caminham lado a lado ao longo da história. Apesar de o discurso social defender a igualdade entre os sexos, os valores novos coexistem com os valores antigos, existindo ainda uma tendência a buscar, na relação amorosa, a complementaridade que caracterizou a família conjugal moderna. Para Goldenberg (2001), a despeito das opções inovadoras de conjugalidade, internalizamos um modelo tradicional de família e casamento.

Dessa forma, as expectativas de homens e mulheres em relação ao casamento tornaram-se confusas e elevadas. Uma das peculiaridades dos casais contemporâneos é o fato de os parceiros exigirem muito um do outro. Existe uma predisposição a muito receber, que entra em conflito com a pouca disponibilidade para dar. Um exemplo de tal situação são as mulheres que ainda desejam um homem provedor. Embora aspirem à sua independência, muitas mulheres não gostam de gastar seu dinheiro com as despesas da casa. Por outro lado, existem homens que se sentem aliviados por poderem contar com suas mulheres no orçamento doméstico, mas que se irritam quando elas chegam tarde a casa ou viajam a trabalho. Eles gostariam que suas mulheres cuidassem mais da casa e dos filhos, como tradicionalmente faziam (RAMOS, 2003).

Na atualidade, não há uma definição rígida quanto aos papéis de gênero a serem seguidos. Homens e mulheres parecem perplexos diante da falta de parâmetros, não sabendo exatamente o que esperar uns dos outros, pois não existem mais modelos que sirvam de referência (RAMOS, 2003). Segundo Goldenberg (2001), essa situação pode despertar sentimentos nostálgicos em relação à época em que os papéis atribuídos a homens e mulheres eram bem circunscritos, em casa e na rua.

A autora citada menciona que não houve, de fato, uma ruptura com modelos tradicionais de “ser homem” e “ser mulher”, de modo que esses modelos e outros considerados “modernos” existem de forma simultânea e, muitas vezes, conflituosa. Conforme Berthoud e Bergami (1997), os casais contemporâneos vivenciam uma realidade repleta de conceitos e preconceitos contraditórios, sendo perfeitamente compreensíveis os conflitos e as dúvidas que cercam as relações conjugais. As autoras registram que

Socialmente espera-se que o jovem casal corresponda ao chamado padrão moderno, no qual a relação deve ser liberada de qualquer preconceito, aberta e flexível, e se prega como máxima o respeito pela individualidade e crescimento pessoal de cada um. Subjetivamente, no entanto, os padrões parecem que não são tão diferentes assim daqueles cultuados décadas atrás (p. 53).

Um exemplo de que os valores tradicionais estão ainda presentes nas relações conjugais é o que nos diz Rocha-Coutinho (2009) sobre as mudanças significativas relacionadas à posição da mulher na sociedade. Para a autora, essas mudanças ocorreram predominantemente no espaço público, prevalecendo no ambiente doméstico a antiga divisão de trabalho e responsabilidades, de modo que a mulher continua assumindo o cuidado da

casa e dos filhos, como também, percebendo o homem como o principal responsável pelo provimento financeiro da família. Enquanto o discurso social defende que o casamento ideal é aquele em que homem e mulher são igualmente responsáveis pelo provimento financeiro e pelos cuidados da casa e dos filhos, estudos continuam a indicar que, no âmbito doméstico, o que predomina são os papéis de gênero tradicionais, resquícios do momento histórico anterior. Goldenberg (2001) também comenta que o trabalho doméstico continua pendendo para o lado da mulher, de maneira que algumas diferenças de gênero permanecem, especialmente no espaço privado.

Rocha-Coutinho (2009) ressalta que, apesar da importância atribuída pelas mulheres ao trabalho fora de casa, a maternidade ainda é entendida como a condição que dá completude as suas vidas, prevalecendo a antiga ideia de que não existe nada mais gratificante do que gerar, parir e amamentar um filho. Ao mesmo tempo em que as mulheres são criadas e educadas para crescer profissionalmente, elas continuam sendo treinadas para ser o sustentáculo de suas famílias, como esposas e mães. Assim, muitas mulheres diminuem o ritmo de trabalho e o investimento na vida profissional para cuidar de seus filhos, existindo casos extremos em que a mulher abandona sua carreira para tornar-se mãe em tempo integral. Esse fenômeno, denominado pela autora de “volta ao lar”, é uma evidência de que a socialização inicial da mulher incentiva o desenvolvimento de determinadas características supostamente femininas, o que torna a tarefa de cuidar da família quase que vital para o seu bem-estar.

Refletindo sobre os fatores que contribuem para esse fenômeno, Badinter (2011) considera que, embora as mulheres tenham conquistado a independência financeira e o controle da procriação, os deveres maternos são cada vez mais coercitivos. A possibilidade de escolha quanto a ter ou não filhos contribui para um modelo ideal de maternidade mais exigente do que nunca, pois quanto maior a liberdade de decisão, maior a responsabilidade dos deveres. O retorno do discurso naturalista, responsável pela ressurgência da ideia de “instinto” materno, também impõe cada vez mais deveres em relação à criança, de modo que aumentam as pressões exercidas sobre as mulheres para que se adaptem ao modelo de “boa mãe”.

Segundo Badinter (2011), a situação da mulher na sociedade é paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que a maternidade é considerada a principal realização da mulher, ela é desvalorizada socialmente. À medida que o mundo contemporâneo tem como motivação principal a realização pessoal, a mãe em tempo integral, privada de uma identidade profissional, pode ser rotulada de

“desinteressante”. Por outro lado, a mulher que opta por não ter filhos é vista ainda como uma anomalia, provocando questionamentos. A mulher que se afasta da norma, permanecendo voluntariamente infecunda, é estigmatizada pela sociedade, sendo objeto de pressões de amigos e familiares. A infertilidade é entendida como uma falha da feminilidade, de maneira que a mulher que não tem filhos é percebida como digna de pena ou censura. Dessa forma, as mulheres são pressionadas pelo relógio biológico, dando a impressão, muitas vezes, de que tomaram a decisão de procriar por medo de perderem a oportunidade de serem mães, e não pelo desejo de ter um filho. A decisão de gerar um filho “decorre mais amplamente do afetivo e do normativo do que da consideração racional das vantagens e dos inconvenientes” (p. 20). Para Goldenberg (2003), o modelo hegemônico de família mantém-se como norma, permanecendo como um valor enraizado em cada um, fortalecido pela socialização e pela Igreja. Aqueles que não vivem de acordo com esse modelo sentem-se, então, desviantes, renunciando à trajetória de vida que seria correta.

A autora citada (2001) menciona a função reprodutiva da mulher como um dos fatos naturais que tendem a ser exacerbados pela cultura, com o objetivo de naturalizar funções que são, na verdade, produtos de determinada educação e socialização. Conforme Rocha-Coutinho (2005), as funções femininas no lar foram “naturalizadas”, de modo que determinadas características foram demarcadas como femininas, como por exemplo, abnegação, dedicação, docilidade. Essas características eram vinculadas àquelas necessárias a uma “boa mãe”, levando-se a uma associação entre maternidade e feminilidade que, em diferentes níveis, perdura até os dias atuais. Para a autora, apesar das transformações sociais que marcaram as últimas décadas, a maternidade continua sendo uma questão conflituosa para a mulher contemporânea, uma vez que ainda predomina no imaginário social “a ideia de que a unidade mãe-filho é básica, universal e psicologicamente mais apropriada tanto para o desenvolvimento sadio da criança quanto para a completude da mulher” (p. 125). A maternidade é, portanto, entendida pela maior parte das mulheres como a essência da condição feminina, prevalecendo a ideia de que existe um “instinto materno” que se desenvolve na maioria delas. A autora considera que

A despeito de todas as mudanças, paralelamente a esse discurso supostamente mais moderno, continuamos a reproduzir o antigo discurso de que “mãe é mãe”, de que ela é quem melhor sabe cuidar do(s) filho(s), e que, em última instância, identifica maternidade e feminilidade (2009, p. 223).

Dessa forma, valores antagônicos coexistem na sociedade ocidental, tendo Goldenberg (2001) enfatizado as mulheres que não têm nenhum constrangimento em renunciar a sua autonomia e realização profissional por sentirem-se mais protegidas dentro do lar. Quando o marido pode prover a família com seu salário, tais mulheres preferem abandonar seu trabalho e cuidar somente da casa e dos filhos. É interessante observar que o próprio ritual do casamento, que resistiu a passagem do tempo, representa uma transferência de tutela. Na cerimônia de casamento, o momento mais marcante continua sendo aquele em que o pai entrega a filha a outro homem, enquanto a mãe fica numa posição secundária. O ritual do casamento simboliza que a mulher deixa de estar sob a proteção do pai, passando a ser amparada pelo marido (WALTERS, 1994).

Por outro lado, a conciliação família-trabalho gera, nas mulheres, uma imensa sobrecarga física e emocional, incluindo muita culpa por não dispensar aos filhos toda a atenção que julgam necessária. Jablonski (1998) ressalta o conflito vivenciado pelas mulheres em decorrência destes papéis antagônicos aprendidos: o da mãe e esposa dedicada e o da executiva liberada. Ao mesmo tempo em que as mulheres entendem que é necessário buscar sua realização pessoal e profissional, indo ao encontro das mudanças sociais e econômicas, elas têm internalizados os papéis ditados pelos costumes tradicionais, que lhes foram transmitidos por suas mães e avós.

Essa disparidade de papéis pode ser vivenciada por algumas mulheres de forma bastante dolorosa, pois existe uma promessa de igualdade de funções, alimentada pelos homens, que não se concretiza. Jablonski (2007) verificou que existe uma diferença entre o discurso e o comportamento dos homens no que diz respeito à divisão de tarefas domésticas. Em outras palavras, enquanto o discurso masculino defende a divisão justa das tarefas desempenhadas no lar, na prática, o que se verifica é a manutenção de velhos padrões de conduta por parte dos homens. Essa situação faz com que algumas mulheres sintam-se traídas, sobrecarregadas e cada vez mais solitárias em suas funções diárias.

Outras, ao contrário, parecem estar em conformidade com a situação, referindo-se à função coadjuvante ou periférica dos parceiros como uma “ajuda”, o que deixa implícito que entendem as tarefas domésticas como sendo de sua responsabilidade. Ainda, de acordo com Jablonski (2007, p. 218), “anos de socialização distinta parecem ter inculcado, mesmo em mulheres de alto nível de escolaridade (...) a noção mais tradicional de que tarefas domésticas não se prestam mesmo a serem divididas igualmente entre os sexos”. Quanto ao

cuidado com os filhos, apesar de a participação masculina ser realmente maior do que nas demais tarefas domésticas, persiste o caráter de complementaridade, de maneira que o papel masculino continua sendo subsidiário ao feminino, exceto nos casos raros em que o homem tem um horário de trabalho flexível e a mulher, não.

Segundo Heilborn (2004), no discurso de homens e mulheres, o trabalho doméstico é um tema sempre acompanhado de queixas e acusações mútuas, sendo uma espécie de campo de exercício para a *contabilidade conjugal*. Se, por um lado, a postulação da não distinção valorativa entre os gêneros efetiva-se através da entrada masculina no âmbito doméstico, por outro, a divisão equânime das tarefas relacionadas ao cuidado da casa e da prole não se realiza plenamente. Para a autora, apesar de os homens mostrarem-se muito comprometidos com a ideologia do compartilhamento das tarefas, sua adesão a tal ideologia é, na verdade, superficial. Giddens (1993) também enfatiza a coexistência de velhos e novos conceitos, revelando que os homens possuem expectativas incompatíveis em relação às mulheres. O autor comenta que os homens desejam mulheres que sejam intelectual e economicamente iguais a eles. Apesar disso, eles rejeitam a igualdade no que diz respeito ao cumprimento das tarefas domésticas e à educação dos filhos.

Badinter (2011) considera que a *crise igualitária*, que se mede pela desigualdade salarial entre homens e mulheres, origina-se na desigual distribuição das atividades domésticas. A autora afirma que a vida conjugal sempre teve custo social e cultural para as mulheres, tanto no que se refere às tarefas relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos quanto no que diz respeito à evolução da carreira profissional. As tarefas domésticas, principalmente aquelas advindas do nascimento do filho, consomem o tempo da mulher, enquanto o homem, na qualidade de pai, continua dedicando-se quase integralmente ao trabalho remunerado.

Levando em conta o que foi exposto, notamos que circunstâncias sócio-históricas engendram expectativas contraditórias em relação ao casamento, pois os modos de viver e os valores instituídos na sociedade colidem, ao invés de se harmonizarem. Enfim, os papéis de gênero, construídos e modificados constantemente pela história, criam muitos dos problemas e dos conflitos conjugais, o que provoca um alto índice de separações. Por outro lado, considerando as ideias que foram abordadas no primeiro tópico, as taxas elevadas de divórcio também podem ser entendidas como resultado de uma busca incessante de completude, de comunhão. Para D'Incao (1992), a fantasia

do amor romântico promove essa procura constante, de maneira que “a união que não realiza a comunhão é desfeita e a procura de outro parceiro se faz necessária” (p. 69).

## 2.4

### **Intimidade e sexualidade na contemporaneidade**

Nos dias atuais, tanto os homens quanto as mulheres entendem que um casamento satisfatório inclui o prazer sexual. No cenário contemporâneo, a sexualidade aparece como uma “propriedade” potencial dos indivíduos, uma vez que as técnicas contraceptivas e as tecnologias reprodutivas tornaram-na totalmente independente da procriação. A partir do momento em que a concepção pôde ser artificialmente produzida, além de artificialmente inibida, a sexualidade teve sua “libertação” final, transformando-se completamente em uma qualidade dos indivíduos e suas relações (GIDDENS, 1993).

Tal situação tornou as mulheres mais exigentes amorosamente. A partir da revolução sexual, a tolerância das mulheres em relação à infidelidade masculina diminuiu, pois elas passaram a ter relações sexuais sem temer a gravidez (PRIORE, 2005). De acordo com Mezan (2003, p. 164), mesmo que as mulheres não fizessem uso da liberdade que essa situação trazia, “a simples possibilidade de exercer tal liberdade teve efeitos incomensuráveis na reorganização das relações conjugais”, pois equiparou os cônjuges no que diz respeito ao exercício da sexualidade. Dessa forma, a traição por parte dos homens é um fator ressaltado pelas mulheres em suas falas sobre o desejo de separação (FÉRES-CARNEIRO, 2003a).

Antes da popularização dos métodos contraceptivos, as mulheres esforçavam-se mais para dar do que para receber prazer. Elas relacionavam-se sexualmente com seus parceiros em nome do dever, priorizando a manutenção do matrimônio e a maternidade em detrimento dos próprios desejos sexuais (PAPP, 1995). Conforme Giddens (1993), o prazer sexual feminino, quando possível, estava intimamente relacionado ao medo da morte, uma vez que as gestações repetidas tornavam significativo o número de mulheres que morriam durante o parto. A partir da revolução de costumes, desencadeada pela descoberta das técnicas anticoncepcionais, o sexo passou a ter outro significado. Segundo Mezan (2003, p. 164), essa descoberta permitiu às mulheres “uma nova experiência de si, do seu corpo e do seu prazer”.



De acordo com Poster (1979), a mulher era aconselhada a evitar “as instigações dos sentidos”. O homem, ao contrário, podia ter uma dupla moral, ou seja, podia dirigir à esposa sentimentos de ternura e, ao mesmo tempo, buscar sua satisfação sexual na prostituição; afinal, o sexo era associado à conquista de mulheres de classe inferior. Como diz Giddens (1993), o padrão duplo após o casamento era um fenômeno muito frequente, que se justificava através da crença de que o homem precisava de variedade sexual para manutenção da sua saúde física. Os homens solucionavam o conflito entre o amor romântico e o amor-paixão, separando o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da prostituta. “O cinismo masculino em relação ao amor romântico foi prontamente amparado por essa divisão, que não obstante aceitava implicitamente a feminilização do amor respeitável (p. 54).”

Com a emancipação feminina, as mulheres não aceitam mais como fato “natural” a infidelidade masculina, como acontecia há apenas algumas décadas. Com o questionamento da dupla moral, os relacionamentos extraconjugais deixam de ser entendidos como consequência da natureza masculina, como uma tendência inata dos homens. Nos vínculos amorosos contemporâneos, mais simétricos e mais igualitários, as chances de retaliação diante de uma traição são maiores e, conseqüentemente, são maiores os riscos de separação (GOLDENBERG, 1995).

Por outro lado, a partir de pesquisas sobre as expectativas de jovens solteiros em relação ao casamento, Jablonski (2009) revelou uma tendência de permanência da dupla moral, uma vez que os resultados encontrados apontam para diferenças de gênero quanto à infidelidade. As mulheres, de um modo geral, não demonstram tolerância à possibilidade de relações extraconjugais, tanto para os homens quanto para si mesmas. Os homens, por sua vez, quando indagados sobre tal possibilidade, mostram-se muito liberais quando se referem a si mesmos e mais restritivos quando se trata do sexo oposto. Para o autor, essa diferença deve-se provavelmente às pressões sociais e à educação diferenciada que meninos e meninas ainda recebem.

Conforme Nolasco (1988), os homens afirmam, muitas vezes, sua virilidade através de relacionamentos sexuais numerosos com diferentes mulheres. O autor considera que “a representação social dos homens é constituída a partir do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida” (1995, p. 18). Atribuindo à socialização diferenciada de homens e mulheres a infidelidade masculina, Goldenberg (1995) também afirma que os homens constroem suas próprias trajetórias a partir de uma ideia de

masculinidade, presente no imaginário social, que está associada a um desempenho sexual tanto potente quanto frequente.

Sendo assim, segundo Giddens (1993), o homem tornou-se “especialista” apenas no que diz respeito às técnicas de sedução e conquista, afastando-se do domínio da intimidade. Para o autor, a intimidade pressupõe, acima de tudo, uma comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo. “Intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo (p. 154).”

Essa disponibilidade de comunicar aspectos íntimos, mantidos ocultos da maioria das pessoas, é o oposto do que verificamos no homem tradicional, que exerce uma seletividade das emoções em outro sentido. Para Nolasco (1988), tradicionalmente, há uma expectativa social de que o homem seja racional e discreto quanto às suas emoções. Em função disso, durante sua socialização, ele exerce um controle sobre sua afetividade, garantindo que determinadas emoções sejam expressas, enquanto outras não. Na tentativa de preservar sua virilidade, o homem tradicional tende a negar que o carinho e a ternura são traços compatíveis com sua identidade. Nesse caso, a afetividade masculina se expressa, então, pela negação de sua existência. Essa questão não perpassa somente as relações entre os homens, manifestando-se também em relação às mulheres.

Ainda, de acordo com o autor (1995), tradicionalmente, demonstrações de carinho, ternura ou dor por parte dos homens são diretamente associadas a dúvidas sobre sua orientação sexual. Quando um homem expressa afetos que não foram definidos socialmente para ele, entende-se que sua “heterossexualidade não vingou” (p. 18). O autor considera que

Desde de criança, ele é estimulado a se afastar de suas “experiências interiores”, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz. Essa *filosofia da ação* gera um efeito totalizador sobre a representação social masculina, que tem no sexo seu dispositivo homogeneizador. Daí surge a crença de que *todos os homens são iguais*. (...) As exigências viris, de posse e poder, bem como de ser assertivo e competitivo sexualmente, mantêm os homens presos a questão do desempenho. Os padrões de comportamentos que os qualificam como homens se aproximam dos exigidos para máquinas (p. 21 e 22).

Em contrapartida, o autor citado aponta para situações que sinalizam uma transição. Alguns homens, por exemplo, reconhecem suas necessidades afetivas, referindo-se ao seu *lado feminino*. Essa denominação indica que já existe uma “autorização” social que possibilita aos homens afastarem-se do

determinismo naturalista, utilizado pelas ciências humanas e sociais para ditar os comportamentos mais apropriados para cada gênero. Ao mesmo tempo em que tomar para si o que está atribuído socialmente ao outro sexo indica a permanência das categorias masculino e feminino, essa atitude aponta para uma transformação social, em que a representação de homem construída pelo modelo patriarcal é substituída gradativamente por outra relativizada.

A partir de reflexões sobre o significado dos adjetivos que os qualificam, alguns homens empreendem esforços na busca de novas formas de inserção na cultura contemporânea. Tais esforços visam à legitimação de desejos e comportamentos até então atribuídos à mulher, como por exemplo, a valorização da satisfação afetiva em detrimento da material. Dessa forma, surge um novo campo de possibilidades para representação de “experiências” que, anteriormente, os homens não estavam autorizados a viver. “A legitimidade da representação masculina (...) se “relativiza”, abrindo frente a outras possibilidades de representação de homem (NOLASCO, 1995, p. 19).

Goldenberg (1995) também comenta as tensões vivenciadas pelos homens, que expressam em suas falas o conflito entre uma identidade masculina tradicional e outra inovadora. A partir de pesquisas, a autora verificou que, ao mesmo tempo em que os homens são capazes de avaliar criticamente o padrão de comportamento sexual masculino, eles revelam o medo, e até mesmo certa angústia, de serem diferentes. Há uma preocupação de que a fidelidade amorosa e a associação entre sexo e amor, entre outras atitudes, possam ser interpretadas por outros homens como indícios de um comportamento masculino desviante.

Dentre esses homens, que foram entrevistados pela autora citada, a maioria definiu-se como monogâmica, revelando um ideal de conjugalidade em que a exclusividade sexual faz-se necessária. A fidelidade não é decorrência de prescrições morais, e sim “uma disposição de pessoas que se amam e que exigem direitos iguais no domínio da sexualidade” (1995, p. 146). O desejo de fidelidade aparece, então, como um meio de garantir a sobrevivência do vínculo conjugal. Da mesma forma, o entendimento sexual é mencionado como fundamental para a manutenção do casamento. Nesse contexto, os relacionamentos extraconjugais não são entendidos pelos homens como consequência da natureza masculina, mas como um sinal de crise conjugal, ou seja, de que algo não está bem no casamento.

Considerando que a satisfação sexual faz-se absolutamente necessária nesse ideal de conjugalidade, é válido ressaltar que uma crise conjugal pode ser

desencadeada pelo nascimento do primeiro filho. Badinter (2011) considera que a chegada de uma criança transforma a vida conjugal, não existindo nada “mais antitético ao casal de namorados do que eles próprios na função de pais” (p. 130). A falta de sono e de intimidade, decorrentes dos cuidados com o bebê, podem esmorecer a relação de um casal. A mulher, em especial, pode estar de tal forma absorvida pela função materna que “a mãe faz desaparecer, então, a namorada e põe o casal em perigo” (p. 130).

Com o nascimento de um filho, a mulher afasta-se da sexualidade por razões fisiológicas e psicológicas. Enquanto as primeiras desaparecem com o passar do tempo, as segundas podem tornar-se crônicas, dificultando a retomada da vida sexual. A criança pode provocar, então, uma profunda transformação no vínculo conjugal. A amamentação, por exemplo, pode estender-se por anos, comprometendo a intimidade do casal. Apesar de a mãe sentir prazer com a amamentação, “ela não é mais necessariamente objeto de desejo para o pai que a olha” (p. 130), pois nem sempre é fácil diferenciar o seio nutridor do objeto sexual. Dessa forma, separações nos três anos que se seguem à chegada do bebê são comuns. Muitos casais têm dificuldade de conciliar a vida amorosa e os novos papéis parentais.

## 2.5

### **Individualidade e conjugalidade: a difícil conciliação**

A emancipação feminina mudou a dinâmica das relações conjugais, pois a livre escolha no casamento passou a ser uma possibilidade efetiva, deixando de existir apenas ideologicamente. Conforme Vaitsman (1994), essa possibilidade real de fazer escolhas aumenta a chance do conflito entre o individual e o coletivo se manifestar.

Segundo Féres-Carneiro (1998), esse conflito caracteriza o casamento contemporâneo, de modo que os casais se deparam o tempo todo com duas forças paradoxais: a individualidade e a conjugalidade. A autora afirma que as necessidades de vivenciar a conjugalidade e a individualidade existem simultaneamente:

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. (...) Se por um lado, os ideais individualistas

estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e os projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 382)

O desejo de individualidade contrapõe-se, então, ao desejo de intimidade e de complementação através do relacionamento amoroso. Na atualidade, o casamento é uma instituição tantalizante, pois, por um lado, apresenta a possibilidade de realizações afetivas e, por outro, impõe a devoção máxima a um projeto individual (GOMES, 1992). Com frequência, o desejo alardeado de preservação do próprio espaço colide com a expectativa de uma fusão emocional, que pressupõe uma complementação quase mágica das necessidades pessoais de cada cônjuge. As expectativas de homens e mulheres em relação ao laço conjugal são de difícil conciliação: por um lado, exigências de liberdade de ser e de desenvolvimento pessoal, por outro, exigências de total complementação e conhecimento um do outro (PORCHAT, 1992).

Dessa forma, a participação e a intimidade em excesso podem ser interpretadas como prova de amor e integração, gerando, muitas vezes, uma vigilância mútua, o que torna as relações entre homens e mulheres, no mínimo, opressivas (MUSZKAT, 1992). Este tipo de idealização contribui, portanto, para a vulnerabilidade dos vínculos amorosos. As altas expectativas depositadas no casamento geram insatisfação, na medida em que uma relação conjugal não pode dar conta de acabar com o sentimento de falta que faz parte da condição humana. O casal contemporâneo sobrecarrega a relação amorosa, uma vez que tenta, em vão, fazer dela a solução mágica para todos os problemas existenciais (RAMOS, 2003).

A partir da perspectiva psicanalítica, o desejo, vinculado às concepções de amor conjugal, “é uma busca repetitiva no sentido de evocar (...) o primeiro encontro mítico entre o sujeito e o objeto primordial”. O amor provocaria, portanto, a ilusão de encontro com um objeto de desejo capaz de evocar tal vivência mítica (LEVY e GOMES, 2010, p. 22). Podemos considerar o desejo de fusão emocional como um desejo inconsciente de recuperação da vivência monádica primordial. Assim, a individualidade, considerada desejável no nível consciente, dificultaria a “representação da mônada”, da fusão inconscientemente desejada (GOMES, 1992).

De acordo com Gomes (1992), o momento histórico anterior estaria mais adequado à “representação fusional” do que outros, pois o casamento burguês moderno era caracterizado pela complementaridade dos papéis de gênero,

sendo “muito mais fácil à esposa dos anos 50-60 confundir-se com os feitos do marido e passar a dizer “nós conseguimos”, a cada nova realização profissional, econômica ou intelectual do cônjuge” (p. 138). Nessa época, o papel social da mulher não possibilitava sua diferenciação, de modo que ela vivia o sucesso do marido e dos filhos como se fosse seu (PORCHAT, 1992). Conforme Costa (1998), nos séculos XVIII e XIX, o romantismo teve como manter sua eficácia simbólica. A projeção narcísica dos ideais de perpetuidade nos filhos e netos, a indissolubilidade do casamento, a sujeição da mulher ao papel de esposa e mãe, os preconceitos sexuais, a liberdade sexual dos homens, entre outros fatores, contribuíram para a manutenção do ideal romântico de felicidade, que permaneceu intocado e restrito à área da satisfação afetiva individual.

Nos dias atuais, tais fatores, pilares da família conjugal moderna, não são preponderantes, coexistindo com diversas formas de organização familiar, como por exemplo, casais sem filhos, famílias chefiadas por mulheres e famílias recompostas. Diante da existência dessas configurações familiares, poderíamos supor que as condições sociais são desfavoráveis para a sobrevivência do romantismo. Tal suposição não condiz, entretanto, com a realidade dos fatos, pois aspectos do amor romântico ainda estão presentes no imaginário social. O romantismo parece ser daqueles ideais que resistem à passagem do tempo.

Goldenberg (2003) considera que, quando homens e mulheres discorrem sobre como seria um modelo ideal de casamento, eles mencionam aspectos “simbióticos”, que estão relacionados diretamente aos ideais românticos da “cara metade”. Esses aspectos, que podemos entender como tradicionais, são citados juntamente com aspectos percebidos como mais “modernos”, como liberdade e individualidade. Assim, podemos notar os paradoxos existentes no que seria, para homens e mulheres, um modelo ideal de conjugalidade. Enquanto as expectativas femininas e masculinas são, por um lado, de autonomia, de preservação da individualidade e de respeito à privacidade de cada um, por outro, são de companheirismo, cumplicidade, sinceridade absoluta e dedicação, o que inclui projetos e interesses comuns, interdependência ou complementaridade entre os cônjuges. A autora registra que

O romantismo amoroso, que foi e continua sendo uma das marcas registradas da cultura ocidental, é daqueles ideais que resistem à mudança, insistindo em permanecer o mesmo num mundo que se tornou outro. Exigências novas trazidas pelo processo de individualização (como experimentação, crescimento, descoberta, espaço, privacidade) (...) chocam-se com os ideais de amor romântico, entre os quais estão muitos dos “requisitos simbióticos” de uma família nuclear. (2003, p. 24)

Considerando a permanência dos ideais românticos, podemos imaginar que a efemeridade de um relacionamento amoroso pode ser consequência de sentimentos de insatisfação pessoal, interpretados de maneira equivocada. Com frequência, quando os cônjuges vivenciam o desejo de fusão emocional como uma impossibilidade, eles tendem a concluir que há algo errado no casamento, confundindo insatisfação pessoal com fracasso conjugal. A partir dessa interpretação, torna-se mais fácil renunciar ao vínculo matrimonial do que ao desejo de complementação, de maneira que homens e mulheres da atualidade preferem, muitas vezes, o término do casamento como forma de dar continuidade a busca do “par amoroso” uno e inseparável (MUSZKAT, 1992). Nos dias atuais, os parceiros abandonam frequentemente seus vínculos conjugais, partindo em busca de outros relacionamentos amorosos, na expectativa de viverem finalmente a “mônada” (GOMES, 1992).

Sendo assim, apesar de o desejo de individualidade aparecer no cenário contemporâneo como uma imposição, no sentido de que o projeto existencial tem a obrigatoriedade de incluir metas individuais e independentes das relações afetivas, o sujeito da contemporaneidade não renunciou à tentativa de mitigar, através do vínculo conjugal, o sentimento de falta que experimenta na sua condição de ser humano. O casamento não pode, entretanto, solucionar uma questão de tamanha complexidade. Dessa forma, a separação conjugal e a busca por um novo casamento surgem, muitas vezes, como reflexos da tentativa de reparar as ilusões amorosas, estilhaçadas pelo casamento anterior.

### 3

## Separação conjugal

### 3.1

#### A dissolução da conjugalidade

Do nascimento à morte, o ser humano é marcado por momentos de *separação*. Durante seu desenvolvimento, o homem vivencia momentos de transição em que ele precisa renunciar a seu sentimento de segurança para diferenciar-se. Esse processo de *separar-se* começa na tenra idade e apresenta variadas versões ao longo da vida humana. Para engatinhar e ensaiar os primeiros passos, por exemplo, é preciso abdicar da segurança do colo materno. Para ir à escola, é necessário suportar a ausência momentânea da mãe. Esse conflito é atualizado em várias passagens do ciclo vital, sendo que algumas delas são enfatizadas pela sociedade através dos rituais.

Segundo Pereira (2003, p. 361), os rituais “ajudam-nos a suportar melhor a passagem de um estado de ser para outro, introduzindo-nos em uma nova fase, posição social, lugar, idade, etc.”. Entre os ritos de passagem, o autor menciona o casamento e toda a preparação que ocorre para sua celebração: papéis, proclamas, organização dos festejos. No ritual do casamento, os noivos transitam da posição de solteiros para a de casados, o que pressupõe responsabilidade e ter que deixar algo para trás. Muitas vezes, os momentos de transição são acompanhados de sofrimento, pois, por um lado, eles significam ganhar, por outro, perder.

Além de mencionar o casamento como uma passagem de vida significativa, o autor comenta que a separação conjugal é um dos momentos de transição mais sofridos e traumáticos do ciclo de vida. Nesse caso, o processo judicial da separação é uma espécie de ritual de passagem, exercendo a função de conceder ao sujeito um novo estatuto. Sob o comando de um juiz, representante legal e simbólico da lei, o rito judicial da separação pode ter efeito de fechamento de um ciclo, inaugurando uma nova fase na vida dos ex-cônjuges.

Em contrapartida, Kaslow e Schwartz (1995) afirmam que, no momento da legalização da separação, não existe uma cerimônia pública onde parentes,



amigos e membros da comunidade expressam sua solidariedade. No tribunal, as pessoas estão acompanhadas somente de seus advogados, de modo que se sentem sozinhas e desamparadas. As autoras comentam que alguns terapeutas de família consideram que algum tipo de cerimônia pública de separação seria importante para alguns pacientes, proporcionando-lhes um marco psicológico que facilitaria a transição para o período pós-separação. De acordo com Ducati (2005), enquanto o ritual do casamento é pomposo, o ritual da separação é cruel. No divórcio, a assinatura de papéis liquida o assunto. A autora considera que a reposição do antigo pelo novo, a limpeza, a nova pintura da casa podem auxiliar o trabalho de luto decorrente do rompimento de um vínculo amoroso. A sociedade, entretanto, carece ainda de rituais que ajudem as pessoas na vivência da separação.

Ao discorrerem sobre a separação, pessoas separadas fazem frequentemente alusão a um momento único de ruptura, referindo-se a “um cristal que se quebrou” (ANDINO, 1996, p. 163). Esse momento simbólico da separação, que tem a função de representar o corte vincular, é um rito produzido pelos ex-cônjuges para corporificar o ato da separação. A cena representativa da ruptura contribui para que a separação conjugal tenha efeito de fim, produzindo as necessárias transformações.

Entre tais transformações, Féres-Carneiro (2003a) enfatiza a reconstrução da identidade individual. Enquanto a identidade conjugal se desfaz gradativamente, os ex-cônjuges precisam redefinir suas identidades individuais. Esse processo pode ser vivenciado de forma lenta e extremamente dolorosa, sendo marcado por sentimentos de solidão, como também, de gratificação, em função da liberdade readquirida. Peck e Manocherian (1995, p. 314) lembram que “começar de novo como uma pessoa solteira é muito difícil, particularmente quando não existe um senso de identidade claro à parte dos papéis dentro do casamento”. Madden-Derdich e Arditti (1999) citam a capacidade em desenvolver uma identidade, independentemente do ex-parceiro e do casamento, como uma variável que favorece a adaptação ao período pós-separação.

A iniciativa de separação é também uma variável importante nesse processo de adaptação. Conforme Kelly (1982), aquele que deu início à separação sofre um estresse maior antes do término do casamento, já que depois da ansiedade provocada pela tomada de decisão, está mentalmente preparado para o rompimento e tem a sensação de controle sobre a situação. Para Peck e Manocherian (1995), o período de tomada de decisão pode ser o mais difícil de

todos para quem o vivencia, pois quem está considerando a possibilidade de separação pode sentir muito remorso e culpa. Wallerstein e Kelly (1998) consideram que a separação é raramente uma decisão tomada em comum acordo nas famílias com filhos. Normalmente, um dos parceiros quer terminar o casamento mais do que o outro, sendo que as mulheres tendem a tomar a iniciativa. Kaslow e Schwartz (1995), em suas pesquisas, corroboram essa realidade ao constatar que a maioria dos participantes não havia tomado em conjunto a decisão de se separar. Entre aqueles que tomaram a iniciativa, na maioria das vezes, os iniciadores eram as mulheres.

Muitos cônjuges que não tomam a iniciativa no processo de separação estão totalmente despreparados para enfrentar a situação e experimentam sentimentos de impotência e humilhação. Quanto mais súbita e inesperada a decisão parece ser, mais difícil será adaptar-se ao período pós-separação (PECK e MANOCHERIAN, 1995). Kaslow e Schwartz (1995) verificaram que, em alguns casos de separação, o parceiro abandonado é surpreendido quando recebe do outro a comunicação sobre sua decisão de terminar o casamento. Nesses casos, o cônjuge rejeitado não percebeu ou recusou-se a captar a insatisfação do outro, que pode ter sido transmitida de forma indireta. As autoras mencionam que muitos cônjuges que não tomaram a iniciativa tornam-se obcecados em questionar o que houve de errado no casamento e o que poderia ter acontecido se eles tivessem agido de forma diferente, prejudicando sua adaptação a nova realidade.

Por outro lado, Bohannon (1973) comenta que as primeiras reações do processo de separação são a negação da crise conjugal e a esperança de que a mesma acabe por desaparecer. Quando isso não ocorre, os parceiros aceitam a realidade da situação gradativamente, de maneira que a ideia de crise conjugal acomoda-se, aos poucos, na consciência. Assim, na primeira etapa do processo de separação, denominada *divórcio emocional*, o casal torna-se cada vez mais consciente de que seu relacionamento está se deteriorando. Um dos cônjuges, ou ambos, questiona-se em relação à manutenção do casamento, tornando-se desiludido quanto à sua viabilidade. Peck e Manocherian (1995) afirmam que a *separação emocional* é geralmente marcada por brigas, acusações, desvalorização do parceiro, estresse aumentado, amargura, depressão, ansiedade e, sempre, ambivalência. Nessa fase, pelo menos um dos cônjuges está considerando a possibilidade de divórcio, distanciando-se através de atividades e de envolvimento separados.

Segundo Kaslow e Schwartz (1995), antes de um ou ambos os parceiros optarem pelo término do casamento, é comum que eles realizem algumas tentativas de salvá-lo. As mesmas autoras consideram que a legalização da separação pode acontecer após o casal separar-se e reconciliar-se algumas vezes. De acordo com Ducati (2005), nas situações em que o casal se mantém envolvido em crises e reconciliações, experimenta-se um luto antecipado. Násio (1997) faz menção às situações que permitem a preparação para a partida de uma pessoa amada, uma vez que é possível representar a dor da separação. Em outras palavras, o trabalho de luto começa antes do desaparecimento do ser amado, pois a dor da perda é nomeada antes mesmo de aparecer.

A separação pode ser o resultado da morte lenta de laços mantidos durante longo tempo. Essa desvinculação “que se segue ao “distanciamento mútuo” é um longo e doloroso processo comparável a uma doença crônica” (CARUSO, 1989, p. 15). Muitas pessoas consideram essa situação estranha, pois o afastamento ocorre em relação a alguém com quem tiveram muita intimidade. Quando um casal se separa, podemos supor que trilhou o caminho oposto ao da intimidade. A separação pode representar o término desta intimidade e da conjugalidade (DUCATI, 2005). Se os cônjuges crescem em direções incompatíveis ou se apenas um deles cresce enquanto o outro fica estagnado, existe a possibilidade de o equilíbrio do casal ser rompido; logo, mudanças de interesses e de valores explicam o fenômeno de “distanciamento” que pode ocorrer em casamentos longos (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). Wallerstein e Kelly (1998), em sua pesquisa sobre o divórcio, mencionaram homens que reclamavam frequentemente de que seus interesses, objetivos e valores eram incompatíveis com os de suas ex-parceiras.

Conforme Ducati (2005), o término do casamento abrange, na realidade, a elaboração de muitas perdas ao mesmo tempo: da conjugalidade, dos ideais (casamento e parceiro idealizados), da família sonhada, dos bens materiais, do status, da identidade, de um nome (no caso da mulher). Para a autora, não há como precisar o tempo cronológico desse processo, pois a experiência de cada pessoa é única. Kaslow e Schwartz (1995), por sua vez, afirmam que a maioria das pessoas separadas consegue superar a fase aguda de dor que se segue à ruptura do vínculo conjugal. Essa superação acontece entre um e quatro anos depois da separação, com uma crescente satisfação pelo novo estilo de vida adquirido. Para Wallerstein e Kelly (1998), a separação conjugal é “uma cadeia de eventos – uma série de mudanças legais, sociais, psicológicas, econômicas e sexuais, encadeadas e estendendo-se ao longo do tempo” (p. 14). Esse

processo contínuo e duradouro tem início com a crescente perturbação do casamento, atingindo geralmente seu ápice na separação física e no processo legal. O processo de dissolução do laço conjugal abrange vários anos de transição, até que os membros do ex-casal “sejam capazes de obter, ou recuperar, um senso de continuidade e confiança em seus novos papéis e relacionamentos” (p. 14).

### 3.2

#### **Diferenças e semelhanças de gênero no processo de separação**

Da mesma forma que homens e mulheres diferenciam-se quanto aos papéis desempenhados no casamento e na família, diferenças de gênero evidenciam-se no processo de dissolução da conjugalidade. Embora a separação conjugal seja dolorosa para ambos os sexos, a vivência desse processo tem características singulares para homens e mulheres.

Entre os aspectos relacionados ao término do casamento, um dos mais dolorosos é a separação física. Kaslow e Schwartz (1995) afirmam que “seja qual for a forma em que acontece a separação física, a tendência é que seja um dos aspectos mais dolorosos da dissolução para um ou ambos os cônjuges” (p.69). Muitas vezes, esse momento concretiza-se com a saída do homem do domicílio conjugal. Para as autoras, a saída do domicílio conjugal é mais uma perda que precisa ser elaborada. A mudança de casa representa outra “separação”, afastando do ambiente familiar a pessoa que se muda.

Considerando que, na maioria das vezes, são os homens que abandonam o domicílio conjugal, é digna de nota a dificuldade masculina de lidar com a solidão após uma separação. Jablonski (2009), em seus estudos, verificou que, como principal vantagem do casamento, o item “afasta a solidão” aparece mais nas falas masculinas do que nas femininas. De acordo com Féres-Carneiro (2003b), a dificuldade de permanecer só depois da dissolução do laço conjugal é mais mencionada por homens do que por mulheres. Segundo Peck e Manocherian (1995, p. 304), essa dificuldade de “ficar só” está relacionada com a perda de contato cotidiano com os filhos. “Pode haver um sentimento de desarraigamento, perda e falta de continuidade.” A maioria dos homens precisa lidar com o fato de estar separada dos filhos e montando um novo lar. Wallerstein e Kelly (1998) consideram que os homens ficam, muitas vezes,

deprimidos e culpados com o afastamento dos filhos, de modo que se torna extremamente doloroso visitá-los. Apesar de a solidão ser vivenciada tanto por homens como por mulheres, durante o processo de dissolução da conjugalidade, ela aparece mais nas falas masculinas.

Conforme Kaslow e Schwartz (1995), de um modo geral, os ex-cônjuges preocupam-se com os efeitos da separação sobre os filhos, deparando-se com sua infelicidade e com seus possíveis problemas de adaptação à nova realidade. Dolto (2003) menciona o quanto é difícil para os pais falar abertamente sobre a separação com os filhos. Para a autora, é fundamental que as crianças, até mesmo aquelas que ainda não andam, recebam dos pais a comunicação de que eles estão em processo de separação. Essa comunicação deve ser feita de forma clara, não deixando dúvidas de que o término da conjugalidade não isenta os pais de seus deveres de parentalidade. O desenlace conjugal deve ser expresso verbalmente, e não guardado “sob a forma de uma angústia indizível, exprimível somente pelos humores, por estados depressivos ou de excitação que a criança sente como um abalo na segurança dos pais” (p. 27). Apesar de ser fundamental que o término do casamento seja dito em palavras, os pais têm dificuldade de informar verbalmente seus filhos sobre a separação. Eles acreditam que, fazendo esse pronunciamento, eles estarão submetendo seus filhos a uma situação de sofrimento inevitável. Em função dessa dificuldade em falar sobre o assunto, a autora defende a importância de uma orientação para os pais, transmitida por filmes e pelos meios de comunicação de massa, o que lhes possibilitaria conversar com os filhos sobre a dissolução da conjugalidade de maneira responsável.

Wallerstein e Kelly (1998) também enfatizaram essa dificuldade dos pais em relação às crianças, afirmando que ex-cônjuges não sabem muito bem como, quando e onde contar aos filhos a decisão de separação. De um modo geral, eles ficam relutantes em enfrentar essa situação, pois eles estão preocupados com os efeitos psicológicos, sociais e econômicos da ruptura conjugal sobre as crianças. Quando os pais conseguem finalmente verbalizar a separação, isso ocorre com frequência de forma breve, sem qualquer explicação de como os filhos serão afetados. A comunicação do desenlace conjugal deve ser, para as crianças, uma oportunidade adequada para expressar suas emoções, ou seja, um processo gradual para ajudá-las a assimilar e elaborar as transformações fundamentais decorrentes da separação. O término do casamento não deve, portanto, ser dito sob a forma de um pronunciamento, pois, contando aos filhos sobre a separação, os pais lhes proporcionam uma oportunidade notável de lidar

com a crise. A comunicação da dissolução da conjugalidade não deve ser um ato isolado, e sim um componente central do apoio dos ex-cônjuges aos filhos.

Considerando tal apoio, é fundamental destacar que ex-casais têm comumente sua capacidade parental diminuída no período pós-separação. Essa situação não ocorre “porque os pais estão necessariamente menos amorosos ou menos preocupados com os filhos durante o divórcio, mas porque as alterações radicais em suas vidas os levam a focar sua atenção nos próprios problemas” (WALLERSTEIN e KELLY, 1998, p. 50). Dessa forma, o cuidado diário dos filhos pode sofrer, nesse período, uma deterioração. As mães podem, por exemplo, não perceber a angústia dos filhos, de maneira que eles se sentem emocionalmente abandonados nesse momento crítico. Da mesma forma, existe a possibilidade de as visitas iniciais dos pais tornarem-se pouco frequentes, uma vez que eles levam algum tempo para estabelecer uma nova residência. Além disso, a experiência de visitas é uma novidade com a qual o ex-casal precisa acostumar-se, de modo que surgem comumente dificuldades na formação de um padrão regular de dias e de horários (WALLERSTEIN e KELLY, 1998).

Os progenitores que não detêm a guarda ainda precisam lidar com os próprios sentimentos de solidão, culpa ou raiva por não estar perto dos filhos. “Voltar para um quarto ou um apartamento vazio, sentir a falta (...) do barulho dos filhos pode ser um choque e uma viagem a um abismo silencioso” (KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p.86). Brito (2008), a partir de pesquisas sobre os desdobramentos do desenlace conjugal, constatou o sofrimento dos homens no período pós-separação devido ao afastamento dos filhos. A autora comenta que, durante sua participação em grupos de reflexão, homens que não detinham a guarda de seus filhos falavam sobre seu repúdio ao uso do termo “visitante”, empregado geralmente na referência àqueles que não ficam com a custódia. Para esses participantes, apesar de continuarem a ser pais de seus filhos, tal expressão remete a ideia de uma relação artificial e distante.

Outros participantes da pesquisa disseram que “quase enlouqueceram” com o distanciamento dos filhos, relatando a variedade de sintomas físicos que passaram a manifestar após a separação. Também é importante ressaltar o medo que alguns homens sentiam de que os novos parceiros dos ex-cônjuges os substituíssem diante dos filhos. Em contrapartida, o afastamento dos filhos foi apontado pelos participantes como principal motivação para a constituição de uma nova família, uma vez que formar outra família lhes possibilita exercer plenamente a paternidade (BRITO, 2008). Como nos diz Féres-Carneiro (2003a), homens e mulheres percebem o casamento de modo distinto. Enquanto as

mulheres entendem o vínculo conjugal como “relação amorosa”, os homens o concebem como “constituição de família”.

Ainda, refletindo sobre a dificuldade em permanecer só apresentada pelos homens, é válido enfatizar que, para muitos deles, o estabelecimento e a administração de um novo lar é uma tarefa inusitada. O processo de adaptação à separação inclui, no caso dos homens que não recasam logo, aprender a cuidar da nova moradia de alguma forma. Alguns homens podem sentir essa nova responsabilidade como insuportável. A preparação diária das refeições, por exemplo, pode ser uma tarefa completamente desconhecida (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). As mulheres, por sua vez, mencionam frequentemente a sobrecarga de tarefas advinda da separação. Como as mulheres são comumente as guardiãs dos filhos, elas reclamam que os ex-cônjuges não participam do seu cotidiano, limitando-se ao pagamento da pensão (BRITO, 2008). Para Wallerstein e Kelly (1998), a partir da separação, as responsabilidades relacionadas ao cuidado dos filhos são atribuídas, de um modo geral, às mulheres, de maneira que elas passam a vivenciar uma rotina de tarefas exaustiva. De acordo com Kaslow e Schwartz (1995), entre os principais problemas que podem surgir na vida das pessoas após separação, está a sobrecarga de funções, no caso do ex-parceiro que ficou com toda a responsabilidade do cuidado dos filhos.

Por outro lado, Peck e Manocherian (1995) comentam que, a partir da ruptura do vínculo conjugal, muitas mulheres experimentam um senso de competência e de bem-estar, pois se sentem autônomas pela primeira vez na vida. Wallerstein e Kelly (1998) verificaram que, dezoito meses depois da separação, as mulheres, de um modo geral, já se sentiam capazes de enfrentar a vida sozinhas, experimentando um sentimento de competência e de aumento da autoestima. Féres-Carneiro (2003) ressalta que as mulheres separadas descrevem sentimentos de maior responsabilidade e de autovalorização. Kaslow e Schwartz (1995) constataram que algumas mulheres mostraram-se bastante satisfeitas por terem conquistado, após a separação, a capacidade de viver de forma autônoma e independente. Conforme as autoras, quando a mulher tem uma atividade profissional, que funciona como fonte externa de apoio para autoimagem, ela pode resgatar o sentimento de autoestima através da competência no trabalho.

Em contrapartida, uma rede social ampla, derivada do casamento, termina com a separação. O colapso ou a diminuição da vida social com os antigos amigos pode ser especialmente doloroso (WALLERSTEIN e KELLY, 1998). A

pessoa separada pode vivenciar essa situação como mais uma perda, quando percebe que não é mais aceita na rede social de seus amigos casados. Sendo assim, “a pessoa divorciada entra no redemoinho das atividades sociais, em busca de novas emoções, procurando parceiros sexuais, ou como um antídoto para a solidão” (p. 52). Nesse caso, é interessante considerar que tanto as mulheres quanto os homens podem fazer do processo de dissolução da conjugalidade uma experiência de crescimento pessoal.

Para alguns, o período imediatamente posterior ao divórcio é uma exploração do seu mundo interno, como também, do ambiente externo (tentando novas atividades, retomando interesses que estavam adormecidos ou que se tornaram estimulantes, voltando a estudar, retomando ou mudando de emprego, e construindo relacionamentos sociais novos ou mudando os já existentes). É excitante, libertador e estimulante. (KASLOW e SCHWARTZ, 1995, p. 53)

Homens e mulheres descrevem sentimentos de crescimento emocional e psicológico, assim como, de que suas vidas melhoraram depois da separação, embora tais sentimentos sejam mais freqüentes nas falas femininas (WALLERSTEIN e KELLY, 1980). Esse processo de crescimento pessoal pode refletir-se na aparência, de modo que a pessoa separada pode realizar uma verdadeira transformação no visual. Modificações na cor e no corte do cabelo, perda de peso, ingresso em alguma atividade física são observados tanto nos homens quanto nas mulheres que se separam. Dessa forma, a pessoa separada sente-se mais saudável, atraente e vibrante. Quando ela consegue, simultaneamente, elaborar os problemas conjugais mal resolvidos, sua saúde psíquica pode melhorar sensivelmente, de maneira que a mudança geral pode ser muito positiva e significativa (KASLOW e SCHWARTZ, 1995).

### **3.3**

#### **O processo de luto**

Como acontece nas situações de perda a que todo ser humano está suscetível, o término de uma união amorosa leva a um luto que precisa ser elaborado. Freud (1917/1996, p.249) define o processo de luto como sendo “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e



assim por diante.” Para o autor, o trabalho de luto é um processo doloroso em que a libido é desinvestida progressivamente das representações do objeto perdido. Esse processo demanda grande dispêndio de tempo e energia catexial, pois as pessoas resistem a abandonar uma posição libidinal, tendo o autor afirmado que

Permanece um mistério para nós o motivo pelo qual esse desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso, até agora não fomos capazes de formular qualquer hipótese para explicá-lo. Vemos apenas que a libido se apegua a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto (FREUD, 1916/1996, p. 318).

O processo de luto diz respeito ao rompimento de um investimento afetivo. Quanto maior for esse investimento, mais doloroso será para o enlutado conseguir desligar-se do objeto perdido (KOVÁCS, 1992). Segundo Freud (1917/1996, p. 261), “se o objeto não possui uma tão grande importância para o ego – importância reforçada por mil elos -, então também sua perda não será suficiente para provocar quer o luto, quer a melancolia.” Se o ego estiver, contudo, vinculado ao objeto, ele resistirá a abandoná-lo. A intensidade dessa resistência dependerá da importância do objeto para o ego.

De acordo com Násio (1997), o primeiro movimento da reação defensiva do ego à perda de um ser amado é o *superinvestimento*. Inicialmente, o ego retira a libido da quase totalidade de suas representações e a desloca para a representação do objeto perdido, como se quisesse compensar a sua ausência. Esse é o único recurso de que o enlutado dispõe, a princípio, para amenizar a dor e manter o equilíbrio emocional. Para o autor (1997, p. 28), o ego confunde-se quase totalmente com a imagem do amado perdido, “e só vive amando, e por vezes odiando, a efigie de um outro desaparecido”. O trabalho de luto, por outro lado, seguirá o caminho inverso, fazendo com que a representação saturada do ser amado seja desinvestida progressivamente. O processo de luto resume-se a uma lentíssima redistribuição da energia psíquica, antes concentrada em uma única representação.

Ainda, conforme Násio (1997, p.29), quando esse trabalho de desinvestimento não se cumpre, ficando o ego imobilizado na representação coagulada, “o luto se eterniza em um estado crônico, que paralisa a vida da pessoa enlutada durante vários anos, ou até durante toda sua existência”. No luto patológico, a sobrecarga afetiva cristaliza-se na imagem do amado perdido, revelando a dificuldade de desvinculação. Levando em consideração o período

pós-separação, podemos observar que existe a possibilidade de o vínculo cristalizar-se em ódio, perseguição e desejo de vingança.

Em casos de separação conjugal, o vínculo dos ex-parceiros pode ser mantido pelo ódio extremo, “que os leva a denegrir completamente a imagem que tinham do outro, com um sofrimento inesgotável” (FARKAS, 2003, p. 367). A partir da definição da *posição esquizo-paranóide*, formulada por Melanie Klein (1946), é possível compreender como os aspectos negativos do relacionamento amoroso podem ser “depositados” no outro. Quanto maior a raiva e o ressentimento, maior a necessidade de se manter uma visão cindida e parcial do ex-cônjuge (SHINE, 2002). Através da cisão e da projeção, o ex-parceiro torna-se o único culpado pelo fracasso do casamento.

De acordo com Klein (1946), na posição esquizo-paranóide, o ego sente-se ameaçado por fontes de destrutividade internas, fundadas na pulsão de morte. Para defender-se dessa ansiedade primitiva, o ego projeta essa destrutividade no objeto, criando uma matriz de uma relação objetal hostil. Assim, no início de seu desenvolvimento, o bebê odeia e teme o ódio do objeto mau, de modo que se estabelece uma situação persecutória. Da mesma forma, o ego projeta suas fontes primitivas de amor, fundadas na pulsão de vida, produzindo também um modelo de relação de objeto amorosa. “Esses dois tipos de relação são mantidos tão separados quanto possível, o que se realiza através de uma cisão no objeto, que é visto como demasiado bom ou demasiado mal” (STEINER, 1994, p.61). Quando o objeto demasiado bom está ausente, não há lembrança da sua existência, pois o ego não é suficientemente integrado. Em função disso, a perda desse objeto é vivenciada como a substituição de uma situação idealizada por uma situação persecutória.

Na posição depressiva, objetos inteiros começam a ser reconhecidos, de maneira que o bebê percebe que o objeto que o frustra é o mesmo que o gratifica. Impulsos ambivalentes (amor e ódio) começam, então, a ser dirigidos para o objeto primário, indicando o desenvolvimento da capacidade de integrar experiências. A partir dessa situação, a preocupação básica deixa de ser a sobrevivência do self, passando a existir uma consideração pelo objeto (STEINER, 1994). O bebê começa a vivenciar a realidade psíquica do perigo para o objeto total, pois percebe que seu próprio ódio e sadismo colocam em risco a existência desse objeto. Surgem, então, sentimentos de culpa e a perda do objeto é agudamente sentida, de maneira que o ego mobiliza novas defesas (SEGAL, 1983). Essas defesas adicionais são de natureza maníaca e têm a finalidade de proteger o ego da dor depressiva. A dependência do objeto e a

ambivalência são negadas, sendo o objeto onipotentemente controlado e tratado com exultação e desdém. O ego procura defender-se da sua ansiedade, negando qualquer sentimento de perda, destruição e culpa. Tais defesas constituem o desenvolvimento normal, mas, se forem excessivas e duradouras, podem dificultar a elaboração da posição depressiva (SEGAL, 1983).

Levando em consideração o processo de separação conjugal, é importante notar que, muitas vezes, as defesas utilizadas pelos ex-parceiros após o término do casamento são maníacas, não permitindo de fato o reconhecimento da perda (FARKAS, 2003). A elaboração do luto requer, portanto, uma integração dos aspectos internos bons e maus. Os aspectos negativos que foram projetados no ex-cônjuge precisam ser reintrojados. Da mesma forma, os ex-parceiros precisam reter os aspectos positivos do outro, eliminando a lógica adversarial em que existe um *culpado* e um *inocente*. Assumindo também a responsabilidade pelo término do relacionamento, é possível diferenciar-se realmente do outro, elaborar a perda e reconstruir a própria vida.

É interessante lembrar que, para nomear essa constelação de ansiedades, defesas e relações de objeto, Klein preferiu o termo “posição depressiva” a “fase depressiva” para ressaltar sua convicção de que não se trata simplesmente de um estágio do desenvolvimento psíquico. O sujeito não atravessa essa posição, deixando-a para trás como um ponto de fixação. Na verdade, há um movimento constante do sujeito de aproximação e afastamento em relação às ansiedades e defesas dessa posição (ANDERSON, 1994). Assim, situações de luto, que envolvem o desaparecimento do objeto amado, reavivam sempre na pessoa enlutada os conflitos da posição depressiva. Quando tais conflitos não foram superados durante seu desenvolvimento psíquico, a pessoa enlutada poderá ser incapaz de realizar o trabalho de luto. Vejamos o que nos diz Segal (1983) sobre a elaboração da perda.

Esse trabalho envolve a superação de regressões a sentimentos paranóides e a defesas maníacas, até ser restaurado o mundo interno. Se a pessoa enlutada foi incapaz de superar as ansiedades de sua posição depressiva no decorrer de seu desenvolvimento, poderá ser incapaz também de realizar o trabalho de luto, podendo advir o luto anormal e a doença mental. Se a pessoa conseguir realizá-lo, a experiência do luto poderá resultar num enriquecimento (p. 71).

Na vida adulta, as perdas são reatualizações da situação emocional das experiências infantis da posição depressiva. Da mesma forma que a criança sob a tensão do medo de perda da mãe, o enlutado precisa edificar com segurança

seus bons objetos internos. Nas situações de luto, as ansiedades primitivas em relação aos objetos danificados e destruídos são revividas, abalando o sentimento de posse segura dos amados objetos internos. Dessa forma, a pessoa enlutada tem a tarefa de restabelecer dentro de si própria não somente o objeto amado e perdido, como também, todos os seus bons objetos internos que sente ter perdido (KLEIN, 1946/1991).

Como acontece na posição depressiva, o processo de luto é dividido em duas fases: *negação da perda do objeto* e *experiência da perda do objeto*. Na primeira fase, como já dissemos, acontece um superinvestimento da libido nas representações do objeto perdido, de maneira que a pessoa enlutada abandona todo e qualquer interesse, exceto aqueles relacionados ao ser amado perdido. “Essa preocupação total tem o propósito de negar a separação e assegurar que o destino do sujeito e o do objeto estão inextricavelmente ligados.” (STEINER, 1994, p. 68). Através da identificação projetiva, partes cindidas do ego são projetadas no objeto na tentativa de apossar-se dele e retê-lo.

Nos casos de separação conjugal, podemos notar que, muitas vezes, partes más do self são projetadas no ex-parceiro para danificá-lo e controlá-lo. Enquanto cada um dos membros do ex-casal projeta seus aspectos negativos no outro, a realidade da perda é negada, pois, na identificação projetiva, o outro não é percebido como um indivíduo separado. Consideremos o que nos diz Klein (1946) a respeito da identificação projetiva.

Junto com os excrementos nocivos, expelidos com ódio, partes cindidas do ego são também projetadas na mãe, ou, como prefiro dizer, para dentro da mãe. Esses excrementos e essas partes más do self são usados não apenas para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto. Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do self, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o self mau (p. 27).

Sendo assim, podemos observar que a cisão não é restrita à posição esquizo-paranóide (STEINER, 1994). Quando o objeto bom é percebido como inteiro e o medo da perda do objeto é agudamente sentido, recorre-se a cisão como tentativa de negar a realidade da perda e controlar onipotentemente o objeto.

Na segunda fase do luto, a tarefa de renunciar ao controle sobre objeto, permitindo sua independência, precisa ser enfrentada. Se tal tarefa for elaborada com êxito, a identificação projetiva é revertida, de maneira que as partes do self antes atribuídas ao objeto são revertidas ao ego. “Desse modo, o objeto é visto mais realisticamente, não mais distorcido por projeções do self, e o ego é

enriquecido através da reaquisição das partes do self que antes haviam sido repudiadas” (STEINER, 1994, p. 68). A conclusão do luto é determinada, então, pela capacidade de reconhecer a realidade da perda, integrando aspectos internos bons e maus. Conforme Freud (1917/1996), cada lembrança do objeto amado perdido é submetida ao teste de realidade, de forma que o processo de luto consiste na descoberta e redescoberta repetidas de que objeto amado já não existe mais.

O luto provoca um empobrecimento do ego, que precisa mobilizar um montante de energia (contracatexias) para desligar-se do objeto perdido. Quando esse desligamento conclui-se, porém, o ego retoma sua antiga disponibilidade para fazer ligações, mantendo seu amor-próprio. “Quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (FREUD, 1917/1996, p.251).

### 3.4

#### Conflitos e litígios

Durante o processo de *diferenciar-se* do outro, a legalização do término da união pode ser uma etapa necessária para elaborar a separação, funcionando como a cena representativa do corte. Dessa forma, os ex-parceiros podem conceber o início de um novo ciclo de sua história, realizando um redimensionamento dos afetos, o que possibilita a transposição do vínculo conjugal para o vínculo exclusivo de parentalidade (ANTUNES, MAGALHÃES e FÉRES-CARNEIRO, 2010). Desinvestir a representação psíquica do ser amado consiste em “retirar-lhe o seu excesso de afeto, reposicioná-la entre outras representações e investi-la de outra forma”. Com o processo de luto, a pessoa enlutada não deixa de amar o ser perdido, mas começa a amá-lo de outra forma, sem um apego demasiado (NÁSIO, 1997, p. 63).

É justamente na retenção dos aspectos positivos do relacionamento que reside a capacidade de discriminar aquilo que diz respeito ao relacionamento conjugal do relacionamento enquanto casal parental. Quanto mais cindida e parcial é a visão que se mantém do outro, maior a incapacidade de discriminar as questões referentes ao término da conjugalidade daquelas que dizem respeito ao exercício da parentalidade (SHINE, 2002, p. 68). A dificuldade dos ex-cônjuges em definir o outro como parceiro somente na parentalidade, não

mais na conjugalidade, é uma das maiores causas de conflito após a separação (MADDEN-DERDICH, LEONARD e CHRISTOPHER, 1999). A capacidade de fazer essa diferenciação leva à redução da hostilidade, dos conflitos e do estresse associados (SOUZA e RAMIRES, 2006).

Sendo assim, através da parentalidade que não se desfaz, os ex-parceiros podem atualizar os conflitos do período anterior à separação conjugal, indicando que o corte vincular não ocorreu de fato. Nesse caso, alguns conflitos relativos à conjugalidade são encenados e reencenados durante a fase de separação, através de acontecimentos que apresentam variações de um mesmo tema, de modo que o jogo compulsivo e a repetição tornam-se evidentes. Essas atuações estão a serviço da continuidade do vínculo, ou melhor, da 'não separação' (ANTUNES, MAGALHÃES e FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Considerando essa dificuldade de desvinculação, podemos observar que, muitas vezes, o processo legal da separação não é vivenciado como um ritual de passagem, e sim como uma forma de perpetuação do vínculo conjugal. Antunes, Magalhães e Féres-Carneiro (2010) afirmam que

Nesse caso, o necessário divórcio psíquico não é alcançado. A etapa jurídica da separação, que poderia ser uma breve intervenção do Estado, apenas confirmando o que já fora definido entre os cônjuges no âmbito privado, se transforma, então, numa longa e sofrida batalha judicial.

Quando o processo judicial da separação transforma-se em litígio conjugal, deixa de ser a cena representativa da ruptura, podendo tornar-se o palco de atuação dos ex-cônjuges, onde cada um deles busca a plateia como meio de expressar toda a mágoa que não teve reconhecimento. A busca por provas e testemunhas pode ser uma tentativa de convencer parentes e amigos da *culpa* do ex-parceiro, prevalecendo a lógica binária que apontará um *culpado* e um *inocente*. O litígio conjugal atende, portanto, às necessidades dos ex-cônjuges de ataque e defesa, assim como, de reconhecimento público (SHINE, 2002), uma vez que o procedimento legal atinge o máximo de visibilidade (ANTUNES, MAGALHÃES e FÉRES-CARNEIRO, 2010). Ex-casais não separados emocionalmente tornam visível a ambivalência institucional do sistema judiciário, pois ele é capturado, envolvido e manipulado nos conflitos dessa situação mal resolvida. Questões relacionadas à visitação e à guarda dos filhos são utilizadas, muitas vezes, pelos ex-parceiros para atingir os pontos vulneráveis um do outro, de modo que o sistema judiciário fica a serviço da manutenção do vínculo conjugal (VAINER, 1999). Como nos diz Ribeiro (1999), por intermédio de um

processo litigioso, os ex-cônjuges dão vazão aos seus sentimentos de raiva e desilusão com o casamento, assim como, ao desejo de vingança, seja ele consciente ou não. Essa situação indica que, apesar da separação física, os ex-parceiros não conseguiram alcançar a separação emocional, de maneira que o litígio conjugal serve como forma de escoamento de questões relacionadas a uma conjugalidade mal resolvida.

Por outro lado, a lógica adversarial do Direito está fundamentada em persecutoriedade e culpa, o que não favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e da responsabilidade. O Estado, como representante simbólico da função parental, promove uma interpretação da realidade que reproduz uma visão maniqueísta dos conflitos, a vitimização, a infantilização e a intolerância (GROENINGA, 2003). Dessa forma, a dinâmica dos litígios familiares não é entendida através de uma ótica de complementaridade, existindo processos judiciais que tendem a acirrar a situação de conflito familiar. Um exemplo de tal situação, citado por Shine (2002), é o processo de Modificação de Guarda, no qual se avalia quem é o progenitor mais capacitado para permanecer com a criança. Em outras palavras, o processo define quem é “o melhor para criança”, o que deixa evidentemente explícito quem é considerado o *pior*. Assim, cada uma das partes do ex-casal, tentando provar que é mais adequada, busca desesperadamente provar que a outra é inadequada, negligente, perturbada e assim por diante.

Brito (2008) comenta que, na luta por maior proximidade com seus filhos, muitos pais travam batalhas intermináveis nos tribunais, valendo-se de argumentos que desqualificam o ex-cônjuge, na tentativa de ter sua competência reconhecida para ficar mais tempo com suas crianças. Muitos divórcios ainda são homologados “*pelas falhas*” e “*pelos erros*” de um ou de outro genitor. Essas expressões, empregadas de forma unilateral, ganham um sentido pejorativo e acusatório, de maneira que muito pouco da imagem daquele que *falhou e errou* é preservada. Dolto (1989, p. 126) afirma que tais expressões, além de desestruturantes para criança, são sempre falsas, pois “as dissensões de um casal provêm de dificuldades bilaterais relacionadas com a evolução pessoal de cada um”. Rosalina e Castro (2013) consideram que

Colocar os interesses (...) acima do sofrimento que pode acarretar aos filhos uma disputa judicial - apenas para atingir ou magoar o ex-companheiro - já é evidência de um problema para exercer a maternidade e/ou paternidade de forma madura, responsável (p. 48).

Segundo Caruso (1989), a separação conjugal é uma vivência psíquica de morte, pois os ex-parceiros morrem na consciência um do outro. O sujeito sofre a vivência da morte do outro em sua consciência. Por outro lado, quando o ex-casal tem filhos em comum, vivenciar esse processo torna-se mais difícil, uma vez que esses filhos tornam-se *a lembrança viva do outro*. Como sabemos, os pais sentem seus filhos como extensões de si mesmos, atribuindo-lhes aspectos idealizados e desejados. Freud (1914/1996, p.98) já dizia que o amor dos pais pelos filhos, “tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”. No litígio conjugal, esse narcisismo pode ser traduzido por tentativas de moldar a criança a um único modo (SHINE, 2002). Existem situações em que o genitor que detém a guarda da criança promove uma “extirpação” simbólica do outro, isolando-a de sua influência, realizando o que é denominado de *Alienação Parental*.

A *Alienação Parental* é definida como uma manipulação psicológica da criança que tem como objetivo extinguir sua relação com o genitor rechaçado. Assim, a criança tende a rejeitar esse genitor de maneira exacerbada, percebendo-o como vilão ou ameaçador (SOUSA, 2009). Conforme Paulo (2009), o genitor *alienador* inicia “uma campanha diária de desmoralização e desqualificação do outro genitor”, fazendo o possível para evitar que ele e a criança mantenham contato. Ela percebe, então, o que se espera dela e sente-se em *conflito de lealdade*, obrigada a escolher entre seus dois principais afetos. Dessa forma, é válido observar que, em casos de disputas judiciais, o narcisismo ferido do ex-parceiro *alienador* extrapola seu amor de pai ou de mãe, de modo que o(a) filho(a) serve de instrumento para sua vingança pessoal, para o “ajuste de contas”.

Quando Freud (1917/1996, p. 260) discorre sobre a elaboração da perda provocada pela morte de um ente querido, ele diz que “o ego (...) é persuadido, pela soma das satisfações narcisistas que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto abolido”. No caso do luto decorrente da morte, o narcisismo é um recurso psíquico de que o enlutado dispõe para a elaboração da perda, entretanto, quando a perda é decorrência do término de uma união amorosa, o narcisismo ferido dificulta a elaboração do luto, ou melhor, intensifica a dificuldade de desvinculação. Féres-Carneiro (1998, p. 384) registra que “a separação provoca nos cônjuges sentimentos de fracasso, impotência e perda”, sendo que o término do luto decorrente da separação amorosa é



frequentemente mais difícil de ser atingido do que o fim do luto provocado pela morte do cônjuge.

## **4**

### **Pesquisa de campo**

#### **4.1**

##### **Natureza da pesquisa**

Em função dos objetivos propostos por este estudo, o método utilizado na pesquisa foi qualitativo. A partir de uma pesquisa qualitativa, é possível compreender acerca dos sentimentos, ideias e comportamentos humanos, de modo que o pesquisador apreende os sentidos e as significações atribuídos ao fenômeno estudado pelos sujeitos da pesquisa (TURATO, 2003). De acordo com Minayo (2004), na pesquisa qualitativa, determinado fenômeno só pode ser interpretado quando são consideradas as reações e as concepções que os participantes do estudo têm dele. Dessa forma, esse método permite a compreensão do objeto de estudo em sua profundidade, tornando possível a investigação de suas peculiaridades.

O método qualitativo atende, portanto, aos propósitos deste trabalho, uma vez que pretendemos investigar o processo de dissolução da conjugalidade, incluindo os sentimentos e os comportamentos relacionados ao referido processo. Através do discurso dos participantes, visamos à obtenção de dados para a compreensão do processo de separação conjugal, não existindo a preocupação em generalizar tais dados, e sim o objetivo de identificar as singularidades desse processo para cada sujeito entrevistado.

#### **4.2**

##### **Sujeitos**

Nesta pesquisa, foi utilizada a amostra intencional, também conhecida como amostra proposital ou deliberada. Esse tipo de amostra é constituído através da escolha deliberada do pesquisador, que fica livre para decidir quais características os sujeitos da pesquisa devem ter para que seja possível conseguir informações relevantes sobre o tema estudado (TURATO, 2003).

Considerando que o objetivo deste trabalho é investigar o processo de dissolução da conjugalidade, os sujeitos selecionados foram homens e mulheres separados que ainda não recasaram. Esse critério de seleção visava evitar a obtenção de dados referentes a questões peculiares do recasamento. Segundo Féres-Carneiro (1987), a dinâmica interacional dos casais varia de acordo com sua configuração, de modo que casais de primeiro casamento e casais recasados investem diferentemente nas diversas dimensões que constituem a relação amorosa. Sendo assim, podemos supor que o luto decorrente do término do primeiro casamento e aquele vivenciado em decorrência de uma união subsequente têm características singulares.

Todos os participantes eram pertencentes às camadas médias da população carioca. Participaram deste estudo 10 homens e 10 mulheres que ficaram casados ao menos 3 anos, que estavam separados há, no mínimo, 1 ano, e no máximo, 7 anos, e que tiveram filhos com os ex-cônjuges. Tais critérios visavam homogeneizar a amostra tanto quanto possível. Com o tempo mínimo de casamento de 3 anos, pretendia-se isolar os dados relativos ao período inicial de adaptação dos parceiros, de maneira que as pessoas separadas que foram entrevistadas estavam elaborando a perda de uma conjugalidade que já havia sido consolidada. Quanto ao tempo mínimo de separação de 1 ano, tinha-se por objetivo selecionar pessoas que já haviam se distanciado do início do processo de dissolução da conjugalidade. A opção por pessoas que tiveram filhos com os ex-parceiros tem o intuito de avaliar de que forma pessoas separadas relacionam-se com os ex-cônjuges, uma vez que questões relacionadas à parentalidade os mantêm vinculados.

Conforme Minayo (2004), cada ator social, em seu contexto histórico, pertence a grupos sociais específicos, de modo que possui uma subcultura que lhe é peculiar e tem sua própria forma de relacionar-se com a cultura dominante. Partindo dessa premissa, foram consideradas as seguintes variáveis para descrever o perfil dos entrevistados: idade, profissão, duração do casamento, número de filhos, tempo de separação, tipo de separação e guarda/visitação. É importante mencionar que todos os participantes receberam nomes fictícios, visando à preservação de sua identidade.

Eis o perfil das entrevistadas:

- 1) Ana, 40 anos, analista de sistemas, casada durante 5 anos, separada há 6 anos e meio, tem 1 filha de 8 anos com o ex-parceiro. A

separação foi amigável. A filha dorme na casa do pai às quartas-feiras e em finais de semana alternados. Tomou a iniciativa de separação.

- 2) Bárbara, 38 anos, administradora, casada durante 7 anos, separada há 5 anos, tem 1 filha de 6 anos com o ex-parceiro. A separação foi amigável. A filha dorme na casa do pai em finais de semana alternados. A iniciativa de separação foi do ex-cônjuge.
- 3) Beatriz, 39 anos, administradora, casada durante 13 anos, separada há 6 anos, tem 2 filhos de 7 e 6 anos com o ex-parceiro,. A separação não foi ainda legalizada. Os filhos dormem na casa do pai, localizada em outra cidade, em finais de semana alternados. Quando o pai está no Rio de Janeiro, os filhos ficam com ele em mais um dia da semana, pernoitando na casa da avó paterna. A iniciativa de separação foi do ex-cônjuge.
- 4) Bruna, 39 anos, psicóloga, casada durante 6 anos, separada há 2 anos e meio, tem 1 filha de 4 anos com o ex-parceiro. A separação foi amigável. O pai leva a filha à escola duas vezes por semana e fica com ela em finais de semana alternados. A iniciativa de separação foi do ex-cônjuge.
- 5) Júlia, 38 anos, economista, casada durante 3 anos, separada há 4 anos, tem 1 filha de 7 anos com ex-parceiro. A separação foi amigável. A filha dorme na casa do pai em finais de semana alternados. Às vezes, o pai a visita durante a semana. Tomou a iniciativa de separação.
- 6) Letícia, 42 anos, administradora, casada durante 5 anos, separada há 6 anos, tem 1 filho de 8 anos com o ex-parceiro. A separação foi amigável. O filho dorme na casa do pai às quartas-feiras, em finais de semana alternados e, às vezes, às segundas-feiras. Tomou a iniciativa de separação.
- 7) Laura, 34 anos, fotógrafa, casada durante 12 anos, separada há 2 anos, tem 2 filhos de 12 e 7 anos com o ex-parceiro. A separação foi amigável. Os filhos ficam cinco dias seguidos com o pai e nove dias seguidos com ela. Tomou a iniciativa de separação.

- 8) Luíza, 42 anos, administradora, casada durante 6 anos, separada há 2 anos, tem 1 filho de 8 anos com o ex-parceiro. A separação foi amigável. O filho não dorme na casa do pai, mas eles têm contato frequente. Normalmente, eles se encontram em três dias da semana. Tomou a iniciativa de separação.
- 9) Márcia, 47 anos, pedagoga, casada durante 27 anos, separada há 2 anos, tem 3 filhos de 29, 27 e 15 anos com o ex-parceiro. O processo de separação é litigioso. Os filhos moram com o pai e a visitam de quinze em quinze dias. Tomou a iniciativa de separação.
- 10) Sônia, 52 anos, publicitária, casada durante 21 anos, separada há 6 anos, tem 3 filhos de 25, 24 e 18 anos com o ex-parceiro. O processo de separação é litigioso. A princípio, os filhos tinham pouco contato com o pai. Depois, os dois filhos mais velhos foram morar sozinhos, aproximando-se do pai e afastando-se dela. A filha mais nova tem contato frequente com o pai atualmente, mas continua morando com ela. Tomou a iniciativa de separação.

Entre as participantes, 8 moravam na Zona Sul e 2 na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Quanto ao estado civil, 7 uniões foram legalizadas e sacramentadas, 2 foram formalizadas apenas com registro civil e 1 não foi oficializada.

A faixa etária das mulheres entrevistadas variou entre 34 e 52 anos. A maioria delas tinha entre 38 e 42 anos, sendo a média de idade de 41 anos. Em relação à duração do casamento, o tempo de vida em comum variou de 3 a 27 anos, sendo que 6 participantes permaneceram casadas por um período entre 3 e 7 anos, 2 entrevistadas por 12 e 13 anos, e 2 ficaram casadas por 21 e 27 anos. É interessante mencionar que as participantes mais velhas foram aquelas que permaneceram casadas por mais tempo. O tempo de separação variou entre 2 e 6 anos. Uma das entrevistadas (Márcia, 47 anos) continuou morando com o ex-cônjuge por 1 ano e 7 meses. Nesse período, eles dormiam em quartos separados e o processo litigioso já estava em andamento. Quando o juiz determinou que ela recebesse uma pensão do ex-parceiro, ela mudou-se finalmente para outro apartamento. No momento da entrevista, ela estava em sua nova moradia há cinco meses. Apesar de formada em pedagogia, a

participante começou a trabalhar somente depois da separação, quando ainda coabitava com o ex-cônjuge.

Eis o perfil dos entrevistados:

- 1) Alfredo, 41 anos, engenheiro, casado durante 5 anos, separado há 4 anos, tem 1 filha de 7 anos com a ex-parceira. A separação foi litigiosa. Ele busca a filha na escola duas vezes por semana e fica com ela em finais de semana alternados. Tomou a iniciativa de separação.
- 2) Antônio, 50 anos, professor, casado durante 19 anos, separado há 2 anos e meio, tem 1 filha de 19 anos com a ex-parceira. A separação não foi ainda legalizada. A princípio, ele continuou tendo contato quase diário com a filha, pois ele trabalhava na escola em que ela estudava e sempre a via aos sábados ou aos domingos. Atualmente, eles têm contato às terças e às quintas, quando a filha estagia na escola, e também aos sábados ou aos domingos. Tomou a iniciativa de separação.
- 3) Arnaldo, 42 anos, engenheiro, casado durante 13 anos, separado há 2 anos, tem 1 filho de 11 anos com a ex-parceira. A separação foi amigável. O filho dorme na casa dele em finais de semana alternados e janta com ele uma vez por semana. A iniciativa de separação foi da ex-parceira.
- 4) Arthur, 39 anos, professor, casado durante 6 anos, separado há 1 ano e meio, tem 1 filha de 4 anos com a ex-parceira. A separação foi amigável. Ele busca a filha na escola três vezes por semana e fica com ela aos sábados ou aos domingos. A iniciativa de separação foi da ex-parceira.
- 5) Hugo, 49 anos, professor, casado durante 16 anos, separado há 1 ano, tem 2 filhos de 12 e 10 anos com a ex-parceira. A separação não foi ainda legalizada. Os filhos dormem na casa dele em finais de semana alternados e jantam com ele uma vez por semana. Tomou a iniciativa de separação.

- 6) Joaquim, 41 anos, radialista, casado durante 3 anos, separado há 3 anos, tem 1 filha de 4 anos com a ex-parceira. O processo de separação é litigioso. Ele fica com a filha em finais de semana alternados. Tomou a iniciativa de separação.
- 7) Marcelo, 45 anos, radialista, casado durante 11 anos, separado há 7 anos, tem 2 filhas de 17 e 11 anos com a ex-parceira. O processo de separação é litigioso. As filhas moram com ele, na casa da avó paterna. Elas dormem na casa da mãe nos finais de semana, sendo que a frequência com que isso acontece varia de um mês para o outro. A iniciativa de separação foi da ex-parceira.
- 8) Pedro, 46 anos, administrador, casado durante 17 anos, separado há 1 ano, tem 1 filho de 12 anos com a ex-parceira. A separação foi amigável. O filho dorme na casa dele em finais de semana alternados. A iniciativa de separação foi da ex-parceira.
- 9) Renato, 48 anos, músico, casado durante 10 anos, separado há 5 anos, tem 1 filho de 15 anos com a ex-parceira. A separação não foi ainda legalizada. O filho mora com ele e não tem contato com a mãe, que se afastou completamente. A iniciativa de separação foi da ex-parceira.
- 10) Sandro, 48 anos, tecnólogo em Hotelaria, casado durante 13 anos, separado há 6 anos, tem 2 filhos de 18 e 7 anos com a ex-parceira. O processo de separação é litigioso. A princípio, apesar de ele ter o direito à visitação, a filha mais velha não queria ficar na casa dele, aparecendo somente em datas comemorativas. Quanto ao filho mais novo, ele precisava prestar várias queixas na polícia para fazer valer seu direito de visitação. Atualmente, os filhos moram em outra cidade com a mãe. Tomou a iniciativa de separação.

Os participantes moravam na cidade do Rio de Janeiro, sendo que 4 na Zona Norte, 3 na Zona Sul e 3 na Zona Oeste. Em relação ao estado civil, 4 uniões foram legalizadas e sacramentadas, 2 apenas legalizadas e 4 não foram oficializadas.

No caso dos homens entrevistados, as idades variaram entre 39 e 50 anos. A média é de 44 anos. O tempo de vida em comum variou de 3 a 19 anos, sendo que 7 participantes ficaram casados por um período entre 11 e 19 anos e os demais permaneceram casados por 3, 5 e 6 anos. Quanto ao tempo de separação, todos os entrevistados estavam separados há, no mínimo, 1 ano e, no máximo, 7 anos. Depois da separação, 2 participantes (Arthur, 39 anos; Marcelo, 45 anos) continuaram coabitando com as ex-parceiras, dormindo em cômodos separados. No caso de Arthur, essa situação estendeu-se por mais ou menos 1 ano. Depois desse período, ele convenceu-se de que a situação era mesmo irreversível e deixou o apartamento onde residia. No momento da entrevista, ele já não morava com a ex-parceira há 6 meses. Marcelo, por sua vez, manteve-se nessa situação por 6 anos. A princípio, ele tinha esperança de reatar o vínculo. Depois, ele permaneceu coabitando o mesmo apartamento com a ex-parceira por causa das filhas, que ele considerava muito novas para lidar com a separação dos pais. No momento da entrevista, ele já não morava com a ex-parceira há 1 ano.

### **4.3**

#### **Instrumentos**

O instrumento utilizado para a coleta dos dados relevantes para a pesquisa foi a entrevista. Em se tratando do tema deste estudo, esse instrumento é o mais adequado para atingir os objetivos propostos, uma vez que se mostra eficiente na obtenção de informações sobre assuntos complexos e emocionalmente carregados, assim como, na identificação de sentimentos subjacentes ao discurso apresentado (SELLTIZ, 1975). Além disso, a escolha por esse instrumento deve-se ao fato de que, através da fala dos entrevistados, podemos apreender sistemas de valores, normas e símbolos, como também, as representações de determinados grupos sociais, em contextos históricos, socioeconômicos e culturais específicos (MINAYO, 2004).

Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada. Esse modelo de entrevista caracteriza-se pela utilização de um roteiro previamente elaborado. Por outro lado, os tópicos a serem abordados não obedecem a uma ordem pré-estabelecida, de maneira que a entrevista preserva o fluxo do discurso dos participantes. A flexibilidade desse tipo de entrevista para introduzir



os tópicos relevantes sobre o tema em questão foi apoiada, no caso do presente estudo, por um “roteiro invisível”. Em outras palavras, o participante não visualiza nenhum roteiro escrito, pois o pesquisador tem todos os tópicos a serem levantados em mente.

É importante ressaltar que um roteiro constituído de tópicos, e não de perguntas fechadas, permite o aprofundamento de questões importantes que podem emergir durante a entrevista, uma vez que o pesquisador fica livre para formular as perguntas que julgar necessárias para esclarecer cada um dos tópicos previamente elaborados.

O roteiro deste estudo é constituído dos seguintes tópicos:

- Motivação para o casamento
- Concepção de amor
- Concepção de casamento
- Desejo de separação
- Motivos da separação
- Decisão/iniciativa de separação
- Sentimentos depois de comunicar ao parceiro a decisão de se separar/sentimentos depois da comunicação do parceiro sobre a decisão de separação
- Comunicação da separação aos filhos (como foi)
- Reação dos filhos em relação à separação
- Reorganização familiar (moradia, guarda, visitação, etc.)
- Sentimentos logo após a separação
- Sentimentos atuais em relação à separação
- Mudanças decorrentes da separação (internas e externas)
- Momento mais crítico do período pós-separação
- Relação com o ex-parceiro logo após a separação
- Relação com o ex-parceiro no momento atual
- O que faria diferente num novo casamento

#### 4.4

##### Procedimento de coleta de dados

Após a revisão bibliográfica do tema da pesquisa e o estabelecimento dos critérios de seleção dos participantes, um roteiro provisório foi construído para a realização de uma entrevista-piloto. Através dessa entrevista, foi possível alterar e aperfeiçoar o instrumento desta pesquisa, acrescentando-se ao roteiro novos tópicos que se mostraram importantes para o desenvolvimento deste estudo.

A partir da confecção do roteiro definitivo, vinte entrevistas foram realizadas nos domicílios dos participantes ou em algum espaço disponível em seus locais de trabalho. Os entrevistados foram informados sobre o conteúdo da pesquisa de maneira clara e objetiva, ficando a seu critério a decisão de participar do estudo. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, mediante autorização dos participantes, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Quanto à preservação de suas identidades, foi-lhes assegurado que receberiam nomes fictícios, sendo garantido que não apareceria no presente estudo nenhum dado que pudesse identificar algum entrevistado.

Alguns participantes foram recomendados por pessoas próximas. Esses entrevistados, por sua vez, indicaram possíveis participantes e assim por diante, formando uma *amostragem por bola-de-neve*, na qual o participante interpelado é o intermediário entre o pesquisador e os próximos entrevistados (TURATO, 2003). De acordo com Nicolaci-da-Costa (1989), esse tipo de amostra é conveniente para quem quer investigar conflitos íntimos, uma vez que pessoas conhecidas sentem-se mais à vontade diante do pesquisador do que desconhecidos, discorrendo com mais facilidade sobre seus sentimentos e seus pensamentos íntimos. Desconhecidos demonstram frequentemente uma desconfiança natural e tendem a restringir-se a chavões e discursos prontos.

De um modo geral, os participantes mostraram-se solícitos através de seus depoimentos e suas indicações. Alguns entrevistados que indicaram conhecidos tiveram o cuidado de fazer o primeiro contato telefônico com os possíveis participantes, explicando-lhes de que se tratava esta pesquisa. Essa conduta favoreceu certamente o ambiente de confiança que se estabeleceu durante as entrevistas. Transcorridos os minutos iniciais, durante os quais alguns entrevistados pareciam tensos, os participantes mostraram-se, de fato, à vontade, não demonstrando constrangimento em expressar suas emoções. É interessante enfatizar que algumas entrevistas pareceram um momento

importante de elaboração, em que os entrevistados puderam dar vazão aos sentimentos e pensamentos relacionados ao término de suas uniões. Alguns participantes emocionaram-se a ponto de chorar, de modo que a pesquisadora precisou interromper algumas entrevistas em determinados momentos. Outros externaram a sua satisfação em participar desta experiência, agradecendo por esta oportunidade. Alguns entrevistados mostraram-se curiosos sobre os resultados deste estudo, demonstrando interesse em saber quais dados a pesquisadora estava obtendo com a realização desta pesquisa.

Com o intuito de transmitir da forma mais fidedigna possível a emotividade e a autenticidade exteriorizada nos depoimentos, as entrevistas foram transcritas na íntegra, preservando as características dos discursos dos participantes, como por exemplo, hesitações, ênfases, vícios de linguagem, expressões coloquiais, entre outros. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 1 hora. Enquanto algumas entrevistas duraram em torno de 40 minutos, outras duraram mais de 1 hora, sendo que uma entrevista chegou a 2 horas de duração.

## **4.5**

### **Procedimento de análise dos dados**

Os dados das entrevistas foram analisados qualitativamente, sendo articulados com a literatura que aborda o tema desta pesquisa. Foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), de maneira que os dados foram organizados por frequência, semelhança e contraste em categorias temáticas.

Após a transcrição das entrevistas, foi feita uma “leitura flutuante” de todo o material, com o objetivo de estabelecer contato com os dados que seriam analisados. Essa leitura não privilegia a princípio nenhum elemento do discurso, pois se trata somente de uma etapa de assimilação do material coletado, não existindo ainda no pesquisador qualitativista o propósito de classificar os elementos constitutivos do texto (TURATO, 2003). A categorização dos dados foi, na verdade, a etapa seguinte.

Depois da “leitura flutuante”, foi feito um levantamento das questões que se repetiam no depoimento dos entrevistados. A partir disso, foi possível observar a emergência de diversas áreas temáticas, que passaram a ser articuladas com a fundamentação teórica, de acordo com os objetivos deste estudo. Sendo assim, as informações comuns selecionadas, obtidas das falas de homens e mulheres,

foram também agrupadas por gênero e, em seguida, cruzadas dentro dessas categorias de análise emergentes. Tal procedimento possibilitou uma análise dos discursos feminino e masculino nas dimensões estudadas e, conseqüentemente, um entendimento das semelhanças e das diferenças entre as vivências de homens e de mulheres no processo de separação conjugal.

## 5

### Análise e discussão dos resultados

#### 5.1 Amor e casamento

Nessa categoria de análise, emergiram os seguintes tópicos: motivação para o casamento; e concepções de amor e de casamento.

##### 5.1.1 Motivação para o casamento

Ao discorrerem sobre as razões que os levaram ao casamento, os participantes do presente estudo ressaltaram o amor como sendo um dos principais motivos.

*Eu me apaixonei, né? rsrsrs (...) As coisas foram rolando (...) Eu tava apaixonada, ele era incrível... (Laura, 34 anos)*

*Eu era de quatro por ele... (...) Totalmente apaixonada. Era “Deus no céu e aquele homem na Terra”. (...) Eu não olhava pra ninguém na rua. (Sônia, 52 anos)*

*O que me motivou a casar? Amor. (...) Eu casei por amor. Por incrível que pareça, eu casei por amor. (Luíza, 42 anos)*

*A casar? Eu era muito apaixonada pelo meu ex-marido... (Júlia, 38 anos)*

*O que me motivou? Foi encontrar uma pessoa que eu gostasse... (Arthur, 39 anos)*

*Ela tinha o sonho de casar na Igreja, eu também. E foi isso que desencadeou. Com certeza, baseado no amor que a gente sentia. (Antônio, 50 anos)*

*O que motivou? Eu gostava dela e que... Evidentemente, eu achava que ela seria a mulher da minha vida. (Hugo, 49 anos)*

*Ela foi com esse jeito dela me... me cativando muito e eu gostei tanto dela, logo de cara e tudo, que eu pensei que já tava na hora de eu arrumar alguém pra ficar comigo. E... o relacionamento tava tão intenso, que eu deixava ela em casa hoje, dez horas da noite...eu já ficava pensando, quando acordava, na hora de voltar pra pegá-la e...então, aquilo é uma coisa constante que você vai... vai te envolvendo. (Pedro, 46 anos)*

As falas acima corroboram a união entre amor e casamento, como destacado pela literatura sobre a expressão e a ritualização do amor ao longo da história (COSTA, 1998; D' INCAO, 2006; MUSZKAT, 1992; PORCHAT, 1992; PRIORE, 2005).

Outra razão que aparece com frequência nos depoimentos dos entrevistados, quando indagados sobre a motivação para o casamento, é a constituição da família. Como veremos a seguir, a formação da família aparece como um dos objetivos do casamento.

*Eu não pensei duas vezes que ele seria um bom pai pros meus filhos, entendeu? Eu sabia. (Laura, 34 anos)*

*Eu acho que, quando a gente casa, a primeira vez que a gente casa, pra formação de uma família, pra criar os filhos, a gente tenta o máximo que pode, enquanto mulher. (Márcia, 47 anos)*

*Na época, me pareceu uma coisa natural. Você, com vinte e poucos anos, sair da casa dos pais pra constituir a sua família. Me pareceu o caminho natural, eu não via outra possibilidade que não fosse essa. Entendeu? (Arnaldo, 42 anos)*

*Na minha cabeça, era constituir uma família, proteger essa família, dar o melhor pra essa família... (Marcelo, 45 anos)*

*O que motivou? (...) Formar uma família, ter os filhos, essas coisas todas. Acho que casamento é mais ou menos isso. (Arthur, 39 anos)*

Nas próximas falas, a constituição da própria família é uma forma de dar continuidade as satisfações emocionais vivenciadas na família de origem ou de compensar a falta delas.

*Eu queria formar a minha família, né? Ter, talvez, a proximidade e o afeto (...) que eu não tive dentro de casa, com meus pais, né? E dar todo o amor que eu tinha dentro de mim. (Sônia, 52 anos)*

*Sempre sonhei em casar. Acho que toda mulher sonha, né? Constituir uma família, na verdade. E... não sonhava em casar... com o casamento branco, o casamento Igreja é... não era esse o meu sonho. Era a constituição da família mesmo, ter filhos, ter a família... (...) Pra mim, essa coisa da estrutura familiar, de ter uma base sólida, ter um porto seguro (...) ter o aconchego, ter ombro do pai ou da mãe ou do irmão... (...) Eu tenho muito forte isso dentro de mim. Família, família, família... E eu queria dar continuidade a isso. (Bruna, 39 anos)*

*Acho que é construir uma família mesmo. (...) Construir, ter vontade de ter filho, ter uma casa, ter... essa continuidade que todo mundo sonha, principalmente a mulher, né? Casar. (Letícia, 42 anos)*

*Eu sempre imaginei isso: “pô, um dia eu quero ter uma família”. Sabe? Assim, bem estruturada. Sempre foi um desejo meu, por eu não ter tido isso, né? (...) Eu sempre quis, né? Que... promover isso pra mim, né? (...) Sempre foi uma coisa muito importante pra mim. (...) Eu idealizei uma coisa assim. (Renato, 48 anos)*

Sendo a sociedade cada vez mais individualista, o lar tornou-se um dos poucos lugares do mundo contemporâneo que proporcionam um sentimento de pertinência. Os poucos integrantes da família têm, então, uma importância capital, tendo a obrigação de prover toda a afetividade de que se necessita (JABLONSKI, 1988).

Os discursos dos participantes confirmam o que é postulado por Porchat (1992) sobre a influência da família de origem na dinâmica interacional do casal. Nas falas dos entrevistados, o sonho de formar a própria família incluía a expectativa de que o casamento fosse fonte das mesmas satisfações emocionais vividas na infância ou, ao contrário, compensasse o que faltou. Em função da estreita relação entre pais e filhos, os cônjuges levam para o casamento insatisfações e expectativas derivadas da relação que tiveram com seus pais.

Ainda, refletindo sobre a constituição da família como finalidade do casamento, é importante ressaltar que a descoberta de uma gravidez também está entre os motivos que levaram os entrevistados ao casamento.

*A gente namorava já há três anos e meio. Aí, a gente tava meio que em vias de morar junto. Aí, eu engravidei e a gente resolveu realmente oficializar a relação e casar mesmo. (Júlia, 38 anos)*

*No meu caso, foi o filho inesperado, né? Uma filha inesperada. (...) A partir do momento também que aconteceu a gravidez, foi mais aquela coisa... sempre tive vontade de ter um filho, né? "Vamos ter uma família, vamos conviver em uma família." (Alfredo, 41 anos)*

*Ela era minha namorada, eu conhecia há pouco tempo, ela ficou grávida. Eu estava apaixonado, eu não amava ela, eu estava apaixonado por ela. (...) Achei que teria que assumir essa posição, firmei o compromisso e tentei. Mas, não foi um... não foi nada planejado, né? Foi imposto, foi uma coisa... apareceu e eu tomei a decisão que eu tinha que tomar. (Sandro, 48 anos)*

*A gente não ia ter. Mas, na hora, ela resolveu ter. Eu assumi. Então... quer dizer, são coisas da circunstância. (Renato, 48 anos)*

Além da descoberta de uma gravidez, é válido destacar também a pressão do relógio biológico, que precipita a mulher, muitas vezes, ao casamento e à maternidade.

*Acho que a vida é um pouco cruel com a mulher, né? O relógio biológico. Eu acho que tem uma coisa muito... muito de relógio biológico e muito cultural, e uma cobrança em cima, tá? (...) Era uma coisa (o casamento) que eu quis, claro. Mas, eu vendo depois, friamente, eu vejo que tem uma cobrança muito cultural e eu acho que a mulher fica muito presa ao casamento e deixa de aproveitar algumas coisas. Eu acho, vejo, muitas mulheres assim (...) procurando o tal príncipe encantado (...) uma pessoa pra casar. O casamento é um objetivo, é um foco, é um... assim como você faz ginásio (...) termina o colégio, vai pra faculdade, você... Então, não tem uma rotina que se segue, mas uma cultura que se segue, em que faz parte chegar num ponto que você tem que casar, né? (...) No meu caso, tinha amor (...) não foi uma coisa de forçar a barra nesse sentido. Mas, existe uma cobrança cultural em relação a isso. Talvez, se eu não tivesse presa a essa coisa do casamento, não sei... (...) O homem se dá um pouco mais de tempo. A mulher, não. Eu, sei lá, já casei tarde. Pro homem, talvez, seja cedo, né? (Ana, 40 anos)*



Embora a contemporaneidade comporte diversas formas vanguardistas de conjugalidade, internalizamos um modelo tradicional de casamento e família. Assim, apesar de a mulher ter outras aspirações, além daquelas relacionadas à esfera afetiva, ela identifica-se ainda com o casamento e a maternidade.

No discurso acima, a entrevistada refere-se ao casamento e à maternidade como norma, uma vez que as mulheres são pressionadas pela sociedade e, conseqüentemente, pelo relógio biológico a tornarem-se esposas e mães. A fala da participante está em consonância com o que é ressaltado por Rocha-Coutinho (2005; 2009), por Badinter (2011) e por Goldenberg (2001) a respeito da socialização da mulher, que leva a uma associação entre maternidade e feminilidade que perdura até os dias atuais.

O depoimento seguinte indica a permanência do estereótipo da “boa mãe”. Quando questionado sobre os motivos que o levaram ao casamento, o entrevistado afirmou que, além de estar apaixonado, a ex-parceira tinha o perfil de mulher que ele estava procurando, uma vez que ele buscava uma mulher que pudesse ser uma “boa mãe”, dedicando-se integralmente à maternidade.

*Essa (a ex-parceira) (...) é uma mulher mais de casa (...) é uma menina mais serena e tudo mais. (...) Ela é...todo aquele perfil que eu tava procurando, de mulher. Uma mulher que gosta de criança, que pudesse ficar um tempo em casa, cuidando do meu filho. Porque eu não queria botar na mão de ninguém. (...) O que me encantou no início, voltando à pergunta, foi justamente o jeito de ser uma mãe realmente, né? (Pedro, 46 anos)*

Na atualidade, essa imagem estereotipada da “boa mãe” ainda está presente, em maior ou menor grau, sendo corroborada pelos profissionais da área da saúde. Sendo assim, para algumas mulheres, os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos constituem ainda um “trabalho em horário integral”, conforme pontuado por Rocha-Coutinho (2009), por Badinter (2011) e por Goldenberg (2001).

### **5.1.2 Concepções de amor e casamento**

Quando questionados sobre como entendiam o amor, vários participantes descreveram-no como um sentimento altruísta, em que prevalece a preocupação

com o bem-estar e a felicidade do outro. Amar, segundo os entrevistados, seria estar disponível, cuidar ou doar-se para o outro:

*Amor é desejar bem ao outro... sem nenhum... nenhum interesse por retorno, entendeu? É aquele sentimento puro, puro, né? De carinho, de desejar bem, de torcer pela pessoa. (Bárbara, 38 anos)*

*O que eu entendo por amor é você querer cuidar da pessoa, ter carinho, compreensão, você ser companheiro, você se interessar pela vida da pessoa, você querer, você... é... tá preocupada quando o outro tá preocupado, é... dar suporte... dar suporte emocional. (Luíza, 42 anos)*

*Acho que é desejar o bem-estar da outra pessoa, querer estar com a outra pessoa é... fazer as coisas para que ela fique feliz e que te deixe feliz também por isso, né? É abrir mão e cuidar da outra pessoa, eu acho que é isso. (Antônio, 50 anos)*

*Eu acho que amor é uma... uma coisa do bem, né? Uma coisa assim de você... querer ser feliz, sabe? Buscar a felicidade, a felicidade das pessoas que tão com você é... é uma coisa que eu acho, assim, que é nada egoísta, entendeu? Que é pensando mesmo, assim, no todo, numa felicidade mais ampla. Quer dizer, muita coisa, né? Acho que, talvez, o sentimento mais importante que existe. Não há dúvida, né? Fundamental, né? (Renato, 48 anos)*

*É um sentimento de doação que você se permite por outra pessoa, né? De querer... de querer, sei lá, de alguma forma, cuidar dela, estar disponível pra ela, né? (Sandro, 48 anos)*

Apenas uma entrevistada incluiu, na definição de amor, a preocupação em preservar a individualidade do outro. Apesar de liberdade e privacidade aparecerem no cenário contemporâneo como valores extremamente validados, essa participante foi a única que, ao definir o amor, mencionou uma preocupação em não invadir o espaço do outro. Seu discurso apresenta o paradoxo que caracteriza os relacionamentos amorosos na contemporaneidade:

*Amor eu acho que é uma entrega, uma doação **total** (grifo nosso), o máximo que você pode dar a alguém, né? (...) Sem que você tolha essa pessoa, né? Sem que você proíba essa pessoa de ser uma pessoa, sem que ela perca a individualidade dela, né? Sem que ela deixe de fazer as coisas dela. (...) Porque eu acho que as pessoas tem que ter privacidade,*

*elas têm que ter individualidade. E elas têm que aprender a conviver com as outras dessa forma, respeitando. Amando e respeitando, né? Então, assim, é aquela forma de você se doar e fazer **tudo** (grifo nosso) pelo outro. (...) Então, eu acho que é isso. É você se doar, né? **Integralmente** (grifo nosso), dentro de um limite de respeito ao outro, até onde você pode ir sem sufocar e impedir que ele seja uma pessoa. (Sônia, 52 anos)*

Essa definição aparentemente completa apresenta uma contradição, pois podemos questionar como é possível doar-se totalmente a alguém sem tolher sua individualidade. Podemos supor que a fala da entrevistada aponta para o desejo de fusão emocional, que tem sua representação consciente naquilo que ela denominou de “doação total”. Por outro lado, a participante está ciente da necessidade de preservar a liberdade e a privacidade do parceiro amoroso. Em outras palavras, no depoimento acima, o respeito à individualidade aparece juntamente com aspectos “simbióticos”, diretamente relacionados ao amor romântico. O conflito entre individualidade e conjugalidade aparece na fala da entrevistada, corroborando o que é destacado por Féres-Carneiro (1998) e por Goldenberg (2003) sobre o casamento contemporâneo.

Esse conflito pode ser observado também no discurso a seguir. Embora os aspectos “simbióticos” apareçam isoladamente na concepção de amor, quando o participante começa a discorrer sobre casamento, podemos constatar o mesmo paradoxo do depoimento anterior.

*Amar é justamente isso, amar é você respirar a outra pessoa. Tudo que você for fazer, você tem sempre a lembrança de incluir aquela pessoa na sua vida, em qualquer... Então, pra mim, você falar pra pessoa “poxa, eu te amo” é uma coisa muito forte, não é uma coisa pra se falar da boca pra fora. (...) Eu acho que o que faz hoje o casamento perder o seu brilho é justamente você deixar os prazeres, as coisas que te davam prazer antes do casamento, quando você se une. (...) Você tem que assumir compromissos desse matrimônio, mas também não deixar as suas vontades de lado, né? Chegar pra sua esposa e falar “pô, hoje é quarta-feira, vou jogar uma bola com meus amigos”. (Pedro, 46 anos)*

Os casais contemporâneos perdem-se, portanto, entre exigências que se contrapõem, de maneira que desejam a vivência da intimidade e da individualidade simultaneamente (GOMES, 1992; PORCHAT, 1992).

Além de aspectos fusionais, os entrevistados mencionam as categorias “para sempre” e “único”, também presentes no amor romântico. Analisemos as concepções de casamento a seguir:

*Eu entendo por casamento “até que a morte os separe”, que a partir do momento que você escolhe a pessoa e você fica junto acredito... como o meu casamento, por exemplo, tinha amor... eu acredito em crises que... eu acredito em crises que poderiam ter sido resolvidas, tá? Casamento pra mim é... quando eu casei foi pra sempre. (...) Na minha cabeça, era pra sempre. (...) Quando eu casei, eu tava dando um passo pra sempre, entendeu? E com sonhos... algumas divergências e tal, mas pessoas que se gostam querem levar a vida juntas e fazer planos juntas. (Ana, 40 anos)*

*Casamento é uma união de duas pessoas que se amam e querem conviver pro resto da vida, que querem dividir, trocar, enfim... que têm compromisso um com o outro, né? (Júlia, 38 anos)*

*Acho que casamento, pra mim, foi um sonho, né? Um príncipe encantado, uma fantasia. E eu fiquei vendo essa fantasia muito tempo. Pra mim, era uma coisa que era pro resto, realmente, da vida e eu ia fazer o máximo... (Márcia, 47 anos)*

*Com dois anos de namoro, a gente casou. E aí realmente eu achei que era pra sempre (risos). (...) Parecia, mas não foi (risos). (Bruna, 39 anos)*

*Eu gostava dele pra cacete (...) eu me casei pra ficar a vida inteira casada (começou a chorar). (Sônia, 52 anos)*

*Caminhar lado a lado, com o mesmo objetivo, até o final da vida, na vitória ou na derrota. Um lado a lado do outro porque ninguém vive só de felicidade. (Joaquim, 41 anos)*

*É uma união que a gente... (pausa) não pensa que vai acabar, uma coisa que a gente acha que é pra sempre. (...) O casamento é uma instituição que você acha que é pra vida toda, que é uma coisa que você vai envelhecer junto, você vai... uma cumplicidade enorme. (...) Enfim, é um contrato, entre aspas, que você faz pra vida toda. Daí, a aliança, né? Que é uma coisa que não tem fim, nem começo nem fim. (...) Eu achava que ela seria a mulher da minha vida. Então, seria uma coisa pra toda vida. (...) Não foi. (...) Não é uma novela da Globo. (Hugo, 49 anos)*

*Sou de uma família em que as pessoas sempre tiveram casadas e felizes. Eu sempre acreditei que o casamento era um sacramento a não*

*quebrar, né? E eu acredito nisso, pode ter certeza que sim, apesar de não ter mais jeito de, daqui pra frente, manter essa promessa com Deus. (Antônio, 50 anos)*

Apesar de as relações amorosas configurarem cada vez mais o que Giddens (1993) denominou de amor confluyente, os participantes tinham a expectativa de permanência em relação ao vínculo conjugal. Esses dados confirmam a ideia de que aspectos do amor romântico estão ainda presentes no imaginário social, resistindo à passagem do tempo, conforme postulado por Goldenberg (2003). No amor romântico, o casamento é indissolúvel porque o amor verdadeiro é para sempre. É interessante mencionar que o ideal de indissolubilidade é difundido também pela Igreja Católica, como percebemos no último depoimento.

Ainda, considerando a ideia romântica de que o amor verdadeiro é eterno, é válido observar a fala seguinte. Formulando uma distinção entre amor e paixão, a entrevistada afirma que o amor traz a segurança de que o casamento vai ser eterno:

*Amor, diferentemente da paixão, que é aquela coisa louca, que tira os pés do chão, que faz ver coraçãozinho em tudo, o amor é aquela coisa morna, que faz... É uma coisa mais estável, mais segura... Solidifica tudo o que você sentiu na paixão de forma enlouquecida (risos), mas com segurança de que vai ser eterno, né? O casamento. Parecia (risos), mas não foi. (Bruna, 39 anos)*

Nos depoimentos a seguir, as concepções de casamento mesclam aspectos românticos, como cumplicidade e companheirismo, com a capacidade de experimentar prazer sexual:

*Cumplicidade, um tem que ser cúmplice do outro. Além do tesão, da cama, você tem que ter cumplicidade, tem que ter é...o carinho (...) É você cuidar, né? Da sua relação. O casamento, pra mim, seria um... "tamo junto e misturado pro que der e vier" (Luíza, 42 anos)*

*Ai, casamento, vou te falar. Acho que é tudo que eu tive com o Diego (ex-parceiro), de companheirismo, de cumplicidade, mas com uma dose de sexo bom, que eu não tive. Porque eu acho que isso é importantíssimo no casamento. (...) Acho que é sexo, amizade, cumplicidade. Quer*

*também... ter as mesmas vontades, ter as mesmas ambições, ter afinidades, né? (...) É um conjunto, é difícil, né? Acho que casamento é uma coisa... falida, né? (risos) (Beatriz, 39 anos)*

*Acho que casamento passa por todas essas questões que apoiam o amor, que eu falei: o companheirismo, a solidariedade, a presença, o apoio, o respeito, o sexo, o carinho. Eu vejo isso como um... uma coisa bastante completa. (Sandro, 48 anos)*

A versão de amor contemporânea inclui a satisfação sexual como elemento fundamental na manutenção do vínculo amoroso. A importância atribuída ao prazer sexual pode ser observada também nas concepções de amor abaixo:

*Amor... eu não sei... (...) É abrir mão e cuidar da outra pessoa, eu acho que é isso. Tem também a questão da atração, da paixão. Eu acho que isso movimenta muito o amor. E isso é positivo. (Antônio, 50 anos)*

*Amor... amor é uma combinação de... o amor pra sustentar um casamento é uma combinação de desejo, paixão e afeto. É isso. Confiança... (pausa) é isso. Desejo, confiança, afeto. (Arnaldo, 42 anos)*

Na contemporaneidade, homens e mulheres entendem que o amor conjugal deve incluir a satisfação sexual. A sexualidade, desvinculada da procriação, tornou-se um atributo dos indivíduos e suas relações, como observaram Giddens (1993) e Gomes (1992). Sendo assim, a influência do romantismo nos vínculos amorosos tem limites, pois o amor romântico nunca colocou o prazer sexual como fator essencial do relacionamento amoroso. Tratava-se de um amor de companheiros, caracterizando-se por um “encontro de almas” (GIDDENS, 1993; POSTER, 1979).

## **5.2 Motivos da separação**

Nessa categoria, serão analisados os fatores que, segundo o ponto de vista dos participantes, contribuíram para o processo de separação. Entre eles:

divisão sexual do trabalho, infidelidade, falta de amor, diferenças de educação e de interesses.

### 5.2.1 Divisão sexual do trabalho

Os papéis de gênero no casamento e na família ainda sofrem a influência dos valores tradicionais, a despeito do discurso que defende uma conjugalidade igualitária. Essa característica do casal contemporâneo aparece nas falas das participantes, quando indagadas sobre as razões do término do casamento:

*Porque eu estava muito cansada, sabe? Não me ajudava, não ia no mercado. Eu que tinha que fazer isso tudo. (...) Eu pedia várias vezes pra ir no mercado, aí demorava a semana inteira e não ia. Tava ficando tudo zerado aqui. Aí, eu chegava onze horas da noite, dava de mamar, botava pra dormir, ele tava em casa e eu ia no mercado. Tava morta. (...) Porque ele não tinha essas responsabilidades, essa parceria que eu falo que o amor tem que ter. O casamento tem que ter parceria, companheirismo, cuidado um com o outro, você sentir o que o outro sente, tentar se colocar no lugar do outro. (...) Eu saía de casa triste, cansada, morta. Porque eu não tinha ninguém pra me ajudar, junto, sabe? Um marido que me ajudasse em tudo, não tinha. ( Letícia, 42 anos)*

*Eu trabalhava, tava com a filha recém-nascida e, aí, ele queria atenção e eu também muito cansada. (...) Ele não foi muito parceirão, sabe? (...) Por exemplo, uma coisa que a gente decidiu junto foi, a cada quinze dias, não ter nenhuma babá, nada. Só que aí eu me dedicava muito mais por ela (filha) do que ele. Pra ele, era um fardo, aquilo era cansativo, entendeu? (...) Então, houve aquele afastamento natural, ou seja, cada um tava indo pra caminhos diferentes, né? (...) Principalmente o homem brasileiro ele é... ele tem esse lado, ainda muito acentuado, de ele prover financeiramente, né? E a mulher fica com a casa, com os filhos... Ele tem sido mais participativo com os filhos, mas mesmo assim ainda é aquela coisa muito... a mulher é muito mais sobrecarregada, entendeu? (Bárbara, 38 anos)*

*Da minha parte, foi... foi a falta da cumplicidade, foi a falta da... do cuidado. De repente, eu me vi cuidando da casa, cuidando do filho, cuidando dele. (...) Eu cuidava da parte financeira, da parte... tudo, cuidava de tudo. (...) Não tinha suporte nenhum. (...) Aí, começou a ser um desgaste, né? Porque eu me senti muito sobrecarregada, né? Que diacho de relação era essa em que eu tinha todos os deveres e ele... o único dever entre aspas dele era botar dinheiro em casa. (Luíza, 42 anos)*

*Porque eu não tava mais feliz, tava me sentindo muito sozinha. (...) Quando você tá... filho pequeno...aí a pessoa também não te ajuda muito. Aí mil crises, aí “vou melhorar agora”, aí não melhora mais, aí não*

*ajuda. Eu me sentia muito sozinha, entendeu? Eu não tinha mais um companheiro, que é o casamento, o companheirismo... o compromisso. (Júlia, 38 anos)*

*Optamos por não ter babá. Por isso que eu parei de trabalhar, pra não ter babá e cuidar da nossa filha. Eu me dediquei muito à gravidez, à maternidade. Então, realmente, por opção, eu acabei virando mãe em tempo integral. Com isso, meio que morri pra vida, né? Fiquei muito ali, naquela situação: mãe, mãe, mãe, o tempo inteiro. É... isso pode ter atrapalhado muito o casamento. Hoje, eu sei que isso pode ter atrapalhado muito o casamento. (...) Acho que a rotina, o dia a dia, é muito desgastante. E eu infelizmente... não sei se fui eu, se foi ele, se fomos nós... não sabemos lidar com isso. (...) Quando seu marido chega em casa e você não tá trabalhando, você tá com aquela cara de mãe, acabada, doida pra passar a criança pro pai, né? Que era o meu caso, sem babá, né? Fazia tudo. (...) Descabelada, a casa de cabeça pra baixo, brincando de tudo pra poder desenvolver a criança, preocupada com o desenvolvimento psicomotor, emocional (risos) lendo todos os livros de como desenvolver a criança (risos) A louca, né? A mãe que quer desenvolver a criança, seguindo todas aquelas coisas, né? (risos) Todos os manuais... Então, não dá pra ser perfeita, não dá pra ser a mãe perfeita, a mulher perfeita, a profissional perfeita... E a mulher quis esse lugar no mundo, né? Só que ela não dá conta de tudo, alguém tem que ajudar. (...) Ou você tem babá ou você se ferra. No meu caso, se ferra. rrsrrsrs (Bruna, 39 anos)*

Essas falas indicam resquícios do momento histórico anterior. Apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, predominam ainda, no ambiente doméstico, os papéis de gênero tradicionais, o que gera uma distribuição desigual das tarefas desempenhadas no lar. Nos depoimentos acima, a pouca ou nenhuma participação dos homens nas atividades domésticas é entendida, pelas mulheres, como falta de companheirismo, cumplicidade e cuidado. Esses dados estão em conformidade com o que é descrito por Jablonski (2007) e por Heilborn (2004) sobre as tensões conjugais decorrentes de um padrão de conduta tradicional por parte dos homens.

Ainda, considerando a influência de valores tradicionais no casamento, é importante ressaltar o último depoimento. A entrevistada reflete sobre sua opção extrema de abandonar a carreira profissional para “virar mãe em tempo integral”, afirmando que essa atitude “pode ter atrapalhado muito o casamento”. Tal reflexão está em concordância com o que é ressaltado por Badinter (2011). Como afirma a autora, ao mesmo tempo em que o ideal de maternidade é cada vez mais coercitivo, a mãe em tempo integral pode ser rotulada de “desinteressante”.



Em contrapartida, entre os homens entrevistados, apenas um reclamou da conciliação família-trabalho, deixando bem claro ao longo da entrevista que ele acreditava ter desempenhado funções que eram, na verdade, responsabilidade da ex-parceira.

*Por causa da gravidez, ela, por ser uma pessoa meio chata com certas coisas, ela... não queria que colocasse nenhum estranho em casa pra ajudar. (...) Então, ela ficou durante onze anos quase, basicamente, cuidando das crianças, né? Onze anos porque, com seis, ela engravidou da segunda. Aí, quando ela começou a pensar em trabalhar, a mais velha tinha onze anos. Mas, só voltou a trabalhar no início de 2007. (...) O acordo era ela arrumar um emprego onde ela colocasse as meninas na escola e voltasse ou pra pegar ou pelo menos pra dar o jantar. Porque o meu horário é incerto aqui. Entendeu? E acabou que não era nada disso. Ela começou a trabalhar, saindo 8h da manhã e chegando 8h da noite. (...) Eu comecei **eu** (grifo dele) a fazer tudo pras meninas. (...) O que eu fazia? Eu acordava cedo, eu fazia a comida, eu dava almoço pra caçula, que entrava à tarde. Então, eu só saía de casa depois que a caçula ia pra escola. A mais velha chegava, eu dava almoço. (...) Então, eu já deixava tudo pronto pras duas. Almoço e jantar prontos. (...) Todo dia quem fazia a comida era eu, quem dava banho era eu, quem mandava pra escola era eu, né? E **ainda** (grifo nosso) tinha que aceitar as cobranças da mãe (da ex-parceira). Criticando... criticava a comida, mas comia a comida. (Marcelo, 45 anos)*

Enquanto as falas femininas denunciaram a pouca ou nenhuma participação masculina na realização das tarefas domésticas, esse depoimento indica, de fato, uma mudança comportamental por parte do entrevistado. Essa mudança não é acompanhada, contudo, por uma transformação ideológica. O participante queixa-se de que a ex-parceira não cumpriu o acordo por eles estabelecido, que consistia na promessa de que ela arrumaria um trabalho de meio-expediente. Nessa promessa, que não se concretizou, fica implícita a ideia de que o cuidado com as filhas é responsabilidade da ex-parceira, de modo que o entrevistado assumiu esse cuidado como se ele estivesse fazendo uma concessão, ou seja, ele estava fazendo algo que, a princípio, não era sua obrigação. É interessante observar que ele afirma que “**ainda** tinha que aceitar as cobranças da ex-parceira”.

No caso desse participante, o reingresso da ex-parceira no mercado de trabalho, em tempo integral, foi um fator que contribuiu para o processo de separação. No próximo discurso, verificamos exatamente o contrário. O

entrevistado menciona a dificuldade financeira enfrentada no casamento a partir do momento em que ele se torna o único provedor da casa.

*Foi uma época muito ruim que a gente conviveu, entendeu? A gente ganhava muito bem, os dois ganhavam muito bem, aí um perdeu o emprego, o outro perdeu o emprego é... Aí, ela desistiu de tudo, foi fazer concurso. Aí, ficou estudando pra concurso uns três, quatro anos. E só estudando e eu só trabalhando, sabe? Uma só estudando, passando o dia todo fora, e eu só trabalhando, sabe? A nossa convivência foi se... sei lá, fugindo, entendeu? Foi se desgastando. Aí, veio o filho também. Aí, o que acontece? A nossa renda cai, só que nossos gastos aumentam. (...) Aí, começou o conflito, a briga, é... E ela só estudando e eu só trabalhando, pagando as contas todas, entendeu? (...) Foi um erro que a gente entrou sem fim, entendeu? (Arthur, 39 anos)*

Ao mesmo tempo em que as transformações sociais pulverizam lenta e gradativamente a figura do provedor, contribuindo para a ruptura da hierarquia doméstica, marcas da estrutura tradicional subsistem no imaginário social (GOMES e RESENDE, 2004). Dessa forma, entre os depoimentos masculinos, notamos os resquícios da cultura patriarcal. Se, por um lado, a divisão tradicional do trabalho afasta ainda a maioria dos homens das tarefas domésticas, por outro, aprisiona-os muitas vezes no papel de principais provedores da família. Essa situação pode ser vivenciada com angústia pelos homens, que se sentem frequentemente aliviados quando podem contar com suas esposas no orçamento doméstico (RAMOS, 2003).

### 5.2.2 Infidelidade

A infidelidade é o fator que mais aparece no discurso dos participantes quando indagados sobre as razões pelas quais a separação ocorreu. Os relacionamentos extraconjugais aparecem, como motivos para o término do casamento, mais na fala das mulheres do que no discurso dos homens.

*Eu falei que não acreditava mais na gente. Porque ele me decepcionou tanto que eu não acreditava mais. (...) Ele me decepcionou... ele começou a me decepcionar **quando nosso primeiro filho nasceu** (grifo nosso), entendeu? Porque ele me traiu, eu descobri. E, antes de eu saber que ele tava me traindo, eu já percebia a frieza dele. A nossa filha tava*

com meses, entendeu? (...) Ele começou a me decepcionar ali e ele parou... quer dizer, ele parou não, ele continuou me decepcionando, entendeu? (Laura, 34 anos)

Eu que botei ele pra fora (rsrsrs), mas ele que fez besteira, entendeu? Ele começou a me chifrar, entendeu? Arrumou outra, entendeu? Então, teve traição, mas... eu tava com... aquela história, né? **Eu tava com neném pequeno** (grifo nosso), né? (Ana, 40 anos)

Porque ele era muito galinha e, aí, chegou um dia, né? (...) Tem um limite pra tudo na vida, né? (...) Eu comecei a descobrir muita galinhagem, galinhagem atrás de galinhagem. Depois, descobri site na internet, onde ele tinha perfil pra fazer putaria. E, aí, eu não quis mais, né? Chega. Eu acho que tudo na vida tem um limite. (Sônia, 52 anos)

Eu fui ver os e-mails do trabalho. (...) Ele esqueceu e desligou só o monitor. (...) Tavam os e-mails todos lá: “ah, minha querida, quando eu for pra Búzios velejar, a gente vai se encontrar de novo...” (...) Ele falou que isso era só uma brincadeira. (...) Eu falei que não importava. “Eu não quero nem saber se isso é brincadeira ou não. A gente já tá terminando o casamento aqui.” (...) Eu já estava me separando e, aí, só agravou. Foi assim o pingo d’água, né? (Letícia, 42 anos)

Ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né? Que trabalhava com ele, que era estagiária dele, assistente dele, que eu botei na empresa, que eu aumentava o salário, frequentava a minha casa. (...) Então, isso pra mim... eu fiquei muito mal porque foi aquele choque, né? Eu nunca imaginei que ele fosse fazer isso, ainda mais com uma pessoa que frequentava a nossa casa, que eu protegia. (Beatriz, 39 anos)

Ele disse que tava indo embora, que a gente não tinha mais nada a ver. (...) Hoje, eu já sei quem é a pessoa, eu sei como aconteceu. Foi no trabalho, uma pessoa que trabalhava com ele há oito anos, uma pessoa que era casada, separou no mesmo dia. Tem uma criança envolvida na situação, que não se sabe até hoje se é filho dele ou não. (Bruna, 39 anos)

Não foi uma decisão iniciada por mim é... foi ele que tomou a atitude de sair de casa. (...) Depois, aí, você vai juntando... ele já saiu de casa já envolvido com essa menina. Essa menina já ligava pra ele, entendeu? (...) Então, ele já tava engatilhado com essa menina. Talvez, não tão seriamente, mas seduzido, né? Menina nova é... pessoa nova, né? (Bárbara, 38 anos)

O que aconteceu? Existia uma coisa no meu casamento no final... meu casamento terminou em traição. O que acontece? Naquele momento, de ela verbalizar “eu quero me separar”, ela já tava tendo um envolvimento com alguém. Mas, não era um envolvimento de anos, nada disso. Era

*tipo uma coisa assim, ela começou o relacionamento com uma pessoa... e sabia que aquilo era a gota d'água, entendeu? Na semana seguinte, sei lá, um mês depois, ela falou "eu quero me separar". E, quando eu soube daquilo, é uma coisa muito ruim. Pro homem, essa coisa de traição é muito complicado... (Arnaldo, 42 anos)*

*Eu saí de casa. (...) Eu simplesmente entrei no computador e vi uma conversa. Acordei ela. Eram seis e meia da manhã, xinguei ela, né? (...) Vinha infeliz há um ano, eu acho que eu nunca estive tão infeliz na minha vida e o evento gota d'água só veio a ratificar aquilo que a gente efetivamente já sabia que estava acontecendo, que um não queria mais estar com o outro. (...) No fundo, no fundo, nós estávamos tão infelizes que isso iria acontecer de um lado ou do outro. Aconteceu desse lado. Foi infelicidade mesmo, acho que esse é o ponto. (...) Vejo desse modo. Nem por causa disso diminuiu a dor não. (...) O fato de ela ter me traído e eu ter pego é... não quer dizer que eu não tenha cometido tal pecado, só não fui pego. (...) Eu, quando traí, eu fui buscar sexo, né? Sexo, apenas isso, jamais busquei uma relação. Apesar de as oportunidades aparecerem, eu jamais busquei uma relação. E ela, não. Ela foi buscar uma relação, ela não foi buscar sexo. Não só sexo, vamos dizer assim... (Antônio, 50 anos)*

*Ela falou que reencontrou um cara que ela conheceu na infância, que ela tinha gostado muito. (...) E o que acontece hoje? Hoje, a situação... ela tá, hoje, vivendo com esse cara... (Pedro, 46 anos)*

Enquanto discorriam sobre as razões que as levaram ao término do casamento, algumas mulheres afirmaram que tomaram a iniciativa de separação diante da infidelidade dos ex-parceiros. Esses dados estão em consonância com as afirmações de Priore (2005), Féres-Carneiro (2003a) e Goldenberg (1995) sobre a intolerância das mulheres em relação à infidelidade masculina.

Analisando esses depoimentos, outra questão que se impõe é a constatação de que a infidelidade, como motivo para a separação, aparece mais nas falas femininas do que nas masculinas. Essa situação pode indicar a permanência da dupla moral masculina, mesmo que como um vestígio do momento histórico anterior. Esses resultados estão em conformidade com aqueles encontrados por Jablonski (2009), uma vez que o autor verificou que, quando se referem a si mesmos, os homens mostram-se muito mais liberais do que as mulheres quanto à infidelidade.

No presente estudo, uma das falas masculinas indica o padrão duplo de moralidade. O participante conta que "xingou" a ex-parceira quando descobriu sua relação extraconjugal. Em outro momento da entrevista, ele reconhece, contudo, que já tinha cometido "tal pecado", embora não tenha sido descoberto.

O entrevistado afirma que, apesar de ter sido infiel, nunca buscou um envolvimento amoroso, apenas sexo. Esse discurso confirma o que foi descrito por Poster (1979) e Giddens (1993) sobre o comportamento sexual masculino tradicional, que consiste na cisão entre amor e sexo.

Por outro lado, é digno também de nota que, ao discorrer sobre os motivos da separação, algumas mulheres afirmaram que a iniciativa de terminar o casamento não partiu delas. Segundo essas participantes, os ex-cônjuges decidiram pela separação porque eles já estavam envolvidos amorosamente com outras mulheres. Sendo assim, a continuidade do padrão duplo de moralidade tem limites, já que a cisão entre a figura da esposa e da amante não se sustenta, muitas vezes, nos dias atuais. A satisfação sexual no casamento é um componente da versão contemporânea do amor (GIDDENS, 1993).

A maioria dos entrevistados acima mencionou, em algum momento da entrevista, a insatisfação sexual como uma dificuldade do casamento. Alguns participantes fizeram uma associação direta entre infidelidade e vida sexual insatisfatória, enquanto outros comentaram essas questões em momentos diferentes da entrevista. De qualquer forma, podemos supor, então, que a insatisfação sexual aparece, nas entrevistas, direta ou indiretamente associada à infidelidade e, conseqüentemente, ao término do casamento.

*Durante dois anos, a gente teve um namoro incrível. Eu era a maravilhosa dele, a gostosa, linda. Aí, **quando tava ali com a bebezinha em casa** (grifo nosso), cuidando, dando de mamar, eu comecei a ser desinteressante. Eu comecei a ficar a “boring”, entendeu? (...) Tipo assim, ele tinha tédio comigo. Entendeu? Aí, ele me decepcionou quando eu descobri essa traição. (Laura, 34 anos)*

*Eu já nem transava mais com ele. Já tinha um ano, eu acho, que eu não transava mais com ele. (...) Hoje, eu sou espiritualista, mas teve uma época que eu frequentava só o Budismo. (...) Aí, eu lembro que, quando a gente chegou de viagem, fui eu lá pro meu templo budista rezar, orar e tal. Enfim, eu cheguei em casa dizendo que eu tinha que passar um tempo sem transar. Porque a gente é... E ele também já não tava fazendo a menor questão. Porque a gente ia fazer, sei lá, uma oferenda. Não existe isso no Budismo (risos). (Sônia, 52 anos)*

*Eu não tinha uma atração física por ele. Ele não era o tipo de homem que me atraía fisicamente, na cama. Eu não tinha pele com ele, entendeu? Eu acho que a gente só não foi o casal feliz, certo, porque não... não tinha essa parte. Não tinha. (...) Acho até que ele tinha mais por mim... eu não tinha, sabe? Não sei como fiquei tanto tempo casada com ele. E olha*

como é louco... E ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né?  
(Beatriz, 39 anos)

Ele disse que, **depois que a nossa filha nasceu** (grifo nosso), a gente foi ficando amigo, amigo, amigo... (...) Acho que a rotina, o dia a dia, é muito desgastante. (...) Quando o casal sabe lidar com isso, leva numa boa, tira de letra. Posso te dizer que eu ajudei alguns casais de amigos depois que eu me separei. **Porque eu vi que tava acontecendo a mesma coisa** (grifo nosso). E a idade da minha filha era compatível com a idade dos amigos. E, aí, eu tava vendo que **ia acontecer igual** (grifo nosso). Aí, eu pegava a mãe, puxava: “pelo amor de Deus, entra numa loja de lingerie agora (risos), inventa uma noite romântica, despacha essa criança pra casa da avó, faz uma noite das arábias, uma noite de não sei o que.” (...) Porque é assim e não adianta. E, quando acontece com alguém do trabalho... (referindo-se ao relacionamento extraconjugal do ex-parceiro). É muito normal acontecer com alguém do trabalho. E a pessoa no trabalho tá sempre arrumadinha, bonitinha é... almoça junto, tá cheirosinha, lindinha. (Bruna, 39 anos)

A gente tinha muito tempo de relação. Eram dezesseis anos já juntos. Muito novos, começamos muito novos, ingênuos, né? Eu, dezessete anos; ele, dezenove. Aquele namorinho muito juvenil e... muito amigos um do outro. (...) Acho que esses relacionamentos duradouros vão perdendo, né? Tesão. (...) Você cai pra um amor e uma amizade enorme e... a grande dificuldade é você manter a libido do casal, né? E... a rotina consome muito isso também, né? (...) E **culminou com o nascimento da nossa filha** (grifo nosso), com que ele teve muita dificuldade, muita dificuldade. (...) A mãe fica mais voltada pro bebê e ele perdeu minha atenção. Já não tinha mais aquela minha atenção exclusiva. (Bárbara, 38 anos)

Nunca foi um casamento bom. No aspecto sexual, não era um casamento bom, bastante insatisfatório e... **quando você tira essa coisa do casamento, você já elimina um grande pedaço** (grifo nosso) . Quando você tira o aspecto sexual... (...) Então, a gente tinha se tornado... era um casamento meio que fraternal, quase incestuoso, entendeu? Aí, virou pó, virou pó... ele morreu aos pouquinhos, entendeu? (Arnaldo, 42 anos)

De repente, nós já tínhamos duas televisões na casa, e não uma. Então, nós não víamos mais os mesmos canais. Eu ficava no sofá e ela ficava na cama. Eu ia dormir cedo porque, às vezes, tinha que trabalhar muito cedo. E ela só se deitava quando eu já estava dormindo, né? E eu tenho certeza que ela, assim como eu, não tinha nada que reclamar da nossa vida sexual. A gente sempre se deu muito bem na cama. Mas, a cama já não aparecia com a frequência que eu tinha desejo. E, talvez, pra ela, também não. E, aí, você começa a chutar o balde, né? (Antônio, 50 anos)

Os depoimentos dos entrevistados indicam, uma vez mais, que a satisfação sexual é considerada um componente importante do vínculo conjugal. A fala de um dos participantes ilustra bem essa questão, pois ele afirma que “quando você tira essa coisa do casamento, você já elimina um grande pedaço”. Essa afirmação corrobora a ideia, postulada por Giddens (1993), de que a sexualidade aparece no cenário contemporâneo como uma “propriedade” potencial dos indivíduos e suas relações.

Por último, é válido ressaltar que algumas mulheres associaram a infidelidade dos ex-parceiros ao nascimento do primeiro filho. Como observou Badinter (2011), a chegada de uma criança pode esmorecer o vínculo conjugal, uma vez que os cuidados com o bebê afastam o casal da sexualidade. A mulher, absorvida pela função materna, não é mais necessariamente objeto de desejo para o parceiro que a observa. Muitos casais têm dificuldade de retomar a vida sexual, não conseguindo conciliar a vida amorosa com os novos papéis parentais.

### 5.2.3 Falta de amor

Enquanto a infidelidade aparece mais, como motivo para a separação, no discurso das mulheres, a falta de amor predomina na fala dos homens. Corroborando a afirmativa de que o amor é uma das principais motivações para o casamento, os entrevistados afirmaram que a falta de amor foi uma das razões que os levou à separação. Eles disseram que não se sentiam amados pelas ex-parceiras.

*Eu sugeri (a separação) porque eu vi que a situação tava muito... achava que tava ruim. E ela concordou plenamente. (...) Eu acho que ela já não... há muito tempo, já não... (...) Você não pode tá casada com alguém que você não admira. Então, o que faltava pra ela... (pausa) era exatamente amor. Porque não havia admiração, não havia carinho, não havia desejo. (...) No fundo, talvez até inconscientemente, eu queria isso. Porque... você pode viver sem muita coisa (pausa) você pode viver até sem sexo. Difícil, mas pode. Você não pode viver é sem olhar. (...) Me sinto como o final da “Trocando em Miúdos”, do Chico Buarque. “Eu bato o portão sem fazer alarde; eu levo a carteira de identidade; uma saideira, muita saudade; e a leve impressão de que já vou tarde.” É isso que eu... isso que é o pior. Não é bater o portão sem fazer alarde. A pior certeza é a leve impressão de que você já vai tarde. (Hugo, 49 anos)*

*Há seis meses ela tava dormindo na sala. Eu, dormindo no quarto. Ela não queria dormir comigo. Já tava praticamente separada, né? (...) Eu peguei todas as coisas dela e levei pra casa da mãe dela. (...) Primeiro que eu fiquei com uma lacuna muito grande afetiva. Porque... tanto eu quanto meu filho, entendeu? Porque ela parecia que não tinha amor pra dar, afeto pra dar. (...) Não foi um casamento por interesse porque ela não tinha absolutamente nada assim de material pra acrescentar na minha vida. Uma relação mesmo de afeto, de amor, mas que foi egoísta porque só... esse amor, esse afeto, só existia da minha parte assim, de certa forma. (Renato, 48 anos)*

*Foi minha, foi minha (a iniciativa de separação). Não existia amor. Eu ia tá ali do lado só pra que? Pra dizer que tamos juntos porque nós temos uma filha? A minha filha é minha filha. E vai ser sempre filha... (...) Não teve nada de amor no meu relacionamento. Meu relacionamento foi aventura. Conheci numa quinta, na outra sexta, foi morar comigo. Ficamos um bom tempo, curtimos. Não teve amor. (...) Ela não casou com o Joaquim, ela casou com o personagem da empresa. Pra ela, era status. (...) Eu vivo pra pagar minhas contas como qualquer outra pessoa. Ela vivia... “sou casada com o fulano de tal, de tal empresa”. E isso aí foi atrapalhando nosso relacionamento, como até hoje, após a separação. (...) Na verdade, eu nunca quis isso. (...) O amor, que não existiu, que nós pensávamos que era amor, acabou. (Joaquim, 41 anos)*

*Não sei, falta de amor. (...) Na verdade, quem quis separar foi a minha espo... ex-mulher, né? Foi... o que ela passou pra mim foi que parou de gostar, ficou estranho. A nossa relação começou a ficar ruim, ela não gostava mais e... a gente começou a brigar, vários conflitos de relacionamento é... Aí, eu resolvi sair de casa. Não tinha mais clima, dizia ela que não gostava mais de mim, que não sentia mais tesão, prazer... A gente se separou por causa disso. (...) Na verdade, a gente tava ficando nos últimos meses por causa da nossa filha. Muito pequena, a gente achava que a situação não ia ser boa pra ela. Então, a gente tava convivendo junto, mas não como casal. Eu dormia na sala, ela dormia no quarto. (...) Mas, isso culminou num ponto que eu não aguentei. Falei que, mesmo gostando dela... (...) Aí, eu peguei minhas coisas e saí fora. (Arthur, 39 anos)*

*No finalzinho, as coisas foram tão assim é... como um barbante que vai puindo, vai puindo... chega uma hora que arrebenta. (...) Ela disse pra mim que não me amava mais, né? Eu perguntei a ela se era isso mesmo que ela queria. Eu fui assim muito sereno quando ouvi a resposta. Não gritei, não fiz nada. Porque já tinham, algumas vezes, alguns sinais disso. Eu nunca cheguei pra ela e falei “olha, eu não quero mais nada com você”. Nunca falei isso. Só que ela já tinha falado pra mim três vezes. (Pedro, 46 anos)*



Considerando que, na contemporaneidade, a tradição e a transformação caminham juntas, é interessante notar que, enquanto as subcategorias anteriores indicam a prevalência de valores e comportamentos tradicionais, a maioria das falas acima aponta para um homem que valoriza a dimensão amorosa. Embora o homem tenha se afastado do domínio da intimidade, tornando-se “especialista” apenas no que diz respeito às técnicas de sedução e conquista (GIDDENS, 1993), esses participantes valorizam a relação a dois no seu sentido mais afetivo, não se contentando em permanecer num casamento sem amor. O primeiro entrevistado afirma, por exemplo, que é possível viver sem sexo, mas não “sem olhar”. O terceiro diz que não existia amor na relação, pois a ex-parceira casou com um personagem.

Apesar de Giddens (1993) ter pontuado que os homens em geral excluíram-se de questões relacionadas ao domínio da intimidade, esses participantes demonstraram uma disponibilidade para comunicar aspectos íntimos, mantidos ocultos da maioria das pessoas. Suas falas denunciaram uma capacidade de *revelar-se*, confirmando o que destacou Nolasco (1995) sobre a busca masculina de novas formas de inserção na cultura contemporânea. Como pontuou o autor, já existe uma “autorização” social para que os homens manifestem comportamentos até então atribuídos às mulheres.

No presente estudo, a dificuldade de encontrar homens que ainda não tinham recasado para compor a amostra confirma os achados de Féres-Carneiro (2003b) sobre a dificuldade dos homens em permanecerem sozinhos. Por outro lado, é válido enfatizar também que metade dos homens entrevistados tomou a iniciativa de separação, mesmo não tendo nenhum relacionamento extraconjugal. Os depoimentos acima ilustram essa afirmativa.

Quanto às mulheres, apenas uma entrevistada mencionou o fato de não se sentir amada como motivo para separação. Para ela, a infidelidade do ex-parceiro significa falta de amor.

*Eu me descobri não amada, não amada suficientemente. Eu acho que ele não me amou. Eu servi pra ele pra alguma coisa, sabe? Mas, não era propriamente amor. Eu fui meio que um tapa buraco, digamos assim. Pra... sei lá, pra ele ser o médico renomado. Sei lá, e ele ficar por trás, fazendo as coisas dele. Como meu pai, que precisava de uma mulher linda e maravilhosa (...) do lado, pra poder levar pros congressos e... Mas, por trás, ele fazia a vida dele. (...) Em sessenta anos casado com a minha mãe, ele deve ter tido umas cinquenta amantes. (...) E minha mãe aceitava porque isso era normal. Pra mim, isso não é normal. Então, eu não acho que isso seja amor. Isso não é amor pra mim. (Sônia, 52 anos)*

Quando as mulheres falam da infidelidade masculina como uma das causas do término do casamento, ao mesmo tempo em que elas estão enfatizando que a traição masculina é mais aceita culturalmente do que a feminina, elas estão explicitando também que se tornaram amorosamente mais exigentes (FÉRES-CARNEIRO, 2003a). Os resultados encontrados corroboram, mais uma vez, as afirmações de Priore (2005), Féres-Carneiro (2003a) e Goldenberg (1995) sobre a intolerância das mulheres em relação à infidelidade masculina.

#### 5.2.4 Diferenças de temperamento, de educação e de interesses

Diferenças de temperamento, de educação e de interesses também foram apontadas pelos participantes como fatores que contribuíram para o processo de separação.

*Nossos temperamentos eram muito diferentes, tanto o meu e o dele quanto a minha família é totalmente diferente da dele. (...) Aquele pessoal... explosivo... explode e daqui a pouco tá tudo bem e... meio bipolar, depressivo e daqui a pouco tá tudo bem de novo, entendeu? Então, é uma pessoa que, pra conviver do lado, é muito difícil. (...) Eu não gostava do tratamento deles (familiares do ex-parceiro) entre si, né? Mas, **você tem a ilusão de que com você vai ser diferente** (grifo nosso), na época, né? (...) Sabe quando você tem até vergonha de sair com ele porque você não sabe se ele vai dar atenção pras pessoas que você gosta ou não. E isso me fazia mal porque eu trato todo mundo bem. Então, eu me separei por essa diferenciação de caráter. Não é nem caráter, né? De temperamento. (Letícia, 42 anos)*

*A gente não tinha muita troca... o meu ex-marido é uma pessoa muito diferente de mim, de temperamento, de **não gostar das mesmas coisas**. (grifo nosso) (...) Ele é uma pessoa muito do bem e tal, só que ele vem de outro nível de educação, de família, diferente do meu. Então, assim, era difícil de a gente... tinha coisas que eu não entendia que ele tinha limitação. E tinha coisas que ele não entendia de mim, porque era tão fácil tudo, entendeu? (...) Eu não passei por problemas que ele passou. Então, tem coisas que a gente, né? De vida, nossa carga, nossa bagagem. (Júlia, 38 anos)*

*Em algum momento, lá atrás, eu acho que a gente perdeu os objetivos. Eu acho que o que leva alguém a se separar, ou ficar triste, ou não ter mais o amor, ou até desrespeitar a ponto de sair com outra pessoa, é porque não compartilha mais objetivos. Nós tínhamos objetivos comuns muito sólidos e, cada vez que alcançávamos um, eu acho que tínhamos que restabelecer outros. E houve um momento em que não tínhamos*

*mais os mesmos. O que ela fazia, fazia por ela. O que eu fazia, eu fazia por mim. (...) Íamos renovando objetivos, mas chegou uma hora que eles já não tinham sintonia. Os meus eram muito mais egoístas... e os dela também... Eu queria coisas pessoais e ela coisas pessoais, e não coisas familiares. Eu acho que é por aí. Eu acho que isso realmente detona uma relação. (...) **Talvez, uma falta de objetivo fosse o grande objetivo dela** (grifo nosso). Não querer chegar a lugar nenhum. E isso eu já não agüentava mais. (Antônio, 50 anos)*

Considerando o primeiro e o segundo depoimentos, é possível notar que as incompatibilidades já estavam presentes desde o início do casamento, pois elas estavam relacionadas a diferenças de temperamento e de educação. No primeiro discurso, a entrevistada afirma, por exemplo, que “tinha a ilusão de que com ela seria diferente”.

No caso do último participante, que ficou casado durante dezenove anos, sua fala indica uma desvinculação gradativa, em função da extinção paulatina de objetivos comuns, que não foram renovados ao longo dos anos. Esse depoimento está em consonância com o que é pontuado por Caruso (1989) sobre o processo de desenlace conjugal, uma vez que o autor considera que o término do casamento pode ser o resultado da morte lenta de laços mantidos durante longo tempo. É válido observar que o entrevistado afirma que “talvez, uma falta de objetivo fosse o grande o objetivo dela”. Essa fala corrobora o que nos dizem Kaslow e Schwartz (1995) a respeito do equilíbrio do casal, que se rompe quando um dos parceiros cresce enquanto o outro fica estagnado.

A segunda participante diz que ela e o ex-cônjuge “não gostavam das mesmas coisas”. Tanto essas diferenças de interesse quanto as diferenças de objetivo, mencionadas pelo último entrevistado, estão em conformidade com os achados de Wallerstein e Kelly (1995), pois os autores citaram, entre os resultados encontrados, ex-cônjuges que tinham interesses e objetivos incompatíveis.

### **5.3 Dissolução da conjugalidade**

Nessa categoria, emergiram os seguintes aspectos relacionados à dissolução do vínculo conjugal: cenas representativas da ruptura, sentimentos logo após a separação, questões relacionadas à parentalidade, sentimentos

atuais em relação à separação, reconstrução da identidade, relação com o ex-cônjuge, perspectivas em relação ao recasamento.

### 5.3.1 Cenas representativas da ruptura

Ao discorrerem sobre o processo de dissolução da conjugalidade, alguns participantes mencionaram cenas que foram decisivas, já que, a partir delas, houve um entendimento de que o casamento havia terminado de fato.

*Quando ele saiu de casa, ele falou alguma coisa de tempo. E, de repente, ele já veio falando de advogado. Ele já tava com tudo muito planejado. Ele já tinha advogado, ele já tinha tudo. Então, durou só quinze dias essa confusão toda na minha cabeça. Quando ele falou a palavra “advogado”, eu caí na real. Eu falei “ok, é separação mesmo”. (Bruna, 39 anos)*

*Chegou um dia, que foi um aniversário de família, em que ele (ex-parceiro) foi buscar minha filha pra participar do aniversário e levou a menina (namorada), sem a minha filha ter sido preparada, sem ter sido conversado nada com ela, entendeu? (...) A situação tava aquele limbo, né? (...) E...aí, ali, realmente, pra mim, foi a gota d'água e, aí, dali pra frente, a minha conversa já foi toda pra separação. (...) O negócio foi, pra mim, um rasgo, entendeu? Foi um rasgo pra mim. E, aí, a gente começou aquelas conversações doídas, difíceis, feias, vamos dizer assim, de separação, né? (...) Então, isso tudo levou assim um ano, um ano, entendeu? Na verdade, a gente levou um ano pra eu tomar essa posição e, depois, mais um ano pro negócio sair no papel de fato. Acabou que a gente fez certinho aqueles dois anos que o casal tem que ter de separação de corpos pra, daí, legalizar, sabe? (Bárbara, 38 anos)*

*Chegou uma briga que a minha filha, novinha ainda, mas viu. Aí eu falei “não, parou”. “Não quero isso pra ela, não quero isso pra mim, não quero isso pra você. Acabou, vai cada um pro seu lado.” (...) Aquela cena, de ela acordar e ver que eu tava discutindo, me chocou. Então, aquilo ali foi a gota d'água pra eu sair de casa. (Alfredo, 41 anos)*

*Foi quando as coisas realmente se materializaram. (...) No momento que eu vi que eu tava morando sozinho... (pausa) A certeza corrosiva da irreversibilidade. Aí, sim acabou. (...) Olha, o que tava num cabide vai pra uma caixa, com esses armários de mudança. A realidade acabou ali. (Hugo, 49 anos)*

No caso do primeiro e do segundo discursos, as cenas narradas pelas entrevistadas indicam que, para algumas pessoas, o processo legal da separação pode ser vivenciado como um ritual de passagem. Enquanto a primeira participante entendeu que a decisão do ex-parceiro era definitiva quando ouviu a palavra “advogado”, a segunda afirmou que tomou a decisão de legalizar a separação quando o ex-parceiro tomou uma atitude que ela considerou a “gota d’água”. Esses resultados estão de acordo com a afirmação de Pereira (2003), que diz que o processo judicial da separação é uma espécie de ritual de passagem, que concede a quem se separa um novo estatuto, como também, um marco psicológico que tem o efeito de fechamento de um ciclo.

Tanto essas cenas quanto aquelas mencionadas nos depoimentos seguintes podem ser entendidas como representativas da ruptura. Em outras palavras, as cenas acima são, para cada entrevistado, o momento simbólico da separação, representando que o corte vincular ocorreu de fato. Esses dados corroboram o que postulou Andino (1996) sobre a cena representativa da ruptura. É válido destacar que, enquanto a autora faz alusão a pessoas separadas que se referiam a essa cena como “um cristal que se quebrou”, a segunda participante refere-se ao momento simbólico da separação como “um rasgo”.

No caso do entrevistado que mencionou a mudança de casa como representação de que “a realidade acabou ali”, sua fala demonstra que a separação física pode ser um dos momentos mais dolorosos, conforme ressaltado por Kaslow e Schwartz (1995). Quanto ao participante abaixo, ele fez referência a duas cenas que representaram o corte vincular.

*Chamei a Daniela (filha) e ela (ex-parceira), entreguei minha aliança a Daniela...foi traumático, né? Disse a ela que não era por ela, era porque o amor tinha acabado. (...) Chorou muito, me ajudou a arrumar minhas coisas, a Daniela, minha filha. Me levou até o carro e eu fui embora, pra casa da minha mãe. Foi isso que aconteceu, foi desse modo, né? A ela (ex-parceira) eu absolutamente não falei nada, nem merecia que eu falasse. A minha filha era quem merecia alguma satisfação nesse sentido. (...) Eu sempre quis um relógio, um relógio que eu acho demais, acho lindo. (...) É uma marca cara. Eu passei a minha vida, querendo esse relógio. Mas, eu jamais compraria esse relógio porque eu sempre achei que a família, de repente, tinha outras necessidades do que um relógio. Naquele primeiro mês que eu me separei, eu comprei o relógio. Porque aquele dinheiro não era mais da família, era meu. (...) Todos os meus recursos materiais e emocionais sempre foram dedicados à família. E a família destruída... eu queria dar esse recurso pra mim mesmo. (Antônio, 50 anos)*

Tais cenas são ritualísticas, simbolizando a passagem da condição de casado para a de separado. Mais uma vez, os dados evidenciam a necessidade de corporificar o ato da separação, inaugurando uma nova fase de vida. (PEREIRA, 2003; ANDINO, 1996).

Por outro lado, uma entrevistada narrou uma cena que poderia ter sido o momento simbólico da separação, dando o efeito de fechamento de ciclo, mas é possível pensar que essa cena teve um efeito contrário, em função de uma ferida narcísica.

*Depois (que o ex-parceiro saiu de casa), eu vi ele com alguém. Nem era a mulher com quem ele teve um caso não, com outra, aqui no Rio e tal. Saí no mesmo lugar. Aí, eu dei uma surtada. Aí, eu quis voltar, entendeu? Aí, teve todo um processo de eu querer voltar. Mas, antes de eu ver, eu não queria voltar. (...) Eu via na rua. Aí, ficava mal. Aí, via as cenas de carinho. Era tudo que eu queria ter, não necessariamente com ele. (...) Eu via que ele tava tendo tudo aquilo que eu queria ter, entendeu? Então, isso é muito difícil de administrar. (...) . Quando você tá com o coração vazio é muito complicado você ver o outro bem, com tudo que você gostaria de ter, né? (Ana, 40 anos)*

Podemos supor que a cena narrada provocou na participante uma ferida narcísica, dificultando a desvinculação. A ideia de que o ex-parceiro possa estar feliz traz em si a constatação de que nunca se é tudo para o outro. A percepção de que o outro pode encontrar satisfação independente do vínculo amoroso que se desfez provoca uma ferida narcísica (CARUSO, 1989). O narcisismo ferido pode dificultar a elaboração do luto, ao contrário do que acontece durante o luto provocado pela morte de um ente querido, quando o narcisismo é um recurso de que o enlutado dispõe para a elaboração da perda (FREUD, 1917/1996).

### **5.3.2 Sentimentos logo após a separação**

Entre aqueles que tomaram a iniciativa de separação, alguns entrevistados mostraram-se preparados para enfrentar o período pós-separação.

*Você não comunica (a decisão de separação) uma vez, né? Você vem comunicando ao longo... “Olha, se não acontecer isso, a gente vai acabar se separando.” Aí, nos últimos dois meses, ele desesperado, querendo*

*mudar. (...) Eu já tava irredutível. (...) Não tinha mais vontade nenhuma, não tinha mais interesse nenhum, de nenhum tipo, por ele. (...) Esgotei. (...) Quando ela (filha) ia no fim de semana pro pai e eu ficava sozinha, dava uma depressão assim, um vazio, né? (rsrsrs) Quando eu tava feliz, quando eu tava lá com meus amigos ou, enfim, em algum momento da vida, com a minha filha mesmo, eu não... eu nem pensava nele, entendeu? Então...eu realizei que aquilo ali era um momento de carência, não era um momento de falta daquela pessoa, meu ex-marido, era um momento de uma falta de alguém representando... me preenchendo de alguma forma. (Júlia, 38 anos)*

*Isso (comunicar a decisão de separação) pra mim foi um **alívio** (grifo nosso). (...) Eu não sentia falta dele nenhuma. (...) Eu queria ter tido um parceirão, um maridão, sabe? Que me ajudasse em tudo. Dividir, né? (...) Eu não tinha isso. Então, isso só que eu senti falta, que ele não tinha, que ele não me proporcionava. Eu senti falta de um outro marido, de um outro companheiro, não dele.. (Letícia, 42 anos)*

*Quando eu tomei a decisão (de separação), eu me senti extremamente aliviada. (...) Eu parei, sentei um dia e falei “por que eu não fiz isso há mais tempo”? (...) Eu senti um **alívio** (grifo dela) tão grande de ter feito aquilo, sabe? Que, depois, eu ainda passei um tempo me culpando de ter sido tão é... ter faltado tanta coragem assim. (...) Quando eu me separei dele, né? A coisa já tava elaborada, né? Já tava feita. Eu tava separada, só que morando junto. (Sônia, 52 anos)*

*Ai, cara, é uma liberdade (comunicar a decisão de separação), é uma coisa muito boa, entendeu? Mas, um medo muito grande de você bancar aquilo, né? (...) Desde sempre, a minha paz, o meu **alívio** (grifo nosso) **de não ter que dar mais satisfação pra ele...** (...) Eu não me arrependi em momento nenhum porque... Em momento nenhum, eu olhei pra ele com vontade de ter ele de novo. Não, pra mim, aquilo já era caso encerrado, entendeu? (...) Pra mim, emocionalmente, tava resolvida a questão “eu e ele”. (Márcia, 47 anos)*

*Foi um momento (quando comunicou a decisão de separação) de raiva... foi uma mistura de momento de raiva com **alívio** (grifo nosso), entendeu? Alívio de ter tomado a decisão porque... já tava tomada, o casamento já tinha acabado. (...) Aí, eu tive aquele momento de liberdade... (...) A única coisa que pesou foi a saudade da minha filha. (...) Com relação à ex-mulher, não... não sentia mais nada. (Alfredo, 41 anos)*

Outros participantes expressaram, contudo, sua dificuldade para enfrentar o processo de separação, apesar de terem sido os iniciadores desse processo.

*Não era uma separação de fato na minha cabeça. (...) Eu tava dando um tempo (...) pra ver se ele mudava, pra ver... Umass coisas assim que*

*mulher faz por... porque não tá acreditando, não quer acreditar na verdade nua e crua que tá acontecendo (...) Como eu te falei, foi uma decisão racional. Então, nesse momento (da comunicação da decisão de separação), eu botei a emoção de lado e pensei o que era melhor pra mim e pro meu filho. (...) Foi uma atitude racional, pensada e, nessa hora, eu tirei o coração do... do meio de campo. (...) Aquela parte emocional ficou pra trás e coloquei na frente a racional, tudo o que eu tinha que fazer, colocar em ordem minha vida de novo, né? Aliada a uma tristeza profunda, aliada a uma falta profunda. (...) Depois de seis meses, caiu a ficha realmente. Aí, foi que eu caí em depressão. (...) Você sente tristeza, você sente apatia, você não quer sair, você não quer... Alguém te convida pra sair, você não quer. (...) Quando eu comecei a ter vômito, enjoos... eu não bebia nem água, nem água descia. Eu fui fazer uma endoscopia. (...) Eu fui ver o resultado. (...) Aí, o doutor lá que é conceituado (...) falou “olha, você não tem nada”. “O que você precisa é de um psicólogo. Eu diria mais, eu acho que você tá precisando de psiquiatra.” (...) E, aí, que foi diagnosticado a minha depressão e a síndrome do pânico, que era exatamente esse medo de sair e... Eu até saía, mas eu queria voltar pra casa, do nada. (...) É uma reação totalmente instintiva que você tem. “Quero ir pra casa.” Não adianta você perguntar porque. Te dá uma angústia, te dá uma... Em mim, dava uma angústia, uma... eu começava a me sentir mal. “Quero ir pra casa”. Que era o lugar onde eu me sentia segura. (Luíza, 42 anos)*

*Como eu tomei a iniciativa (de separação), foi muito mais surpresa pra ela do que pra mim. Acontece que, pra ela...sabe? (pausa) Mario Quintana falava o seguinte. (...) “Toda a ideia que te agrada é tua. O autor nada mais fez que vestir a verdade que, dentro de ti, se achava nua.” Então, a ideia que eu disse era dela, ela queria isso. Foi só vestir a ideia que tava nua nela. (...) Era isso que ela queria, ela só não verbalizava. Pra ela, a surpresa foi seguida de um... de um alívio. (...) Em nenhum momento, repito, em nenhum momento até hoje, da parte dela, houve alguma fagulha arrependimento. (...) É a certeza corrosiva da irreversibilidade. (...) Logo após separar, vem com muita freqüência os núcleos corrosivos. Poxa, as depressões... O difícil não é dormir, o difícil é acordar. “Pô, tô acordado. Agora, tenho que começar tudo.” Esse é o difícil. (...) Eu não queria nem sair da cama, eu não queria nem sair da cama. (...) Triste, triste, triste, triste... mesmo. O que é tristeza? Tristeza é isso, perder quilos e quilos e quilos. Sair à noite pra beber (pausa) tendo que trabalhar, tendo que fazer uma série de coisas. (...) Tenho me medicado, tomo remédio, né? (...) Eu tenho que me tornar uma pessoa melhor, com química ou sem química. (...) Qual é o caminho pra ser melhor? É esse? É tomar remédio? Eu tomo. (...) O que fica em jogo não é um carro, não é um apartamento, é a sua sobrevivência. Senão, você morre, morre. (Hugo, 49 anos)*

Enquanto as primeiras falas indicam que o período de tomada de decisão pode ser um facilitador no processo de elaboração da perda do casamento, as últimas não confirmam essa possibilidade. Somente os primeiros depoimentos corroboram o que é descrito por Kelly (1982), uma vez a autora considera que



aqueles que iniciam o processo de separação estão mais preparados para enfrentá-lo.

É digna de nota a frequência com que os primeiros entrevistados mencionam sentimentos de alívio após o término do casamento. Esses sentimentos podem estar relacionados ao fato de os participantes terem conseguido libertar-se da ansiedade, provocada pelo período de tomada de decisão (KELLY, 1982). No caso da quarta entrevistada, os sentimentos de alívio estavam atrelados a sentimentos de liberdade, pois ela comenta “seu alívio em não ter que dar mais satisfação” para o ex-parceiro. Quanto aos últimos participantes, que mostraram sua dificuldade em enfrentar o período pós-separação, é válido ressaltar que, apesar de terem tomado a iniciativa de terminar o casamento, eles não desejavam de fato a separação.

Por outro lado, aqueles que não iniciam o processo de separação podem ser totalmente surpreendidos pela decisão do cônjuge, como veremos nos próximos discursos.

*Eu fui comunicada (da decisão de separação). Assim que eu acordei, recebi a notícia. (...) Parecia que eu tinha dormido com uma pessoa e acordado com outra. (...) Muito estranho. (...) Eu fiquei com aquela cara de... o que aconteceu, né? Qual foi a parte da história que eu perdi? **Eu não participei de nada disso** (grifo nosso). (...) Eu fiz mil propostas, de mil coisas, chorei, implorei... (...) Ele tava muito decidido, ele vinha pensando, ele tava pensando naquilo há muito tempo já. Ele tava... já tinha amadurecido. (...) Eu não tive esse tempo pra amadurecer a ideia, né? (...) Eu entrei em choque. (...) Eu questionava muito o porquê daquilo tudo. Eu não sabia, até hoje eu não sei porque até hoje ele não sentou pra conversar comigo nem vai sentar nunca. (...) **Eu não participei da decisão. Em nenhum momento, eu pude participar disso** (grifo nosso). Abriu um buraco assim enorme no peito e aquela coisa de você não saber o porquê, né? Indignada demais, né? “Por que? Por que isso aconteceu? Onde eu errei? Eu errei? Fui eu? Será que fui eu? Eu tive participação nisso? Eu podia ter feito alguma coisa pra mudar? Se eu podia, por que não me deram o direito, né? Respostas que eu nunca vou ter. **Eu não tive oportunidade de fazer essas perguntas** (grifo nosso). (...) Fui direto na minha psicóloga, você conhece provavelmente. Dali direto pra psiquiatra que ela me indicou. E foi um suporte assim rápido, direto. E acho que foi o mais certo que eu pude fazer por mim. (Bruna, 39 anos)*

*Ele quis se separar. Ele arrumou uma mulher, né? (...) Eu fiquei muito mal porque foi aquele choque, né? Eu nunca imaginei que ele fosse fazer isso. (...) Precisei fazer muita terapia, fiquei muito... uns dois anos péssima, completamente... tomando remédio pra dormir... Nossa, eu fiquei muito mal. (...) Eu tava amamentando. Tive que parar de*

*amamentar pra tomar remédio. A forma que foi... foi horrível, foi a pior possível. Não desejo isso pra ninguém, vou te falar. (...) Ele me largou. Eu fiz tudo pra ficar casada. Ele simplesmente saiu de casa e **eu não tive chances** (grifo nosso). (...) Eu quase morri, quase morri (quando recebeu a comunicação da decisão de separação). (...) Eu recorri a tudo que existia. Eu lembro que eu fui num culto de não sei o que... eu ia em cartomante, eu ia a culto de... evangélico ia lá em casa... Teve um dia que eu não consegui levantar da cama, que a minha mãe teve que chamar o psiquiatra. Nossa, eu não gosto nem de lembrar. (Beatriz, 39 anos)*

*O sentimento que eu tive foi um sentimento de decepção é... e... de... covardia dela, né? Eu achei que ela foi muito covarde comigo. (...) Eu falei (...) “o que eu não admito, o que eu nunca vou te perdoar, foi você esperar dezessete anos pra me falar isso (que não tinha esquecido um antigo namorado). (...) Eu não conseguia nem trabalhar. (...) Eu me arrumava, botava a gravata, (...) descia, entrava no carro e não conseguia sair com o carro. Não conseguia fazer o carro sair, Aí, pensava, pensava, subia. Tirava tudo, ia deitar. (...) Sabe o que é você (...) acordar, ficar sentado na beira de uma cama, de nove horas da manhã até onze horas da manhã, olhando pra parede, olhando pros móveis, olhando pro chão...e você não vê três horas passar e você não pensou em nada substancial? Pô, a ponto de eu cair em depressão... (...) Você perde o gosto pela vida... você perde o gosto por você mesmo. Porque a depressão faz isso. É baixa autoestima, você não consegue conversar olhando nos olhos, você não consegue, às vezes, ir na rua, ir na padaria, embaixo de casa. É como se você tivesse atravessando um campo minado, um campo de guerra. Você acha que alguém vai rir de você, alguém vai te caçoar, **alguém vai te humilhar** (grifo nosso). (Pedro, 46 anos)*

A partir das falas acima, podemos perceber que, para o parceiro que não toma a iniciativa, quanto mais súbita e inesperada é a decisão de terminar o casamento, maior é a dificuldade para enfrentar o período posterior à separação, conforme foi postulado por Peck e Manocherian (1995).

Enquanto a primeira entrevistada diz, em vários momentos, que “não participou da decisão” de separação, a segunda afirma que “não teve chances” para reverter a situação. Quanto ao terceiro participante, ao discorrer sobre seus sintomas de depressão, ele menciona a fantasia de que “alguém poderia humilhá-lo”. Esses dados, que deixam em evidência sentimentos de impotência e humilhação, estão em consonância com o que é pontuado pelas autoras citadas.

É interessante observar também que a primeira entrevistada relata de maneira obsessiva seus questionamentos sobre as causas da separação, confirmando as afirmações de Kaslow e Schwartz (1995) sobre cônjuges

abandonados que se tornam obcecados em questionar o que houve de errado no casamento.

Outros sentimentos imediatos à separação foram mencionados pelos participantes. Entre as mulheres, esses sentimentos estavam relacionados à perda do casamento idealizado, de modo que as entrevistadas faziam alusão a elementos dos contos de fada.

*A gente tinha um projeto em comum muito grande, né? Já era muito tempo juntos, uma filha a caminho. Eu tinha a ideia de ter três filhos, entendeu? Então, você vê um pouco o **castelo** desmoronar, né? (...) É toda a desconstrução de um... Você tem aquela... visão do **castelo** que desmorona, né? Do **príncipe** e da **princesa**. E, aí, você vê que a vida não é assim, entendeu? (Bárbara, 38 anos)*

*Eu acreditei na minha história, né? Com meu ex-marido. Eu casei feliz, acreditando que ia ser feliz, que a minha família era minha, entendeu? É um **castelinho** que desmonta, sabe? **Castelinho** de areia assim... vai se desfazendo. (...) Eu sabia que eu tava passando por uma situação de fracasso, eu tinha que entregar os pontos e... realmente, eu não tava vendo chance de ser feliz. (Júlia, 38 anos)*

*Eu fiquei muito tempo ruim acho que mais porque desmoronou aquele **castelo**, sabe? Aquela vida toda, aquela coisa toda que a gente construiu. Tudo certinho, esperando pra ter filho, esperando pra ter outro... (...) Montando a vida... de repente, puxou o tapete... (Beatriz, 39 anos)*

*(Em relação à separação) frustrada, né? (pausa) Eu me casei pra ficar a vida inteira casada (chorando). (...) Foi aquela coisa linda aquele casamento, né? Cara, eu casei igual a **Lady Di**, com uma coroa na cabeça. Meu vestido tinha umas mangas... (...) Apesar de toda a modernidade, eu queria casar de uma forma caretinha, na Igreja e tal. (...) Veio uma coroa, que foi feita de pérolas e brilhantinhos da França. (...) Vestido de **princesa** mesmo, eu era uma **princesa**. (...) De repente, aconteceu desse cara puxar meu tapete. (...) Com toda a modernidade minha, eu casei pra ficar casada a vida inteira. (...) Me dava uma certa frustração por eu não ter conseguido manter aquilo que eu idealizei, né? (...) Talvez, inconscientemente, eu tenha tido tantos momentos de infelicidade que eu abafei com a minha suposta felicidade, por viver num **castelo** lá de... das historinhas... É o que eu falo, o "the end" nas histórias infantis... você nunca sabe se realmente o **príncipe**... se eles **viveram felizes pra sempre**, né? A história não continua, né? Então, assim, a minha continuou e a minha continua e ainda vai continuar por um longo tempo. Então, eu tenho que continuar uma outra história. (Sônia, 52 anos)*

*Eu senti um vazio enorme... (...) De repente, eu me vi assim, né? “Ah, amanhã, eu vou acordar e daqui pra frente eu sou separada. Sou eu e minha filha nessa casa enorme.” E... “não vai ser **pra sempre**, não é **pra sempre**, acabou”. E tudo que eu pensava foi pelo ralo abaixo... (Bruna, 39 anos)*

Esses discursos demonstram que, muitas vezes, as mulheres sofrem não somente pelo parceiro de quem se desvincularam, como também, pelo sonho de amor desfeito. Os depoimentos femininos acima estão em concordância com a definição de luto formulada por Freud (1917/1996), já que o autor considera que esse processo pode ser a reação a perda de um ideal.

Ainda, refletindo sobre essa definição, é interessante notar que tanto as mulheres quanto os homens associaram os sentimentos seguintes à separação à perda da família como ideal.

*Eu nunca tive aquele sonho de casar, ter filho, mas, quando apareceu, eu gostei da situação, né? Eu arrumei minha casa, eu arrumei... sabe? Eu arrumei meu canto. Eu tinha uma família, que era meu marido, que era meu filho. Eu tive que **desfazer** e foi eu mesma que... eu tive que **desfazer** tudo isso. Pra mim, foi muito doloroso, né? (Luíza, 42 anos)*

*Eu fiquei muito triste, muito chateada por **desmanchar** a família. Porque eu não queria, eu queria continuar meu casamento, né? Queria ter dois filhos, três, e **ficar velhinha** com essa pessoa. (...) Eu tive sentimento de tristeza de **desmanchar** a família, de **não ter mais** uma família. (Letícia, 42 anos)*

*Que vazio... Foi duro. Acho que foi um momento difícil, não por falta da Ana (ex-parceira) em si. Eu acho que não era isso. Mas, a falta da minha família. Enfim, eu sempre fiz tudo pela família, né? (...) Não ter a família foi muito difícil. (...) Eu realmente fiquei “na fossa”. (...) Chorei, fiquei mal, fiquei muito mal. Acho que mais pela família, por ver ela **desfeita**. Acho que isso me incomodou mais do que perder uma mulher. Acho que esse é o ponto. (...) Foi duro, foi duro, foi muito duro. Eu jamais me vi assim, nunca imaginei que aquilo tivesse um peso tão grande, tá fora da minha família. (Antônio, 50 anos)*

*Eu imaginava que eu ia viver **sempre** com ela, ia ter uma família, uma filha, outros filhos, entendeu? Aí, isso tudo foi por água abaixo... (...) Foi uma sensação ruim por causa disso, achar que você tinha uma... pelo menos eu tinha muito... Ela (ex-parceira) falava que isso é pensamento de mulher. Mulher que sonha em ter uma família, filho, morar... sabe? Eu acho que meu pensamento mais é esse e foi tudo por água abaixo... (...) Achava a família o centro de tudo. (Arthur, 39 anos)*

*Eu sempre quis ter uma família, sempre foi um desejo meu. (...) Então, foi muito doloroso. Quando a gente se separou de verdade, pô, eu ficava aos prantos em casa assim. Porque era o fim de um... de um ideal meu também, né? (...) Eu fiquei muito triste, muito assim... (pausa) chorando pra caramba mesmo, arrasado... (Renato, 48 anos)*

Nessas falas, a família idealizada está associada a um modelo de família tradicional, à família conjugal moderna. Esse modelo de família aparece nos discursos dos participantes como *norma*, de modo que, se ele não existe mais, a família está “desfeita” ou “desmanchada”, e não organizada simplesmente de outra forma. É interessante mencionar também que, enquanto a segunda entrevistada afirma que queria “ficar velhinha” com o ex-cônjuge, o quarto participante “imaginava que ele ia viver sempre” com a ex-parceira. Essa expectativa de permanência também aponta para um ideal de família que está relacionado a uma configuração de família tradicional. Esses resultados estão de acordo com o que afirma Goldenberg (2003) sobre o modelo hegemônico de família. A autora considera que esse modelo aparece como norma, sendo um valor fortalecido pela socialização e pela Igreja.

Ao refletir sobre seus sentimentos no momento seguinte à separação, metade dos homens que participaram deste estudo comentou o quanto foi dolorosa a perda do contato diário com os filhos.

*Eu não podia escutar a voz do meu filho que eu ficava... abria a boca, chorava, ficava mal, não conseguia comer... Eu falei “caramba, meu filho... era pra tá comigo”. (Pedro, 46 anos)*

*A única coisa que pesou foi a saudade da minha filha. Fiquei muito tempo sofrendo, muito por causa da falta da minha filha, por não ver o resto da minha filha crescer. Fiquei muito tempo paranóico com isso, de como é que ia ser. Se eu ia ver, quanto tempo... (...) Isso foi a coisa que mais me incomodou, mais me... Me deixou mal, na época da separação, a questão de ficar afastado da minha filha. Com relação à ex-mulher, não... não sentia mais nada... (Alfredo, 41 anos)*

*Foi muito triste pra mim, foi doloroso demais porque... não é pela... pela mulher que tava indo embora, tá? E sim pela minha filha. (...) Ela tava levando a minha filha. Ela vai, arruma uma outra pessoa e minha filha não... minha filha vai junto. (...) É um pedaço de mim que tava indo embora. (...) Na tua cabeça, abre um buraco. Você tá acostumado com uma vida. Naquele momento, eu não tava perdendo a mãe da minha filha, eu tava perdendo a minha filha. Minha filha estava indo. Perdendo*

*não é 100%, mas você perde uma grande parte. Porque eu chegava, eu via minha filha. Quando eu chegava em casa, minha filha tava lá. Eu chegava em casa, minha filha sabia que era eu. Ela acordava, levantava da cama. Tava no bercinho dela e abria um sorrisão. Aquilo ali tava acabando. (Joaquim, 41 anos)*

*Em síntese, é uma realidade preta e branca. Por mais comum que ela possa parecer, ela nunca é comum pra quem tá vivendo. (...) Semana que vem é o fim de semana da mãe. Quer dizer, pra eu me acostumar com essa ideia, fim de semana da mãe... (...) Pra mim, não tinha fim de semana da mãe. Fim de semana era eu com meus filhos. Agora, é isso, tem essas coisas. (Hugo, 49 anos)*

*Não ver a minha filha todos os dias foi muito difícil. (...) Eu chegava a casa, do trabalho, e a gente ia estudar, né? (...) Isso a separação me tirou. Então, momentos na casa da minha mãe... eu realmente me senti sozinho. Eu acho que eu nunca tinha me sentido. Foi duro. (Antônio, 50 anos)*

Os dados acima revelam o sofrimento masculino decorrente da perda do contato cotidiano com os filhos, como destacado pela literatura sobre separação conjugal (PECK e MANOCHERIAN,1995; WALLERSTEIN e KELLY, 1998; KASLOW e SCHWARTZ, 1995; BRITO, 2008)

Alguns entrevistados mencionaram também sentimentos relacionados à mudança de casa. O afastamento do ambiente familiar foi vivenciado de forma bastante dolorosa por esses participantes, sendo percebido como o momento mais crítico do período pós-separação. Em dois depoimentos, podemos observar que esse distanciamento do domicílio conjugal ocorre juntamente com o retorno à casa materna.

*Achava a família o centro de tudo. (...) Eu tinha muito obstáculo de sair de casa. (...) E eu sofri, quer dizer, eu sofri muito, tendo que sair. (...) Eu saí e sofri muito. Até hoje, eu sofro, entendeu? Lembrando das coisas. É muito ruim pra mim. Não é muito fácil eu falar essas coisas que eu tô falando.(...) A primeira semana foi a mais crítica. O negócio de você ir pra casa da mãe, a sensação horrível... (...) Eu saí de casa muito cedo. Eu tenho trinta e nove, eu saí de casa com vinte e quatro, entendeu? Quando eu me formei, eu já... Então, já era, sei lá, quinze anos morando sozinho ou morando com alguém, com minha ex-esposa. Então, era... foi uma sensação muito ruim ter que voltar. Essa sensação foi horrível pra mim, voltar a morar com a minha mãe, entendeu? (Arthur, 39 anos)*

*Aqueles momentos do quarto, na internet, esses eram realmente duros, muito duros. Sem dúvida nenhuma. (...) O momento mais crítico acho que foi estar na casa da minha mãe, sozinho, de noite, no meu quarto de solteiro, longe da minha filha, que eu acho que era o que mais pesava nisso tudo. Foi duro estar fora da minha família. (Antônio, 50 anos)*

*O momento mais difícil foi quando eu vi que eu tava morando sozinho. É difícil? Bastante. Porque você tava já numa... O modus vivendi é totalmente diferente agora, entendeu? É totalmente diferente. E... (pausa) é uma coisa que a gente vai ter que viver, né? (...) Pro homem, é mais difícil porque, de um modo geral, ele que sai. E... você fica um pouco sem chão, né? Você perde o contato com os filhos, você perde a casa que você tinha, você perde suas referências. E você volta a ficar solteiro, a fazer coisas que você não fazia há muito tempo, como por exemplo, jantar sozinho. É... se a tua cama tá desarrumada, quando você volta, **ela continua desarrumada** (risos) E... o problema de você morar sozinho é que... (risos) é que **é sempre a sua vez de lavar a louça** (risos). (Hugo, 49 anos)*

Esses depoimentos estão em conformidade com o que é descrito por Kaslow e Schwartz (1995) sobre a separação física. As autoras afirmam que esse momento é um dos mais dolorosos, afastando do ambiente familiar a pessoa que se muda. A saída do domicílio conjugal é mais uma perda que precisa ser elaborada. É válido enfatizar também os comentários do terceiro entrevistado. Ele afirma que “a cama continua desarrumada” e “sempre é sua vez de lavar a louça”, demonstrando sua dificuldade com a administração do novo lar, conforme foi destacado pelas autoras citadas.

Em contrapartida, no próximo discurso, apesar de o participante discorrer sobre a mudança de casa como o momento mais difícil do processo de separação conjugal, ele comenta o retorno à casa materna como um evento positivo, uma vez que ele percebe a mãe e a irmã como aliadas no cuidado das filhas.

*O momento mais difícil foi a hora que eu resolvi sair de casa com as meninas, na hora que eu decidi... (...) Ela (a ex-parceira) disse que iria viajar. Aí, veio o desespero. “Pô, eu preciso entregar o apartamento. A mulher não tá nem aí. O que fazer?” Aí, liguei pro advogado, fui em delegacia perguntar se eu podia. O delegado falou que eu podia. Porque eu tenho o pátrio poder, eu sou pai. Eu tava indo pra um endereço fixo. Eu já tinha escola em vista. Então, eu podia fazer. **Eu tinha medo, entendeu? De mexer mais com a cabeça das meninas.** Então, fui procurando caminhos que me ajudassem a não mexer muito com elas. E, graças a Deus, deu tudo certo. (...) Essa minha saída, né? Só se*

*concretizou por causa da minha irmã e da minha mãe, que me deram apoio. “Vem pra cá, a gente dá um jeito.” E elas que me suprem. Em contrapartida, se elas (as filhas) tivessem ficado com a mãe, eu ia ter que pagar alguém pra cuidar delas. (...) E, hoje, eu posso viajar tranqüilo que elas... que elas ficam com a minha mãe e com a minha irmã. Pra mim, ficou muito, muito bom. Porque, quando eu viajo, é a avó que cuida, é a tia que cuida. (Marcelo, 45 anos)*

Em nenhum momento da entrevista, o participante associou a mudança de casa à perda do domicílio conjugal, limitando-se a narrar as dificuldades decorrentes da entrega do apartamento. Esses dados não confirmam a ideia, postulada por Kaslow e Schwartz (1995), de que a mudança de casa representa outra “separação” que precisa ser elaborada.

Considerando que o entrevistado continuou morando com suas filhas, podemos supor que a perda do domicílio conjugal não foi vivenciada como um distanciamento do ambiente familiar. Por outro lado, é digna de nota também a preocupação do participante em “não mexer mais com a cabeça das meninas”. Nesse caso, a fala do entrevistado corrobora as afirmações das autoras citadas, que comentam que ex-cônjuges preocupam-se com os efeitos da separação sobre os filhos.

Quanto às mulheres, duas participantes também mencionaram a mudança de casa, de um ou ambos os ex-parceiros, como o momento mais difícil do processo de desenlace conjugal.

*O momento de se separar... de corpos, a pessoa tirar a roupa de casa, tirar as coisas, é muito ruim. É uma sensação de fracasso. (...) Esse medo de fracasso é a base de tudo, sabe? Pra eu tomar a decisão... (...) O momento mais difícil foi esse da saída (do ex-parceiro) mesmo da casa... física. (Júlia, 38 anos)*

*O pior momento foi **desfazer** a minha casa. Parece altamente egoísta, mas foi meu pior momento. Eu ver tudo aquilo que eu **tinha feito**, que eu tinha decorado, que eu tinha... sabe? Tudo... sendo literalmente dividido, né? Porque não podia ir pra casa da minha mãe, a maioria das coisas foi pra casa do pai dele, né? Tanto que foi... vai fazer dois anos e meio, uma coisa assim... mais ou menos... e eu nunca fui lá pra ver as caixas que foram pra lá. O que foi pra lá... eu não tenho conhecimento do que foi feito daquilo. Não sei. (...) Porque **não faz mais parte da minha vida**. E nem fará de novo. São coisas que ficaram pra trás. Mesmo que eu case de novo ou tenha uma outra casa, eu vou comprar tudo novo. Eu não quero nada. (...) Pra mim, foi muito doloroso, né? **Eu voltei pro meu quarto de solteira**. Eu voltei pro meu quarto de solteira, com meus pais*



*achando que tinham a filha que tinha ido e voltou do mesmo jeito. (...) Quando você sai da casa dos seus pais, você sai de um jeito. Mas, quando você adquire sua liberdade, sua casa, suas coisas, você... e tem que abrir mão de tudo isso pra voltar, você volta totalmente diferente. Então, eu já era outra pessoa quando eu voltei pra casa dos meus pais. Certas coisas você já não admite, né? “Aonde você vai? Com quem você vai sair?” “Mãe, se liga que... 40 anos, tá? Não é mais 15.” (...) Até ajustar tudo isso demorou um pouco. Teve briga, teve embate. (Luíza, 42 anos)*

No segundo depoimento, a fala da entrevistada indica que desfazer o domicílio conjugal foi um ritual de passagem. Apesar de esse momento ser mencionado pela participante como o pior momento do processo de dissolução da conjugalidade, possibilitou-lhe “desfazer” o que “tinha feito”, elaborando o domicílio conjugal como algo que “não faz mais parte da sua vida”. O retorno à casa materna, por outro lado, foi vivenciado como retrocesso, uma vez que, além de “voltar para o quarto de solteira”, a entrevistada retomou antigos conflitos pré-conjugais (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). Dessa forma, esse ritual de passagem não foi constituído pela reposição do antigo pelo novo (DUCATI, 2005), e sim pelo retorno a uma situação ainda mais antiga, em que questões relacionadas à autonomia foram revividas.

No discurso seguinte, a mudança de casa aparece, ao contrário, como um momento libertador, em que a participante conseguiu afirmar sua autonomia. Para essa entrevistada, o momento mais crítico foi justamente aquele em que permaneceu coabitando com o ex-cônjuge o mesmo apartamento. Ela afirma que vivenciou uma situação infernal.

*O momento mais crítico foi a passagem de tá tendo que morar na mesma casa com ele, vivendo esse inferno que eu não suporto, entendeu? Viver isso. (...) Fiquei um ano e meio morando na mesma casa porque ele não queria pagar nada pra eu sair de casa. Tem cinco meses que eu consegui na justiça uma pensão... (...) Morando na mesma casa, em quartos separados, um inferno, pior do que guerra. (...) Ele tirou empregada, ele cortou net, ele cortou telefone. E falava pros meus filhos “quando sua mãe sair, eu boto tudo de novo”. Eu vivi isso durante um ano e meio. Ele não aceitou a separação. (...) Chegava a noite, se eu tivesse sentada na sala, assistindo televisão, ele chegava, desligava e levava o controle. Se eu ligasse a televisão manual, ele ia lá, arrancava os fios. Então, eu não tinha espaço na minha casa. Então, ele chegava de noite, em casa, do trabalho, eu tinha que ficar trancada no quarto. (...) Eu tenho uma paz que há muito tempo eu não tinha. (...) Eu tinha dois meses pra sair. Em quinze dias, eu consegui o apartamento. (...) Chego em casa, não tem uma coisa melhor, deitar no meu sofá, ver televisão, sabe? Fazer minha comidinha. Então, eu tô ainda nesse momento, adorando,*

*curtindo isso tudo aqui. (...) Eu tenho a minha casa, que eu amo de paixão. Pinte o apartamento, mudei ventilador, mudei não sei o que. Cara, tá uma graça, tá a minha cara, entendeu? Então, o que eu posso reclamar da vida? Não posso reclamar. (Márcia, 47 anos)*

Assim, é possível perceber que nem sempre a mudança de casa é vivenciada de forma dolorosa, podendo significar um momento de libertação e de afirmação da autonomia. Esses dados estão de acordo com o que observou Peck e Manocherian (1995) e Kaslow e Schwartz (1995) sobre o sentimento de autonomia experimentado pelas mulheres após a separação.

Quanto ao relacionamento da participante com o ex-parceiro, esses dados serão analisados de forma mais detida em outra categoria de análise, onde serão discutidas as relações dos entrevistados com os ex-cônjuges em situações de conflitos e litígios.

É relevante também citar os discursos de dois participantes, que se referem à separação como um evento que provocou sentimentos de liberdade.

*É uma fase em que você... acho que se sente mais liberto, sabe? Eu já tinha riscado as coisas da minha vida. Então, eu só queria ser feliz, não queria encontrar alguém pra casar. (...) Depois que eu me separei, eu vivi uma fase maravilhosa, que eu digo que é a fase, no melhor dos sentidos, uma fase "homem". "Homem" no melhor dos sentidos porque não existe cobrança nenhuma em relação a... Eu já tinha feito "X" no casamento, em ter filho. Eu já tinha feito "X" em algumas **cobranças da vida**. Então, me dei ao direito de aproveitar a vida muito mais. E, talvez, eu não tenha feito isso antes do casamento, entendeu? (...) Eu conheci muita gente, eu namorei muito, eu fiz muita coisa e, assim, eu acho... Por isso que eu falei eu acho que eu tava numa fase "homem" no melhor dos sentidos. Porque assim... e eu saía e eu ficava, fazia de tudo (risos). (Ana, 40 anos)*

*Eu já vivia um casamento falido há muito tempo e... eu tinha medo de sair daquilo e tal. Então, eu acho que, na verdade, no primeiro momento, você leva aquele susto. Mas, depois, eu me vi livre. (...) Eu me vi liberto. (...) Passei a viver mais o... viver mais pra mim, também. Fazer as coisas que eu gosto de fazer... esse tipo de coisa. Sair com os amigos... (Arnaldo, 42 anos)*

Esses resultados expressam sentimentos de liberdade decorrentes do desenlace conjugal, ratificando o foi destacado por Féres-Carneiro (2003a) sobre a reconstrução da identidade individual após o término do casamento. A autora

observa que, apesar de esse processo ser lento e doloroso, é marcado também por sentimentos de gratificação em função da liberdade readquirida. Esses dados indicam que o período logo após a separação pode ser um momento de reconstrução dos relacionamentos sociais, conforme foi descrito por Kaslow e Schwartz (1995).

É importante notar que, no primeiro discurso, a entrevistada diz que se libertou de algumas “cobranças da vida”, indicando, uma vez mais, que percebe o casamento e a maternidade como norma social. Ela comenta também que, depois de fazer “X” nessas cobranças, permitiu-se vivenciar uma fase “homem no melhor dos sentidos”, deixando claro que entende que a pressão social em relação ao casamento e à procriação recai sobre a mulher. Esse discurso ratifica as observações de Rocha-Coutinho (2009), de Badinter (2011) e de Goldenberg (2003) sobre a socialização da mulher, que associa casamento e maternidade à feminilidade.

Ainda, refletindo sobre os sentimentos logo após a separação, é válido destacar que alguns participantes compararam a dor decorrente da separação conjugal com a dor em decorrência da morte de um ente querido.

*Eu acho que dor maior... Graças a Deus, eu nunca perdi ninguém na família, graças a Deus. Até então, eu não vivi nenhuma dor maior do que essa, da separação. Enfim, acho que é um processo muito doído, muito doloroso. (Bárbara, 38 anos)*

*A sensação, cara, é muito ruim, muito ruim mesmo. Uma das piores sensações que eu... Eu nunca tive a sensação de perder alguém da família muito próximo, entendeu? Mas, é praticamente... não sei, mas é uma sensação mais ou menos parecida com essa. (Arthur, 39 anos)*

*Psicólogos dizem que até a... a separação... pior do que a separação só a morte. Quer dizer, é como se fosse uma. A separação é uma coisa indefinível. (...) Não tem o que dizer. Com filho, então, é pior ainda. Por que é pior com filho? Porque você é obrigado a falar, você é obrigado a ver. Há o contato. Há procedimentos com eles que, às vezes, você não concorda. Se fosse só namoro, um foi pra lá, outro foi pra cá. (...) Não é um fim de namoro, é o fim de uma relação, é o fim de uma... de uma proposta de vida em que eu acreditava. (Hugo, 49 anos)*

Ao mesmo tempo em que as falas acima estão em consonância com a afirmação de Caruso (1989) de que a separação amorosa é uma vivência

psíquica de morte, o terceiro depoimento aponta a dificuldade em vivenciar esse processo quando existem filhos em comum. Podemos imaginar, portanto, que essa vivência de morte é interrompida a cada novo contato com o ex-parceiro. Essa suposição está em conformidade com o que é ressaltado por Féres-Carneiro (1998) a respeito do luto decorrente da separação amorosa, pois a autora pontua que esse processo é mais difícil de ser concluído do que aquele provocado pela morte do cônjuge.

### 5.3.3 Questões relacionadas à parentalidade

A maioria dos participantes não comunicou aos filhos a decisão de separação. Alguns entrevistados alegaram que os filhos não tinham, no momento da separação, idade para entender essa situação, enquanto outros argumentaram que nada precisou ser dito, pois os filhos já haviam entendido a crise conjugal e seu inevitável desfecho.

*Não, não, não... não houve isso de falar pra ela.... Ela tinha... ela tinha 1 ano e 10 meses, né? Era novinha assim... (Ana, 40 anos)*

*Com 3 anos e meio... você não comunica... 3 anos... ela não entenderia... (Júlia, 38 anos)*

*É como se eu nem tivesse que dizer pra eles. Pelo menos a Lisa já tava vendo há muito tempo que a nossa vida não era uma coisa assim muito tradicional, entendeu? Não que a gente se pegasse na frente dela, mas... Tipo assim, a gente já tinha esse apartamento, entendeu? Então, a gente já ficava um pouco indo e vindo, as crianças já ficavam dormindo aqui. (Laura, 34 anos)*

*Não teve esse sentar pra falar, sabe? Porque já tava uma coisa muito de briga, muito óbvia... (Márcia, 47 anos)*

*Não, nós não conversamos com ela. (...) Não tem como. A minha filha nem ia entender. Minha filha não saberia. Um ano... (Joaquim, 41 anos)*

*Era muito novinha. Ela nem se tocava. (...) Talvez, isso tenha sido a melhor coisa pra ela, essa separação tão cedo... Quando ela começou a se entender por gente, ela já se acostumou que o pai mora numa casa, vê ela de 15 em 15 dias, né? (...) Ela já tá crescendo com isso... Então,*

*isso pra ela já é o normal. O normal não é o pai dentro de casa, né? (Alfredo, 41 anos)*

*Ela (ex-parceira) nunca teve... ela declaradamente sempre é... preferiu falar tudo na frente da minha filha. O outro era bebê. Então, ela...minha filha sempre acompanhou todas as brigas nossas. Se não acompanhava, depois ela de alguma forma mostrava. Então, estava bastante claro. (Sandro, 48 anos)*

Duas entrevistadas afirmaram que não fizeram a comunicação da separação aos filhos porque elas acreditaram que essa situação era provisória.

*Ela falava “cadê papai”. “Ah, papai tá viajando, papai tá um tempo fora...” A gente sempre... Porque como a situação tava aquele limbo, né? A própria babá, que é muito experiente, já tá com a minha filha desde que nasceu, ela soltou essa. E eu falei “ah, tá, vamos deixar assim por enquanto”. Sabe? E, assim, a gente foi mantendo. (Bárbara, 38 anos)*

*Como não era uma separação de fato, ainda, na minha cabeça, é... Eu falei que a gente ia cuidar... o pai ia cuidar do vovô lá e a mamãe vinha pra cá. A gente ia morar com a vovó por uns tempos, né? E tá até hoje assim. Na cabecinha dele, ele saca que tem alguma coisa estranha. O papai e a mamãe não se falam muito, o papai e a mamãe não saem juntos mais. Mas, ele também... É estranho porque ele também não... não pergunta muito.(...) Ele não tem a total noção que os pais estão separados. Ele sabe que o papai e a mamãe não tem mais aquela relação que tinha. Isso não chegou ainda ele. (Luíza, 42 anos)*

No caso de alguns participantes, a comunicação da decisão de separação foi feita pela ex-parceira, que tomou para si essa responsabilidade.

*Foi difícil, mas foi ela que falou. Eu me lembro que, na época, eu questionei. “Vem cá, mas... você não acha que era a gente que devia falar com ele? Você já vai tomar a iniciativa e vai falar? Como é isso?” “Ah, não. Porque você tá muito mal... melhor eu conversar...” “Tá legal.” Ele sentiu na hora, né? Lógico, até hoje você percebe.... Mas, eu acho que, dentro da medida do possível, ele aceitou bem. (Arnaldo, 42 anos)*

*Ela já foi já... colocando na cabeça dele. “Olha, mamãe e papai não tão bem...” (...) Ela foi assim, trabalhando isso. Mas, o que eu achei legal... Porque notícia ruim é difícil de ouvir, né? Mas, é melhor você tomar um tapa na cara do que vários beliscões, né? Melhor um soco de uma vez*

*do que... E, aí, o que acontece? Quando ela me deu a notícia, ela já tinha conversado com ele. Ela falou “olha, mamãe tá saindo daqui, mamãe não gosta mais do seu pai como marido. Então, mamãe é que tá largando seu pai”. Eu achei legal da parte dela. Ela podia falar o seguinte, botar a culpa em mim. “Ah, seu pai não agrada mamãe, não é o pai... não é o marido que eu queria, seu pai me maltrata, seu pai faz isso, seu pai faz...” Podia botar a criança contra mim, mas não, ela foi realmente bem sincera nesse ponto. Falou “olha, mamãe tá indo embora, mamãe não gosta mais do seu pai, a gente não pode mais viver na mesma casa”. (...) Mas, ele entendeu isso melhor do que eu esperava, né? (Pedro, 46 anos)*

*Cara, na verdade, quem falou foi ela. É muito pequena... É engraçado, não sei... (...) É... cara, mas, ela (a filha) tá na boa, entendeu? Hoje em dia, ela tá tranqüila, mas eu sou... um pai muito ativo. (Arthur, 39 anos)*

Apesar de ser fundamental que a separação conjugal seja dita em palavras para as crianças, todos os dados acima ratificam a dificuldade dos pais em conversar sobre o processo de separação com os filhos, conforme foi ressaltado por Wallerstein e Kelly (1998) e por Dolto (2003). A última afirma que a comunicação do desenlace conjugal deve ser feita até mesmo para crianças que ainda não andam. Vários entrevistados entenderam, contudo, que a pouca idade dos filhos era um impedimento para que o término do casamento fosse expresso verbalmente. Outros argumentaram, ao contrário, que nada precisava ser dito, pois tudo já havia sido entendido. São dignas de nota também as participantes que não fizeram a comunicação da decisão de separação por acreditar que a situação era provisória, pois, mesmo quando a dissolução da conjugalidade começou a ser percebida como definitiva, essa atitude foi mantida por longo tempo. No caso de uma das entrevistadas, ela manteve a escolha de não contar a decisão de separação até o momento da entrevista.

Nos últimos discursos, os participantes afirmaram que a comunicação do desenlace conjugal foi realizada pelas ex-parceiras, indicando novamente a prevalência da divisão sexual do trabalho, em que as mulheres são as responsáveis pelo cuidado dos filhos (ROCHA-COUTINHO, 2009; BADINTER, 2011; GOLDENBERG, 2001; JABLONSKI, 2007). Entre essas falas, é válido observar a preocupação de um entrevistado com a possibilidade de ser vítima da alienação parental (SOUSA, 2009; PAULO, 2009). Posteriormente, essa questão será abordada detalhadamente em outra categoria de análise

Independente de ter ocorrido ou não um momento de pronunciamento do término do casamento, a maioria dos participantes foi capaz de discorrer sobre as reações dos filhos à separação.

*A minha filha desenvolveu alguns problemas de atenção, de desenvolvimento psicomotor. Então, a atenção dela é flutuante, ela não fixa a atenção. (...) Bom, aí ela perdeu... ela vai ter que atrasar um ano na escola. (...) Eu tive que levar em vários médicos, tive que fazer várias pesquisas, né? É... fono, neuro, psicóloga, psiquiatra, psicomotricista, vários médicos, né? E ela passou por vários momentos complicados. Alguns muito próximos a mim e alguns de distanciamento. "Não quero ir pra casa do meu pai de jeito nenhum." E eu fazendo tudo pra ela ir. Às vezes, ela ia pra casa do pai. "Não quero ir pra casa da minha mãe." Mas, o que acontece mais é ela não querer ir pra casa do pai ou vai pra dormir comigo, ela vai e volta de madrugada. (Bruna, 39 anos)*

*A princípio, você não nota nada, você não nota. Mas, aos pouquinhos, ele vai sinalizando isso no comportamento, né? Às vezes, uma agressividade com o pai, uma agressividade comigo, ou umas palavras que você percebe exatamente porque é, por causa da separação. (Letícia, 42 anos)*

*Eu via que a minha filha sentia a ausência do pai. (...) As visitas dele pra ela é... Teve uma vez que ele chegou, já tava assim uns quinze dias sem vê-la, chegou, ficou pouquíssimo tempo com ela. Saiu lágrima do olho dela quando ele foi embora, sabe? Não... foi assim... Ela sentia, tanto que... quando ela fez... assim... aí... ele demorou... (começou a chorar) No sábado, ele pegava ela pra dar um passeiozinho. Aí, ia ela, com a babá e ele. E ela até não ia pro colo dele, entendeu? Tinha coisa assim que ela... Engraçado, às vezes, mesmo pequenininha parece que entende a situação, sabe? (Bárbara, 38 anos)*

*Meu filho não aceitou. Não aceitou desde o início e eu nunca consegui sentar e conversar com ele. Não consegui sentar e falar com ele. Porque ele não dava retorno, ele só me fazia assim, balançava a cabeça, sim ou não, e as lágrimas escorriam. Mas, ele não conseguiu esboçar nada, nada. (...) Na época, ele achou sim que eu fui a causadora da dor dele, entendeu? Porque fui eu que quis a separação. (...) Pra ele, foi uma coisa meio chocante, entendeu? E partiu de mim. Então, eu fui a grande culpada da infelicidade dele. (Márcia, 47 anos)*

*Eu acho que, com certeza, ela sentiu. Mas, é o seguinte, o meu ex-marido tem uma filha de um primeiro casamento dele. (...) Ela já tem uma meia irmã, que é de pais separados, né? Porque o pai não mora com ela. Então, a Viviane cresceu já com essa sabedoria. Ela tem uma irmã que vem final de semana sim, final de semana não. Entendeu? Então, essa história dos pais separados é uma coisa que já vinha na vida dela. (...) Quando eu me separei do pai dela, ela já tinha isso... uma coisa meio que natural na cabecinha dela, né? (Júlia, 38 anos)*

*Eles choraram. (pausa) O mais velho muito mais. (...) Houve reflexos, não tenho dúvida, no estudo deles. (...) Era um problema de estudo, os dois. Os dois tavam mal fisicamente, tavam engordando. E os dois tavam mal em comportamento. (...) Mas, as crianças tem uma capacidade de... assimilação, talvez, maior do que a do adulto. (pausa) Acho que, hoje, eles vivem melhor com isso, já metabolizaram. (...) Acho que eles já se*

*acostumaram a essa nova realidade porque a gente faz tudo pra que isso não agrida. (Hugo, 49 anos)*

*Foi traumático, eu vejo que, pra ela, foi traumático. (...) Ela chorava a tristeza da gente não tá junto. Porque a gente sempre fez tudo junto. (...) Então, ela, desde pequena, sempre fez tudo conosco. A gente nunca deixou de ir a algum lugar por causa da Daniela. “Bota na fralda e vamos pra frente.” E ela sempre foi. Então, quer dizer, de repente, ter essa fragmentação familiar, né? Não ter mais o pai cotidianamente ou a mãe, né? Assim, naquela posição que a gente tinha... (...) Então, isso ficou meio sem eixo pra ela, né? Acho que foi estranho. (Antônio, 50 anos)*

*Ela tava muito nervosa, taquicardia, com falta de ar... (...) Com falta de ar, não tava conseguindo dormir e dizendo que ia morrer. (...) Quando ela chegou na escola, os colegas dela falaram que ela tava com a boca muito branca. E ela falou que teve vontade de, no meio do caminho, voltar pra casa. E, na minha cabeça, isso pra mim é indício de estresse e estafa. Alguma coisa de sistema nervoso tá provocando isso. E isso começou a aparecer depois da separação. (Marcelo, 45 anos)*

*Minha filha, cara... ainda mais agora que eu consegui apartamento... ela diz que tem duas casas. Tá levando isso na boa. (...) Por enquanto, agora, ela tá levando na boa. Sem problema nenhum. (...) Na escola, assim, com os amigos, acho que ela reagiu bem. É... até tá gostando porque tem mais uma casa. Não, não acho que ela vai ter problema em relação a isso não. (Arthur, 39 anos)*

*Ele tá bem, assim, emocionalmente, né? Ele não tá... tá estudando, o rendimento na escola tá bom, tá fazendo inglês também. (...) Ele... o que ele sente, na verdade, é o seguinte: rachou a casa no meio e cada metade se afastou. Mas, na cabeça dele, a gente ainda tá unido pelo nosso encontro quinzenal, né? Pelo nosso contato. (Pedro, 46 anos)*

Esses depoimentos não corroboram o que foi pontuado por Wallerstein e Kelly (1998) sobre a capacidade parental no período pós-separação. Apesar de as autoras afirmarem que os pais têm geralmente, nesse momento crítico, sua capacidade parental diminuída, os entrevistados acima se mostraram atentos às reações de seus filhos em relação à separação, sendo capazes de perceber seus sentimentos e seus possíveis problemas de adaptação.

Como veremos a seguir, apenas três participantes tiveram sua capacidade parental diminuída, ratificando a afirmação das autoras citadas.



*Acho que eu nem consigo ver como foi pra eles. Eu tô tão centrada em mim porque foi tão difícil pra mim, foi tudo tão estressante. (...) Eles se acostumaram, se habituaram, não sei. (Laura, 34 anos)*

*O André, coitado, foi criado pela babá porque eu nem... imagina, eu tava há 1 ano dopada, cheia de remédio, louca, sabe? Quando ele era pequenininho, quem criou mesmo foi a babá que ficou com a gente 5 anos, que pegava mesmo no batente. Eu fiquei uma época muito fora do ar. Eu fiquei uns dois anos, né? (Beatriz, 39 anos)*

Essas entrevistadas estavam focadas em seu próprio sofrimento, não tendo condições de perceber como seus filhos reagiam à separação. O próximo participante, por outro lado, teve sua capacidade parental diminuída por estar distante dos filhos.

*A curtíssimo prazo, ela (filha) tomou uma posição é... de se afastar da minha família porque a mãe conseguiu envenenar ela contra mim, minha irmã, minha mãe. Então, minha filha se afastou. (...) Eu tinha direito de visitação, mas a minha filha não vinha, por exemplo. Eu só pegava o pequeno. A minha filha, raras vezes, ela veio passar aqui uma noite comigo, raríssimas vezes. Nos três anos seguintes à separação, foram raros os momentos. Ela vinha quando tinha que vir, era aniversário... Minha mãe não comemora aniversário, mas, enfim, um Natal... Acho que nem meu aniversário, entendeu? (...) E meu filho, eu tinha que fazer dez queixas na polícia pra conseguir fazer valer o meu direito de visita. Ela manipulou também essa questão, não foi fácil mesmo com meu direito de visita assegurado pela justiça. (Sandro, 48 anos)*

Durante a entrevista, esse participante comentou que, naquele momento, os filhos estavam morando com a ex-parceira em outra cidade, de modo que eles estão ainda mais distantes. O discurso acima ratifica a possibilidade de Alienação Parental durante o processo de separação, como foi destacado por Sousa (2009) e Paulo (2009).

É fundamental lembrar que, para o presente estudo, o que importa não é propriamente as reações dos filhos, e sim como os pais sentiram-se diante dessas reações. Para alguns entrevistados, deparar-se com as reações dos filhos foi extremamente doloroso.

*A dor maior foi com relação a minha filha. Eu acho... o sofrimentozinho dela... Acho que adulto, a gente se resolve, a gente tem um entendimento*

*da coisa, a criança não, aquele sentimento puro, né? É assim... é a parte mais doída de tudo. (Bárbara, 38 anos)*

*Sentia tristeza, culpa. “Pô, tô aqui e meus filhos estão sofrendo também lá.” (...) Muito complicado e doloroso. Porque os piores encontros são com você mesmo, né? Eu fico andando pela praia, às vezes, sozinho, pelo calçadão, andando. Vai e volta, anda, anda, anda, anda... (pausa) Se culpa por causa das crianças, é uma carga pesada. Eu, pelo menos, eu penso assim. Eu ficava, pô, vendo meus meninos... (pausa) **Não era a realidade que eu tinha. Porque meus pais estão casados... fizeram cinquenta anos de casados.** (Hugo, 49 anos)*

Essas falas indicam o quanto pode ser difícil confrontar-se com o sofrimento dos filhos após a separação (KASLOW e SCHWARTZ, 1995). No segundo depoimento, o participante expressa sua culpa, afirmando que seus pais “fizeram cinquenta anos de casados”. A perda do ideal de família aparece associada novamente a uma configuração de família tradicional, que tem como característica a permanência. Esse discurso evidencia a família conjugal moderna, mais uma vez, como norma, estando em concordância com as afirmações de Goldenberg (2003) sobre o modelo hegemônico de família.

Outros participantes, ao contrário, pareciam estar mais preparados para lidar com a situação, demonstrando, ao menos no momento da entrevista, não sentir remorso ou culpa.

*Eu também fui filha de pais separados. Meus pais se separaram eu tinha 4 anos. Não lembro deles casados até hoje. E eu não tenho o menor problema com isso. Meus pais sempre conviveram muito bem. Minha mãe casou de novo, casou de novo duas vezes. Meu pai também, no final da vida dele, ele já faleceu também, casou, passou os dois últimos anos da vida dele casado com uma pessoa maravilhosa, que eu me dou até hoje. Tem um filho com ela, um terceiro filho. Enfim... é... isso não foi problema. Quando você faz bem feito... **eu tô tão mais feliz**, que eu acho que isso envolve minha filha também, né? E meu ex-marido já casou de novo, já tá com outra mulher, feliz da vida. (Júlia, 38 anos)*

*Veio o pai dele (do ex-parceiro) aqui, me pediu pra não me separar. Porque como é que iria ficar depois? Cada um ia arrumar um e a criança ia ver dois casais diferentes, pai e mãe... Aí, eu falei pro pai “olha, **eu quero é ser feliz**”. “Não importa se eu vou ter outro, ele vai ter outra. **Eu quero é ser feliz**. Não adianta um casal ser infeliz, a criança também vai ser infeliz.” Igual o Eduardo (ex-parceiro) é infeliz. Pra mim, o Eduardo não é feliz. Essa bipolaridade dele... (Letícia, 42 anos)*

*Eu acho que o filho de casal separado, ele é mais maduro do que o filho de casal junto. Por que? (...) Quando tem pai e mãe, a atenção é toda em cima do filho, né? (...) Quando a mãe não tá de olho, o pai tá de olho. (...) Com a separação, o filho fica mais independente. Porque ele fica mais, entre aspas, largado. Ele fica mais dono do seu nariz, quer dizer... (...) Ele é... cresce mais amadurecido. Essa é a minha opinião porque eu tô convivendo com isso agora. (Pedro, 46 anos)*

*Eu me preparei muito pra esse momento. Porque a vida inteira ela falava “eu pego meus filhos e vou embora”. (...) Então, eu sabia, quando eu me separei, que ia acontecer o que tá acontecendo hoje. Eles tão morando longe de mim é... Eu sabia que a minha filha ia ser manipulada, eu sabia que meu filho será manipulado. Mas, foi uma decisão que a gente tem que tomar e toma, né? Porque você também **não pode deixar de viver** por uma situação dessa. Então, eu... meio que me... meio não, eu totalmente me preparei, assim, mentalmente, emocionalmente, para o que eu iria passar, para todas as fases que eu iria passar. E não fico lamentando que meus filhos não tão aqui. Eu tenho certeza, absoluta certeza, que eu fiz tudo que eu podia pra eles ficarem aqui, pra eles ficarem aqui perto de mim. (Sandro, 48 anos)*

*Meus pais são separados. Eu era até pequeno, mas... Eu acho que eu tinha sete, oito anos. Senti muito é... Meu contato com meu pai é praticamente inexistente hoje pelo que aconteceu. Esse é um dos motivos por que eu não quero passar isso pra minha filha, entendeu? Por isso que eu tô sempre presente, pra caramba. Eu acho que o que eu sofri em relação ao meu pai eu não quero que a minha filha sofra em relação a mim. Graças a Deus, isso foi um aprendizado que eu tive, que eu vou levar pra mim, entendeu? (...) **Eu sou um pai muito ativo**. Vejo ela, busco ela no colégio terça, quarta e quinta... é... final de semana, eu tô sempre com ela. (Arthur, 39 anos)*

*Ela já se acostumou que o pai mora numa casa, vê ela de quinze em quinze dias, né? (...) Ela já tá crescendo com isso... Então, isso pra ela já é o normal. (...) Não adianta você insistir como o pessoal de antigamente, que insistia e vivia um casamento ruim, entendeu? Ou pra um lado ou pro outro. Ou porque a mulher, antigamente, aceitava e fazia tudo que o marido mandava, né? (...) O homem mandava e a mulher era obrigada a aceitar. E, aí, aceitava porque senão ia ser mal vista na sociedade. (...) Hoje em dia, acho que isso existe menos. Hoje em dia, as pessoas **buscam felicidade o tempo inteiro**. Seja homem, seja mulher. Quando não tá dando certo, (...) cada um vai seguir sua vida e **vamos buscar felicidade**. Você busca a sua, eu busco a minha. (Alfredo, 41 anos)*

Ao invés da culpa, o que emerge na maioria dos discursos é a necessidade de viver e ser feliz. Esses dados confirmam a ideia, de que, na contemporaneidade, a satisfação pessoal ocupa um lugar privilegiado no

casamento, em detrimento da dependência entre os cônjuges, como foi ressaltado por Féres-Carneiro (1998).

No primeiro e no quinto depoimentos, a história familiar surge como exemplo daquilo que pode e não pode ser repetido, respectivamente. Assim, a separação dos próprios pais liberta os entrevistados do sentimento de culpa. No caso da primeira participante, assim como aconteceu com seus pais, a separação não foi um problema, na medida em que ela “fez bem feito”. O quinto entrevistado, por sua vez, permaneceu “um pai muito ativo” depois da separação, agindo em oposição ao próprio pai, que foi internalizado como exemplo a não ser seguido. É interessante destacar que ele entende que, apesar de separado, ele pode ser um pai presente, demonstrando que configurações familiares vanguardistas podem também atender as necessidades afetivas de seus membros.

### 5.3.4 Sentimentos atuais em relação à separação

Quando questionados sobre seus sentimentos atuais relacionados à separação, vários participantes discorreram sobre sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal.

*Eu vejo que, assim, foi muito positivo pra mim, sabia? (...) Eu tive que ir pro fundo do poço pra surgir como uma nova pessoa, entendeu? (...) Eu comecei a me olhar como mulher de outra forma, cuidar mais de mim. (...) Então, acertar mais o meu lado feminino. Eu acho que eu cresci muito como pessoa, muito, amadureci muito como pessoa, como mãe, como mulher. E... o trabalho foi ótimo pra mim... Porque era uma coisa... que eu não vivia só em função do casamento. Eu acho que as mães que não trabalham, as mulheres que não trabalham sofrem infinitamente mais, entendeu? Porque, primeiro, que dependem financeiramente 100% do marido. Segundo que acaba que não tem uma vida social muito desvinculada do marido, né? Então, eu tinha um trabalho que mantinha ativa... (Bárbara, 38 anos)*

*Eu tenho muito orgulho de mim. Porque é muito difícil, entendeu? Porque é uma fase muito difícil e eu acho que eu encarei tudo... assim, com muito bom senso, me reergui. (...) Hoje, eu me vejo muito melhor que ele (ex-parceiro), entendeu? (...) Hoje, eu me vejo muito melhor, muito mais realizada. Eu vivi muito mais coisa, eu aprendi muito mais coisa, conheci um monte de gente. Assim... e tenho a minha vida nas minhas mãos. Talvez, quando eu tava casada, minha vida tava nas mãos dele, entendeu? Então, eu consegui ter assim... a minha vida na minha mão. Entendeu? (...) Eu dou graças a Deus que eu me separei. Porque, hoje,*

*eu sou assim muito melhor em todos os sentidos. Muito mais segura, mais independente, mais eu... mais... pronta pra muita coisa. (...) Eu era muito imatura. E... eu acho que eu me... eu me apoiava muito nele. Ele era a figura mais forte e eu ia na onda, entendeu? (Ana, 40 anos)*

*Tudo na vida te ensina muito. (...) Todo um aprendizado, né? Saber lidar com uma pessoa difícil também é um aprendizado, né? Saber lidar com pessoas diferentes de você, famílias diferentes de você é um aprendizado. (Letícia, 42 anos)*

*Dou graças a Deus de tá em outro momento da minha vida. (...) Mas, foi tudo certo também, eu amei muito ele, foi ótimo. Ele também gostou muito de mim, a gente tem uma filha maravilhosa, entendeu? Não me arrependo de ter sido casada com ele, acho que isso me ajudou também a crescer muito. Eu sempre muito infantil, muito mimada, sei lá, entendeu? Sempre enxerguei a vida de uma forma diferente. E você vai crescendo e as coisas vão ficando mais sérias. E os tapetes vão sendo puxados (risos). (Júlia, 38 anos)*

*Uma valorização... não é bem uma autoestima, é uma valorização... Eu sou mais do que tudo isso. Então, é... Eu sou mais do que um casamento, uma relação... A relação tem que ser comigo mesmo, eu tenho tá feliz comigo mesmo, eu tenho que fazer o que eu quero, o que me dá na telha mesmo, entendeu? (Luíza, 42 anos)*

*Tive uma filha linda, adoro... minha vida, entendeu? E, pô, isso pra mim, só isso já valeu tudo. O resto foi uma experiência que eu tenho que aprender pra não passar de novo. Então, pra mim, é isso. (...) Aprendizagem, maturidade. Entendeu? É você aprender pra não repetir os mesmos erros. (...) Então, os erros que eu cometi no meu casamento, eu tento não levar pros próximos namoros, né? (Alfredo, 41 anos)*

*Porque eu amadureci assim de um ano pra cá, eu amadureci muito. Eu tô mais feliz, né? Hoje, eu faço o que eu quero, a hora que eu quero. Sou um cara independente. **Quem passa a minha camisa sou eu, quem lava as minhas roupas sou eu.** Escolho um dia da semana, **dou uma geral na casa** e vou vivendo a minha vida, né? Hoje, eu sou o dono da minha vida mesmo, né? (...) Pra mim, foi uma mola, né? O que a mola faz? Ela te impulsiona. Pra mim, essa separação serviu pra que? Pra me impulsionar, pra me trazer de volta, pra retomar tudo aquilo que eu não tinha feito. (...) Essa separação, todos esses acontecimentos serviram pra que? Pra que eu retomasse a minha vida de novo, que eu pegasse a minha vida e falasse “pô, eu preciso crescer mais”. (...) E a gente sempre acha o contrário. Quando a gente adquire família, a gente acha que é muito mais importante cuidar da família pra, depois, cuidar de outra coisa. (...) Então, a separação, pra mim, foi aquele estopim do foguete, né? Não tem o “cinco, quatro, três, dois, um”? E, aí, aquela explosão que fez com que esse foguete entrasse em órbita, né? E esse foguete sou eu. (Pedro, 46 anos)*

Embora mais frequentes nas falas femininas, sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal aparecem tanto no discurso das mulheres quanto no discurso dos homens, estando em conformidade com o que é destacado pela literatura sobre separação conjugal (WALLERSTEIN e KELLY, 1980; PECK e MANOCHERIAN, 1995; WALLERSTEIN e KELLY, 1998; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

No primeiro depoimento, a entrevistada associa o trabalho fora de casa ao seu processo de crescimento pessoal, demonstrando que a atividade profissional pode funcionar como fonte de apoio para a autoestima, conforme foi observado por Kaslow e Schwartz (1995). Por outro lado, no último depoimento, é o trabalho doméstico que aparece associado ao crescimento pessoal. O participante afirma que, com o término do casamento, tornou-se mais independente, pois ele cuida da casa, assumindo tarefas tradicionalmente femininas. Esse discurso não corrobora o que é descrito pelas autoras citadas, uma vez que elas consideram que as tarefas relacionadas à administração de um novo lar podem ser vivenciadas pelos homens como insuportáveis.

Sentimentos de liberdade emergiram apenas nas falas femininas. Duas entrevistadas mencionaram a liberdade adquirida, quando indagadas sobre seus sentimentos atuais em relação à separação.

*Não devo nada a ninguém. Então, hoje, eu não devo nada a ninguém. Você entendeu? Se eu tiver que sair com um cara hoje e tiver um negócio com ele hoje, dane-se se alguém achar que eu sou alguma coisa! Eu tô fazendo porque eu quero, eu tenho a minha liberdade hoje. Ninguém paga as minhas contas. (...) Eu tô gostando muito disso aqui, de não ter que dar satisfação, de não ter obrigações... O homem, por melhor que seja, você tem obrigações de fazer comida, de cuidar de roupa... (Márcia, 47 anos)*

*A minha liberdade... meu ex-marido me... ele era muito ciumento e muito desconfiado. (...) Ele desconfiava muito de mim assim, sabe? Tudo ele duvidava, tudo ele... Eu não sei explicar, eu não sei se ele achava que eu traía ele ou... Porque eu era muito livre (risos), sabe? Ou se era ciumento mesmo, uma coisa de ciúme, sabe? De posse. Então, quando eu me separei... (...) É uma questão de liberdade mesmo. Ufa! Eu não tenho horário, posso fazer o que eu quiser. Se eu quiser fumar um cigarro, eu posso fumar. Se eu quiser beber, eu posso beber. Se eu quiser ficar em casa dormindo, posso dormir. Se eu quiser sair com as minhas amigas... Entendeu? Ninguém tá me tolhendo, sabe? Essa é a situação. Não que eu queira (risos), mas, assim, qualquer coisa eu posso, entendeu? (Júlia, 38 anos)*

Mais uma vez, os dados indicam uma vivência gratificante de liberdade em decorrência do desenlace conjugal, como foi pontuado por Féres-Carneiro (2003a).

Em contrapartida, somente os homens reconheceram a permanência dos mesmos sentimentos de tristeza do período pós-separação, ainda que sua intensidade e sua frequência não sejam as mesmas.

*Pra mim, era o fim do mundo eu ter me separado. E, hoje, não. (...) Apesar de ainda me julgar triste pela perda da minha família, eu não vejo isso como um problema mortal. Não. Hoje, tá mais resolvido. Eu acho que eu penso um pouco que venceu-se aquela etapa, né? Agora, eu tenho que olhar pra frente. (Antônio, 50 anos)*

*O tempo passa, você tem que aprender a entender esses momentos de depressão e tristeza como uma coisa normal. O problema é a frequência. Quanto mais perto da separação, a frequência é maior. Vai espaçando... vai passando o tempo, ela vai espaçando. (...) Te falei de uma namorada, que é um barato, tal, tal... Mas, tem momentos... Vou te mostrar uma coisa, apesar de tá tudo indo... **tudo indo bem...** (...) Se você quiser, eu acabei escrevendo uma coisa... (...) Se quiser ler, não sei se vai agregar alguma coisa à sua pesquisa (mostrou um texto que está em anexo) (Hugo, 49 anos)*

*Claro que eu fiquei mal um tempo, tô triste ainda, mas é... só o tempo que vai curar essas coisas, entendeu? (...) Eu tô... (pausa) tentando, né? A gente vai fazendo o esforço que é possível. Mas, cara, é... é o que todo mundo sabe, é o tempo. Já foi bem pior do que tá hoje, né? Tá bem mais tranquilo. Não tranquilo, mas já tá bem melhor. (...) Na verdade, eu não queria a separação e a **minha mulher** queria, entendeu? Então, quem acaba sofrendo sou eu mais do que ela. (...) Além de **eu perder o contato maior com a minha filha**, eu ainda perco o contato com a pessoa que eu gosto, entendeu? **De eu perder aquilo tudo, a casa, a família...** eu ainda perdi o... além de eu perder isso, **eu ainda perdi a pessoa que eu gosto**. Então, são... mais um sentimento. Ela pode até ter o sentimento da relação, mas ela não tem o sentimento de perder uma pessoa que ela gostava, entendeu? Porque, certamente, ela parou de gostar de mim. (...) E eu, não. Eu... esse sentimento em mim ainda existia. Então, além de eu ter que sair de casa, perder o contato com a minha filha é... a história do casamento, que eu tinha pra mim que era uma coisa importante, ainda tem a... de eu perder uma pessoa que eu gosto, entendeu? (...) Tem essa sensação também de perda, do coração, né? Porque aí fica machucado também. (Arthur, 39 anos)*

Ao exporem seus sentimentos atuais relacionados à separação, os participantes sinalizam que o processo de luto é um processo gradativo, em que a libido é desinvestida progressivamente das representações do objeto perdido, conforme foi postulado por Freud (1917/1996). Apesar da emergência dos

mesmos sentimentos do início do processo de separação, os entrevistados percebem que tais sentimentos não surgem com a mesma intensidade e frequência de antes.

Durante a entrevista, o terceiro participante referia-se à ex-parceira ora como “minha mulher”, ora como “ex-mulher”, ratificando que o luto consiste na descoberta e redescoberta repetidas que o objeto amado não existe mais (FREUD, 1917/1996). O mesmo pode ser dito do segundo entrevistado. Ao mesmo tempo em que ele dizia que sua história com a nova namorada estava “indo bem”, ele mostrava um texto que revelava todo seu pesar diante da perda do laço conjugal.

Ainda, considerando o terceiro participante, é válido ressaltar que ele sintetiza em seu depoimento todas as perdas sofridas: da mulher amada, do contato diário com a filha, da casa, da família. Esse discurso confirma a ideia de que o término do casamento inclui a elaboração de muitas perdas simultâneas (DUCATI, 2005).

Por último, é importante notar que as falas acima indicam que os entrevistados superaram a fase aguda de dor que se segue ao desenlace conjugal, como foi observado por Kaslow e Schwartz (1995). No momento da entrevista, o tempo de separação desses participantes era de dois anos, um ano e um ano e meio, respectivamente. Esses dados corroboram a afirmação das autoras citadas, que consideram que a fase aguda de dor é superada entre um e quatro anos depois da separação.

Outros entrevistados expressaram seu ódio pelo ex-cônjuge, mostrando como situações de conflito ou litígio funcionam como perpetuadoras do vínculo conjugal.

***Eu não tô separado. Então, é... como ela é uma... (pausa) pessoa de pouco caráter, ela... é bastante litigiosa nossa separação. (...) Então, é assim, eu não tô separado. A gente continua brigando na justiça. Então, não há como ter uma relação amistosa com uma pessoa desse caráter, né? Quando terminar os processos, eu ganhando ou perdendo, as coisas serão menos... a gente viverá... pelo menos, deixará de viver esse embate na justiça. Mas, até lá... já são seis anos. Eu não tô separado na verdade, de direito. (...) Eu tenho um pedido de dissolução de união estável que corre, tenho um pedido de separação de bens, essas coisas todas. Tá tudo aí, eu tô todo enrolado ainda. (...) Eu procuro não ter tanta raiva dela quanto eu já tive. Mas, eu não consigo ter nenhuma... infelizmente, nenhuma vontade de ajudar ela, entendeu? Isso, pra mim, é um dilema muito grande porque eu tento melhorar como ser humano. Mas, eu tenho quase certeza que se eu... se ela precisasse que eu***



*estendesse a mão... se ela tivesse se afogando, eu acho que eu não dava minha mão pra ela. Mais ou menos é isso, entendeu? Eu prefiro que ela saia da minha vida. (...) Prefiro que ela não exista na minha vida, entendeu? Então, é... pra mim, isso é muito complicado porque eu tento ser uma pessoa melhor e, aí, eu tenho um compromisso de tentar é... ser assim mais amável com as pessoas, entender, perdoar, mas ainda tá difícil. Ainda tá muito... tem muita briga ainda. **Se não tivesse mais os processos**, se as coisas já tivessem mais desenroladas... (Sandro, 48 anos)*

***Aquele amor virou ódio** de uma certa forma, entendeu? Hoje em dia, eu continuo magoada com ele. (...) Machuca, não adianta dizer que não, machuca. Mas, me machuca, sei lá, porque ele continua agindo como idiota, entendeu? Porque ele não veio e falou “foi mal”. (...) Não é fácil pra mim, sabe? É duro. Porque a gente viveu muita coisa legal. É meio triste porque... (começou a chorar) É complicado, eu não queria tá com essa raiva, sabe? (...) Eu fico passada que ele me fez chorar... (chorando) (...) Ele me agrediu no dia que ele tava indo pra Espanha com a mulher (parceira atual), entendeu? Então, aí, por causa dessa agressão, eu fui... achei uma boa advogada porque eu nem tinha advogada. (...) Foi ridículo, ele me deu um mata-leão. Primeiro, ele pegou no meu braço pra me tirar da portaria dele à força. (...) E, aí, eu fui, procurei advogada, comecei a correr atrás dos meus direitos assim direitinho, entendeu? Então, assim, teve muito estresse nessa época. (...) De lá pra cá, foi assim... tipo, briga... vai e vem no acordo, vamos fazer assim, vamos fazer assado... A gente já assinou, só que continuou... Ele tava com cara de ódio no dia da assinatura. (...) Achou o que? Que eu ia dar uma de idiota. Eu até tava dando uma de idiota. Nossa, ele fez cara de bicho, saiu puto... e sabe? Assim, não parou de aprontar. (Laura, 34 anos)*

Esses depoimentos demonstram como situações de conflito e de litígio estão a serviço da manutenção do vínculo conjugal, permitindo que os ex-cônjuges extravasem seus sentimentos de raiva e de desilusão com o casamento. Enquanto o primeiro participante repete que não está separado, a segunda entrevistada afirma que “aquele amor virou ódio”. Essas falas indicam que a separação emocional não ocorreu de fato, estando em consonância com o que foi ressaltado por Ribeiro (1999), por Shine (2002) e por Farkas (2003).

No segundo discurso, a entrevistada conta que, depois de ser agredida pelo ex-parceiro, ela procurou uma advogada, deixando claro o momento em que transferiu as questões mal resolvidas da conjugalidade para o sistema judiciário (RIBEIRO, 1999; SHINE, 2002). Assim, o processo legal da separação não foi vivenciado como um ritual de passagem, tornando-se o palco de atuação dos ex-cônjuges. Nem mesmo quando esse processo chegou ao fim, a legalização da separação funcionou como a cena representativa da ruptura. Ao longo da

entrevista, a participante deixou emergir toda sua mágoa, tornando evidente sua dificuldade de desvinculação.

Essa dificuldade de desvinculação é evidente também no primeiro depoimento, quando o entrevistado associa a permanência da raiva à continuidade dos processos que tramitam na justiça. A longa e sofrida batalha judicial, travada pelo participante e sua ex-parceira, funciona como forma de perpetuação do vínculo conjugal, conforme foi destacado por Antunes, Magalhães e Féres-Carneiro (2010).

Questões mal resolvidas da conjugalidade aparecem também nos próximos discursos, apresentando-se como uma resistência a estabelecer novos vínculos.

*Hoje, eu não desgosto (da ex-parceira), mas também não quero ver. Me faz mal ficar perto, olhar, escutar a voz. Me faz mal. (...) A maior mágoa que eu tenho da minha separação é isso. Ela nunca soube ouvir, ela queria ditar. (...) Só tinha cobrança. Quando tinha briga, eu que tinha que absorver é... pra poder manter o casamento, eu que tinha que ir lá, pedir desculpas. (...) Não fazia nada, mas eu tinha que inverter os papéis pra poder continuar amando aquela pessoa, que era a mãe das minhas filhas. (...) Olho pra trás, não... a única coisa boa que eu vejo é... foi uma experiência que me valeu muito. Porque, assim, **não erro de novo**. Porque eu não pretendo casar de novo. Eu tenho na minha cabeça o seguinte: errar é humano, **permanecer no erro é burrice**. Então, o que eu tinha que errar eu já errei e **não erro mais. Cometer o mesmo erro não tem como**. (...) Do casamento, o que restou de bom foi minhas filhas. (...) Casar de novo não quero. Me relacionar sério também não. (Marcelo, 45 anos)*

*Eu não consigo ter uma namorada pra me relacionar. Porque, pelo o que eu passei com a mãe da minha filha, eu acho que a aproximação, hoje em dia, é muito devido a isso, por eu trabalhar onde eu trabalho. (...) Eu não acredito. (...) Eu saio, fico. Não acredito que aquilo ali... vai existir amor, que vai ser um relacionamento. (...) Não caso de novo (risos). **Ninguém erra duas vezes**. (Joaquim, 41 anos)*

Durante toda a entrevista, esses participantes mencionaram somente aspectos negativos do relacionamento amoroso, refletindo questões mal resolvidas da conjugalidade. Tais aspectos foram “depositados” nas ex-parceiras, de modo que lhes foi atribuída toda a culpa pelo fracasso do casamento (SHINE, 2002). Perpetuada pelo litígio, essa dificuldade de integrar os aspectos bons e maus do outro é um empecilho para a elaboração da perda (FARKAS, 2003), impedindo o ego de tornar-se disponível para novas ligações

(FREUD, 1917/1996). Esses entrevistados repetiram várias vezes, ao longo da entrevista, que não cometeriam o mesmo erro, deixando nítida sua resistência diante da possibilidade de estabelecer novos vínculos.

### 5.3.5 Reconstrução da identidade

Ao refletirem sobre as mudanças decorrentes da separação, alguns participantes consideraram o término do casamento uma oportunidade de resgatar aspectos de si mesmo.

*Quando eu me separei, eu me questionava. “Caramba, o que eu gosto?” Porque, quando você tá acostumada a ser casada um tempo, você sem perceber você faz as coisas que o outro gosta. Não é? Você sem perceber você faz as coisas, você vai aos eventos, você vai na parte social, muitas vezes, que o outro gosta. Eram poucas as situações em que ele me acompanhava. Então, quando eu me separei... sabe quando você faz uma análise da sua vida? “O que eu gosto de fazer? Eu gosto de ir ao cinema? (risos) Eu gosto de ir à praia? (risos) Eu gostava de velejar realmente quando eu velejava? Eu gosto sei lá... Eu gostava de ir nos eventos que ele ia, onde eu ia com ele?” Você faz essa análise. “Caramba, quem sou eu? Eu gosto de que?” Isso é bacana. (...) Eu sei o que eu gosto. Porque, quando você vive em conjunto, chega uma hora, se você não parar pra pensar, você tá fazendo algo automaticamente. Você não pensa se você realmente quer aquilo e se você gosta. (Letícia, 42 anos)*

*Eu acho que eu comecei a me conhecer, a fazer as coisas que eu gosto, a descobrir o que me dá prazer. Eu comecei a ser feliz sozinha, aprendi a ser feliz comigo mesma. (...) Acho que eu comecei a aprender a... sabe? A ver o que eu gostava de comer, o que eu gostava de beber, tudo, que esporte que eu gostava de fazer, aonde eu gostava de ir, quem são os amigos com quem eu quero andar, quem eu acho que tem identidade comigo. Acho que eu aprendi tudo assim da vida. Acho que eu aprendi a... Eu era muito ligada nele, eu fazia tudo que ele fazia. Eu vivia a vida dele, eu não vivia a minha vida. Eu vivia a vida em função dele. Ele tinha trabalho em São Paulo, a gente ia morar em São Paulo. Tinha trabalho não sei aonde, eu ia pra não sei aonde. Queria ir pro lugar tal, eu ia pro lugar tal. Acho que eu era mais levada, entendeu? Conduzida. (Beatriz, 39 anos)*

*Eu comecei a ouvir a música que eu queria ouvir, ler o livro que eu queria ler, entendeu? Na verdade, isso não tem a ver... talvez, não tenha a ver com a pessoa, tem a ver com o fato de você tá ali naquela situação e não... é... não tá vivendo a vida, entendeu? Sabe aquela coisa de você*

*ficar... parado na janela, olhando o tempo passar? Mais ou menos isso, entendeu? (Arnaldo, 42 anos)*

Apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizarem que o casamento deve sustentar a autonomia de cada cônjuge, as falas acima confirmam que individualidade e conjugalidade são duas forças paradoxais de difícil conciliação (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Nesse caso, o processo de separação aparece, então, como uma possibilidade de descobrir e retomar interesses, a partir da exploração do ambiente e do próprio mundo interno (KASLOW e SCHWARTZ, 1995).

Com o desenlace conjugal, algumas entrevistadas optaram por retornar ao mercado de trabalho ou redirecionar a carreira, como veremos a seguir.

*Eu, muito inexperiente, eu permite muita coisa. Permite que ele me conduzisse, né? Ele nunca me deixou estudar... eu fiz uma faculdade escolhida por ele porque era ao lado da minha casa e porque tinha de tarde, entendeu? (...) Estou, hoje, com 47 anos, recomeçando minha vida do nada. (...) E o que eu faço? Eu procuro colocar meu foco na minha vida profissional e financeira, que é o que eu preciso realmente fazer, né? Eu preciso desenvolver rapidamente esse lado profissional e financeiro. (Márcia, 47 anos)*

*Agora, já tô uns três anos numa área muito mais administrativa, muito mais estratégica, muito mais... outra filosofia completamente diferente, completamente diferente da que eu tava. (...) A mudança maior foi meu trabalho em si. Porque eu mudei de área. Hoje, eu não trabalho mais na área de informática. (Ana, 40 anos)*

*Comecei a me dedicar à fotografia, que é uma coisa que eu gosto muito. Comecei a fazer cursos de fotografia e a minha intenção é abrir um estúdio, em breve. Porque, aí, vou ficar com o horário flexível, monto os meus horários. E eu posso fotografar a hora que ela (filha) tiver na escola ou na casa do pai. (Bruna, 39 anos)*

Enquanto essas participantes investiram em novas atividades profissionais após a separação (KASLOW e SCHWARTZ, 1995), um entrevistado mencionou, com entusiasmo, que aprendeu a cozinhar, tornando-se mais independente.

*De repente, eu me vi sozinho, tendo que fazer absolutamente tudo. Sozinho, né? (...) Depois de um tempo, eu comecei a ficar muito ansioso*

*pra achar uma outra pessoa, pra substituir e... isso, na verdade, não é por aí, não tinha nada a ver mesmo. E, depois, eu relaxei com isso e parei de pensar dessa forma e fiquei só tocando a vida, entendeu? Quer dizer, eu comecei a... ter que desenvolver coisas aqui, assim, pra poder suprir essa falta que ela fazia, né? (...) Cara, eu comecei a cozinhar, cozinhar, cozinhar... e muito bem. Aí, **eu comecei a descobrir que eu cozinhava muito bem**. Pô, meu arroz é maravilhoso, meu feijão idem, sabe? O bife fica perfeito. Eu descobri medidas de cozinhar. Então, eu faço rápido, eu faço bem feito. Isso também me deu uma autoestima, sabe? Assim, a... começar a ver que eu tinha uma certa independência nessas coisas, né? (Renato, 48 anos)*

Entre os depoimentos masculinos, o trabalho doméstico aparece, uma vez mais, como fonte de apoio para a autoestima no período pós-separação, contrastando com o papel masculino tradicional, desempenhado no casamento e na família.

Outros participantes discorreram sobre as mudanças relacionadas à vida social, afirmando que, com a ruptura do laço conjugal, construíram uma nova rede social.

*O processo mais difícil foi ter paciência pra minha vida é... se... entrar numa normalidade social, vamos dizer assim. Entendeu? Porque eu era nova, cheia de energia. Às vezes, sábado à noite, eu queria... pô, queria... eu não digo badalar, não é isso. Na boa, eu queria tanto sair pra um restaurante, sair pra jantar fora. Eu queria ir num cinema e não ter companhia, entendeu? É... eu acho que... o mais difícil foi isso. (...) Os amigos casados estão todos em casais. A programação já não é mais a sua, você não se encaixa mais, né? É... então, é isso. Eu comecei a... eu sempre gostei muito de fazer esporte. Aí, eu voltei as minhas atividades de esporte. Nisso, eu conheci muita gente. Uma amiga puxa a outra, né? (Bárbara, 38 anos)*

*Tem muitos amigos nossos com quem eu não falo mais é... que eu não falo mais assim é... porque não encontro mais, parei de sair com essas pessoas, né? Algumas até se ressentem e tal. (...) Porque são os amigos dele, que eu conheci através dele, né? (...) A família dele também me renegou desde a separação, né? (...) Eu não vou dizer pra você que eu fiquei a vida inteira chorando e remoendo e... Não, eu abri as portas da minha casa. (...) Dava mil festas aqui, dei Reveillon aqui. (...) Eu pulava Carnaval com as minhas sobrinhas. (...) Me fantasiava e ia pra bloco com elas. (...) Eu comecei a conhecer pessoas, ir pra boate, ir pra barzinho. (...) Eu não sabia nada, né? Eu tinha que conhecer de novo homens, eu tinha que saber como era namorar. E, aí, era divertido. (Sônia, 52 anos)*

*E ele (ex-parceiro) achava... sempre quando ele me via rindo muito... “Que isso? Tá doida?” (risos) “Que gargalhada é essa? Você tá bêbada.” Eu não bebo, eu não bebo nada que me faça ficar fora de controle. Então, era muita... sabe? Era muita poda. (...) Eu voltei a fazer várias coisas que eu gostava, a sair, a rir. (risos) Eu gosto muito de sair com amigos, de rir. Eu gosto muito de rir. (Bruna, 39 anos)*

*Hoje, de fora, eu vejo que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida eu ter me separado dele. Porque eu era assim uma... sei lá, uma ameba na vida dele, sabe? Uma pessoa que não tinha vontade própria, fazia tudo que ele queria, sabe? (...) Me separei de todos os meus amigos porque a vida dele era trabalhar. (...) E eu, não. Eu sempre fui uma pessoa alegre, gosto de gente, gosto de sair, gosto de tudo. Então, eu acho que... Eu recuperei também todas as minhas amigas... Então, voltei à minha vida, voltei... Tive relações assim de sexo, com prazer, com amor, com vontade, que eu nunca tinha tido com ele. Olha que coisa louca. Então, é ruim o que eu fiz com ele também, né? Os dois fizeram. (...) Eu acho que eu cresci muito como pessoa... Eu não tomava um chopp quando eu era casada. Detestava chopp, detestava... Hoje em dia, eu tenho minhas amigas, tomo chopp, me divirto. (...) Hoje, eu falo, graças a Deus que eu me separei. Porque a minha vida... eu sou outra pessoa. Tenho uma vida muito mais alegre e tudo. (Beatriz, 39 anos)*

*Tô conhecendo novas pessoas, saindo com os amigos, entendeu? Essas coisas que você não faz quando é casado, você fazia quando era solteiro. Graças a Deus, conheço bastante gente, sabe? O pessoal me apoiou. Os solteiros me chamam pra sair. Os casados, não. (...) Não fico enfurnado em casa, sem fazer nada. (...) Cara, tô curtindo a vida é... não do modo que era antes, porque eu tinha, sei lá, trinta anos, vinte e nove. Agora, eu tenho trinta e nove. Então, é... tem que aprender a... a sair na noite de novo. Às vezes, eu vou em boate. Às vezes, eu vou em barzinho. E conhecendo garotas novas, vendo que... sabe? O mundo não tá perdido, posso ter outros relacionamentos se eu quiser é... e, eu te falo, só não tô namorando porque eu não quero, entendeu? (...) Eu tô curtindo, entendeu? Tô saindo... desculpa o termo, pegando todo mundo, entendeu? E... sabe? Tô vendo que, cara, é... a vida não tá perdida, entendeu? Tenho uma vida longa pela frente ainda. (Arthur, 39 anos)*

*Isso eu aprendi com a separação. As pessoas que estão a tua volta, do teu cotidiano, sendo casado ou não... Você estabelece algumas relações e algumas são mais próximas, outras não... Algumas te desejam, outras nem tanto... Quando você se separa, se torna disponível a tudo isso. Então, eu, na verdade, comecei a sair com mulheres do meu círculo de amizade, do meu círculo de trabalho, né? Não que trabalhassem diretamente comigo, mas pessoas que conviviam em torno do meu casamento, que tavam a fim de sair comigo. Eu simplesmente saí. Então, quer dizer, não fiquei em casa... não, que nada. Eu trabalhei todo dia e bandalha final de semana. (...) Não sou um ermitão não. Não fico em casa o tempo todo. Muito pelo contrário, fico até pouco demais em casa. (...) Dizem que eu tô no vento. Pra onde me chamam eu tô indo. (...) Me tornei um paquera. Isso eu tenho que admitir. Melhorei minha performance agora, tô demais. (Antônio, 50 anos)*

Com a dissolução da conjugalidade, a pessoa separada pode excluir ou ser excluída de uma rede social ampla, derivada do casamento (WALLERSTEIN e KELLY, 1998). Enquanto ocorre o afastamento dos antigos amigos, outros relacionamentos são construídos ou modificados, formando uma nova rede social (KASLOW e SCHWARTZ, 1995).

Entre as mudanças decorrentes da separação, os entrevistados mencionaram também as transformações na aparência.

*Mudança? É que você não me conheceu antes... mas, você ia ver que eu sou totalmente outra pessoa. (...) Nesse tempo, meu cabelo era grande, né? Agora, tá curtinho. Agora, eu tô um pouco mais moreninha, mas tava bem loura. Tinha vinte quilos a mais, vinte e dois... (...) Emagreci muito. Você vai ver que eu tô com as minhas unhas pintadas, maquiagem no rosto. Mudei muito externamente. (Luíza, 42 anos)*

*Eu acho que eu sempre me vesti assim. Depois, quando eu me casei é... eu acho que eu meio que dei uma freada, né? Que é aquilo que eu te falo, são os acordos que você faz no relacionamento, né? Não tem que agredir ninguém. (...) Então, eu controlava um pouco o meu modo de vestir, digamos assim. Eu era um pouco mais... por exemplo, na época que eu tava casada com ele, quando eu fazia é...a faculdade e eu trabalhava com meu irmão, eu usava uns terninhos. Eu tenho horror a terninho, horror. (...) Eu usava. É elegante? É, mas não é a minha praia, entendeu? (...) Hoje, eu não uso. Não adianta você me pedir, pode me pagar, mas eu não vou usar. (...) Eu acho que, até nisso, eu pude me liberar, voltar a ser o que eu era, me vestir da forma como eu gosto, usar os meus biquínis sem ninguém me criticando. E foda-se, literalmente foda-se, quem achar alguma coisa, entendeu? (Sônia, 52 anos)*

*Faço minha ginástica, me arrumo melhor. Não fazia uma ginástica, sabe? Não comprava uma roupa. Era tudo cimento, tijolo, porque ele (ex-parceiro) constrói. Todo dinheiro era pra aquilo. Eu tava sempre desleixada, sabe? Acho que isso... sei lá, foi uma... um massacre. (Beatriz, 39 anos)*

*Você volta a ficar mais vaidosa, a se cuidar mais, sabe? Perceber o que é interessante, olhar o sexy appeal, entendeu? Você começa a ter olhares de outros homens, que te dizem coisas que você não imaginava, entendeu? Pô, desperto isso? (risos) Entendeu? (Bárbara, 38 anos)*

*Ah, fiquei mais bonito. Eu me cuido um pouco mais. Posso dizer porque as minhas funcionárias dizem isso. As pessoas (...) dizem como o casamento me fazia mal. "Porque você se vestia mal, se arrumava mal. Você, agora, anda um gato." Elas falam isso. (...) Quer dizer, até cuido um pouco mais de mim nesse sentido. (Antônio, 50 anos)*

*Eu não tinha capricho com meu corpo, não fazia academia... Hoje, me preocupo mais com a minha forma física, alimentação, né? (...) Coisa com que, antigamente, eu não esquentava a cabeça. Às vezes, eu ia jantar onze horas da noite. Às vezes, eu ia beber cerveja junto com a refeição. Então, a separação fez eu cuidar mais de mim. E a minha autoestima melhorou muito, melhorou muito mesmo. (Pedro, 46 anos)*

Homens e mulheres podem realizar uma verdadeira transformação no visual no período posterior à separação, como foi pontuado por Kaslow e Schwartz (1995). Entre as modificações na aparência, as autoras observam, tanto nos homens quanto nas mulheres, mudanças na cor e no corte do cabelo, perda de peso e ingresso em alguma atividade física.

Nesta categoria de análise, as mudanças citadas pelos participantes constituem o processo de reconstrução da identidade, conforme foi ressaltado por Féres-Carneiro (2003a). A dissolução do laço conjugal é um processo em que a identidade do casal se desfaz progressivamente, enquanto os ex-parceiros redefinem suas identidades individuais.

### **5.3.6 Relação com o ex-cônjuge**

A partir do discurso dos entrevistados, foi possível constatar que, na maioria dos casos, o padrão de relacionamento com o ex-cônjuge não sofreu alterações significativas ao longo do tempo, mantendo-se o mesmo do período seguinte à separação até o momento da entrevista. Como veremos a seguir, alguns participantes conseguiram manter, desde o início do processo de dissolução da conjugalidade, um bom relacionamento com o ex-cônjuge.

*Hoje em dia, eu gosto muito dele. A gente convive muito bem por causa da nossa filha e tal. Continuamos tendo umas diferenças de pensamento, de maneira de criar e tal, mas a gente sempre chega num consenso. A gente evita esse atrito por causa da criança. (...) Muito rapidamente, a gente já conversava numa boa. Aí, um ano depois, quando a gente foi fazer nosso divórcio, a gente foi até junto no carro, sabe? Lá pro Tribunal, no centro da cidade. Aí, voltamos juntos, com a minha advogada, falando besteira... Então, foi assim super... diferente, todo mundo rindo, entendeu? (Júlia, 38 anos)*

*Foi válido porque a gente teve dois filhos maravilhosos, que a gente ama de paixão. Temos uma amizade, apesar de tudo isso. Eu não sei o que é*



isso, que eu não consigo brigar com ele. Ele com a mulher lá, a mulher engravidando dele, eu com meu filho recém-nascido... Olha só que loucura. Que coisa, né? Eu não ficar com ódio desse homem, né? Não botar na justiça, não brigar, chamar de... nada. Nunca deixei... nunca impedi de ver os filhos. Sempre pega os filhos, de quinze em quinze, uma vez por semana... Nada de briga com ele. Nada. (...) Nem quando eu me separei, nenhuma vez eu tive brigas assim... nunca. Briga tem, né? Discussão... Só que tem brigas assim... mas, eu tenho toda a intimidade do mundo. Porque eu acho que o que ficou dentro da gente... a gente tem uma amizade muito grande. Porque teve... são treze anos. Assim, quando ele tá com qualquer problema, na empresa mesmo... Outro dia, ele me ligou, pedindo dinheiro emprestado. Aí, eu empresto pra ele pagar a parcela do apartamento com a mulher. Olha que loucura. Entendeu? Mas, eu sei que se eu tiver na mesma situação... Eu tive um problema na loja. Quem foi negociar? A advogada não conseguiu. Ele pegou e resolveu tudo. Então, a gente tem uma cumplicidade de vida. A gente super amigo, né? (Beatriz, 39 anos)

Eu acho que a gente tem uma coisa boa da... e assim... claro que a gente tem nossos períodos de desentendimento, a gente briga e tudo. Mas, eu acho que a gente sempre conseguiu manter uma civilidade. Eu acho que a gente tem um entendimento de que tudo deve ser feito pro melhor pra nossa filha, sabe? (...) Pelo menos de minha parte, e acho que da dele também, como a gente tem um relacionamento muito antigo, de muita amizade, entendeu? E eu acho que isso não se perde. Enfim, eu não deixo de desejar bem pra ele, entendeu? Então, é aquela coisa que você briga, mas, daqui a pouco, você volta a se dar bem, entendeu? Porque você viveu junto com a pessoa, sabe? (Bárbara, 38 anos)

Somos amigos. (...) Sempre teve amizade no meio. Sempre teve... sempre teve o... o sentimento. O sentimento sempre tava lá. Quase nunca ele sabe expressar o negócio. Ele expressa de um jeito e, aí, a gente vai entendendo, né? Como o outro funciona. (...) Continua existindo o sentimento de amizade, de não querer perder o contato, de tratar bem. É o carinho. (Luíza, 42 anos)

A relação é bastante amigável. (...) Hoje, até beijinho no rosto eu dou, abraço. Aí, falo pra ela “olha, se cuida, tá com a carinha de cansada...” (...) Logo após a separação, eu fiz de tudo pra não ter atrito algum. Apesar dos empurrões familiares, eu procurei ter a calma, ter a tranquilidade pra poder lidar com a situação. O que ela queria, o que ela precisava era de dinheiro, na época, pra ela se instalar, comprar fogão, comprar geladeira, comprar as coisas. Porque ela não levou nada de dentro de casa, só a roupa. E eu proporcionei isso a ela. Porque, logo de cara, eu paguei pensão. E eu nunca perguntei se ela tá usando a pensão pra ela ou pra ele (filho). Eu tenho na minha cabeça que eu tô fazendo a minha parte, né? (Pedro, 46 anos)

Eu acho que isso tá resolvido, neste sentido. No sentido “amor”, no sentido “a pessoa”, eu acho que tá resolvido. A gente sai, ela passa o Natal comigo. A gente tem uma relação de amizade boa, apesar de não falar com ela desde... A gente se fala pouco, mas gosto dela. Adoro estar com ela, essa é uma verdade. E tenho certeza que é recíproco. Quando a

*gente sai, por qualquer motivo, nos pegamos horas conversando. Sabe alguém que sempre teve a ver com você? A gente se conhece desde sempre, desde a faculdade. Então... desde o primeiro ano de faculdade, vinte anos, eu tinha vinte e um, vinte e dois, sei lá. Então, o que acontece? A gente tem uma relação ótima nesse sentido, né? (Antônio, 50 anos)*

Essas falas evidenciam a retenção dos aspectos positivos do relacionamento, o que possibilita a elaboração da perda (SHINE, 2002). Esses entrevistados cumpriram com êxito a tarefa de restabelecer dentro de si mesmos o objeto amado e perdido (KLEIN, 1946), ratificando o que foi destacado por Násio (1997) sobre o processo de luto. Com a elaboração da perda, a pessoa enlutada investe de outra forma a representação psíquica do ser amado, retirando-lhe o excesso de afeto. Assim, o enlutado não deixa de amar, mas começa a amar de outra forma, sem um apego demasiado.

Em alguns depoimentos, é possível notar a capacidade de discriminar as questões referentes ao término da conjugalidade daquelas relacionadas à parentalidade, o que corrobora a afirmação de Shine (2002) de que é justamente na retenção dos aspectos positivos do outro que reside essa capacidade.

Em contrapartida, outros participantes mantiveram, desde o início do processo de separação, um relacionamento conflituoso com o ex-cônjuge.

*Tentei várias vezes sentar e conversar e ele levava sempre... Porque tava ferido, ele não queria essa separação e é um homem que todas as mulheres querem. Como a mulher dele não quer mais ele? Não pode. Nunca, não vai aceitar isso nunca. “Eu vou deixar você aqui e vou pisar assim em você. Você vai sair sem nada. Sabe por que? Cadê seu carro? Vendí. Sabe por que? Porque o carro era meu. Você não tem nada. Você vai sair daqui sem nada.” Falava pra mim. Era nesse nível... (...) Eu vejo que não tem condição, não vai ter condição, sabe? De ter qualquer convívio, pelo menos durante um tempo, social com ele. (Márcia, 47 anos)*

*Aqui mesmo, já veio duas vezes oficial de justiça. Aí, eu tive que acionar minha advogada pra impedir isso. Hoje em dia, tá impedido, não pode. Porque eu cumpro com tudo que a lei determina. Faço tudo que a lei determina, até muito mais. (...) Ela não aceitou a separação. Quando uma pessoa não aceita a separação, ela vai fazer alguma coisa pra te prejudicar. A primeira coisa que ela fez, ela colocou oficial de justiça aqui pra pedir a guarda da menina. (...) Em momento algum, eu briguei por isso. Porque eu nem teria condições de brigar. Como eu falei anteriormente, eu moro sozinho. (...) A mãe da minha filha viu que separou mesmo, que perdeu... Ela tentou afastar minha filha de mim. (...)*

Acionei a advogada de novo. Porque ela não cumpriu o que foi determinado. Ela viajou com a minha filha no meu final de semana. Eu fui lá buscar, tomei um susto enorme. (...) Pra mim, tinha fugido com a minha filha. (...) Ela me impediu durante um bom tempo. **Fiquei um bom tempo sem ver minha filha.** (...) Porque a única coisa que ela tinha pra me afetar... era a minha filha. (Joaquim, 41 anos)

Ficou ruim (a relação com a ex-parceira), até hoje não é bom. Até hoje... não tem como, né? De vez em quando, eu brinco, eu falo com... que essa história de falarem “minha melhor amiga é minha ex-mulher”, pra mim, isso é coisa de viado, né? Não tem esse negócio, entendeu? Não tem como ser ex-mulher e amiga. O que aconteceu? Existia uma coisa no meu casamento no final... meu casamento terminou em traição. O que acontece? Naquele momento de ela verbalizar “eu quero me separar”, ela já tava tendo um envolvimento com alguém. (...) E, quando eu soube daquilo, é uma coisa muito ruim. **Pro homem, essa coisa de traição é muito complicada...** Então, é... o que acontece? O que aconteceu em seguida? Começaram as discussões com relação às questões patrimoniais. (...) O que feria o bom senso era essa coisa de ela já tá numa outra relação e, ao mesmo tempo, demandar de mim certas coisas financeiras. (...) Ela queria ou imaginava que eu fosse amigo dela, entendeu? E eu nunca vou poder ser amigo dela porque... Talvez, se o casamento não tivesse terminado dessa forma, com traição e... Se ela tivesse começado o relacionamento depois era uma outra história. Mas, como ficou essa coisa... é lógico que é uma marca que tá ali, que não tem como ser removida. Então, isso afetou algumas coisas. (Arnaldo, 42 anos)

Mesmo ela sabendo efetivamente que eu tava ganhando menos, (...) ela mandou me prender cinco vezes porque a pensão... Porque eu nunca depusitei a integralidade dos salários. Não faz sentido. Você vai viver do que? (...) Foi feito todo um cálculo na justiça e eu não devo mais nada pra ela. (...) Ela podia desistir da ação, mas ela não desiste. Ela quer tentar ao máximo me extenuar nessa briga. (...) Ele (o filho) ia entrar de férias. Eu tinha planejado minhas férias. “Amanhã, você vai ficar com o papai, a gente vai ficar as férias juntos.” Ela, naquela noite, fugiu com ele pra cidade dela. E ficou lá sessenta dias. (...) Eu não acreditava naquilo, eu não acreditava como ela podia ser tão vagabunda... uma pessoa fazer um negócio desses. (...) Eu tava todo planejado, inclusive emocionalmente, pra poder grudar no meu filho. (...) **E ela fugiu com ele,** ela simplesmente... Ela simplesmente meteu o pé. Eu não acreditei naquilo, cara. (...) Sabe quando você fica cego? (...) “Vou matar essa mulher.” Como ela faz isso comigo? Ela extirpou todo meu lado emocional. Eu tava totalmente preparado pra ficar com meu filho e ela tirou aquilo de mim. Eu não acreditei naquilo. Realmente... ainda bem que ela foi embora, ainda bem que eu não matei ela, naturalmente. Porque não seria solução pra ninguém. Mas, foi um período crítico, foi um período em que eu fiquei com ódio dela mortal. (...) Eu não faço questão que ela viva, naturalmente. Espero que ela morra, levando ninguém, né? Nenhum acidente, né? Mas, se ela passar mal e morrer, pra mim, não tem nenhum... Hoje, não tenho nenhum sentimento de perda, de pena. É assim uma coisa bem decidida. Pra mim, não... não vai me fazer falta. (Sandro, 48 anos)

*Ela fez uma queixa na delegacia. O que ela sempre ameaçou ela foi fazer depois da separação. (...) Ela começou a me ligar, me perturbar. Aí, eu falei que não ia mais atender ela, que ela só ia falar agora comigo através do meu advogado. Aí, ela foi na delegacia e deu uma queixa de que eu agredia ela. (...) O único relacionamento que eu tenho é esse aqui, vou te mostrar. (...) Ela manda as mensagens, né? (...) Quando eu tô a fim, eu respondo. Fora isso... (...) Isso aqui são as poucas mensagens que eu respondi. (...) Se eu acho que eu devo levar a frente, eu levo. Se não, eu delete. (...) Não falo com ela. Meu advogado, quando vai falar com ela... xinga, só falta bater nele. Mas... (risos) tá tudo certo. Não batendo em mim, não me xingando, tá bom. Ele é meu representante (risos). Tá sendo pago pra isso. Então, tá bom (risos). (Marcelo, 45 anos)*

*O processo de separação é traumático, é dolorido. É doloroso porque a justiça... Qualquer briga é briga, qualquer merda é merda, sabe? Tudo... qualquer coisinha é motivo pra briga, brigas astronômicas. Troca de e-mail, de ofensas, o tempo inteiro. O litigioso é muito dolorido. (...) Ela (ex-parceira) chegou a impedir um Ano Novo. **Eu não consegui passar o Ano Novo com a minha filha.** Tava tudo marcado, eu com a passagem comprada... Ela vetou, disse pra eu ir no juiz... O juiz disse que ia ser muito traumático pegar a minha filha na casa da avó pra viajar. E tudo era... sempre foi muito traumático. A separação foi muito traumática, muito traumática. Era briga por dinheiro, briga pela minha filha. Qualquer coisa, “ah, vou chamar a polícia”. Foi complicado. (...) Nunca fez, mas ameaça... direto. (...) Porque eu queria ver (a filha), porque eu queria viajar. Porque eu cortei o cabelo dela uma vez que ela tava comigo, entendeu? (...) Foi um inferno, um Deus nos acuda, porque... Era briga. Por qualquer motivo, era briga. Entendeu? Foi muito traumático, foi muito complicado. (...) Evito contato hoje em dia. Converso o básico, o necessário do necessário do necessário. Entendeu? Até porque sempre teve muita confusão, mesmo depois da separação. Por isso que foi litigiosa, porque era o jeito de ela me afetar. Então, queria me afetar pelo dinheiro, na hora da pensão. (...) Volta e meia tem umas coisas assim, aquela coisa pra irritar, pra... Então, eu evito contato. (...) Um exemplo, minha filha tava com piolho e não curava, entendeu? Aquele negócio repetitivo... “Você tá dizendo que eu sou má mãe, que eu não cuido?! Quem é você?! Você é um merda pra ficar me criticando!” Um exemplo assim, entendeu? Então, pra evitar esse tipo de coisa, eu evito até questionar. Questiono quando eu tenho, posso e acho que vai surtir algum efeito. (Alfredo, 41 anos)*

Os discursos acima demonstram como o litígio conjugal atende às necessidades de ataque e defesa dos ex-cônjuges (SHINE, 2002), de maneira que o sistema judiciário fica a serviço da manutenção do vínculo conjugal (VAINER, 1999). A partir de questões relacionadas à guarda e à visitação dos filhos, é possível perceber que, no processo litigioso, aspectos referentes à parentalidade confundem-se com aqueles que dizem respeito à conjugalidade. Através da permanência da parentalidade, os conflitos conjugais são

atualizados, indicando que a ruptura do vínculo não ocorreu de fato. (ANTUNES, MAGALHÃES e FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Considerando que conjugalidade e parentalidade ficam emaranhadas no litígio conjugal, é importante enfatizar que alguns entrevistados sofreram com as tentativas, promovidas pelas ex-parceiras, de afastá-los dos filhos. Esses dados ratificam o que foi pontuado por Sousa (2009) e por Paulo (2009) sobre alienação parental, uma vez que os autores afirmam que o objetivo do genitor alienador é evitar o contato da criança com o outro genitor.

O terceiro participante não vivenciou o litígio conjugal, mencionando a traição como o motivo que explica a relação conflituosa com a ex-parceira. Podemos pensar que o relacionamento extraconjugal da ex-parceira provocou, no entrevistado, uma ferida narcísica. Ele afirma que, “pro homem, essa coisa de traição é muito complicada”, de modo que é possível associar seu narcisismo ferido à dupla moral masculina, que torna ainda a infidelidade feminina menos tolerada socialmente (POSTER, 1979; GIDDENS, 1993; JABLONSKI, 2009; NOLASCO, 1988).

Somente três participantes discorreram sobre alterações significativas no padrão de relacionamento com o ex-cônjuge.

*Quando ele (ex-parceiro) realmente viu que eu não queria mais mesmo... E não arrumei outro nem nada, mas quando ele viu que realmente... Nossa, no que ele pudesse me incomodar com as logísticazinhas da criança... você não tem ideia. Isso foi uns quatro anos. Me tratava mal pra caramba, não falava comigo direito. (...) Ele dificultava tudo na hora da criança ir pra ele, de trazer roupa... sabe? Tudo ele dificultava... na escola... Era uma dificuldade muito grande de entendimento entre eu e ele. (...) Você não tem ideia, Viajava e desligava o celular. Eu não tinha como falar. Eu não sabia se tinha chegado bem, que horas voltava, que dia voltava. (...) Nossa! Fiquei desesperada. (...) Do ano passado pra cá, bem melhor. Bem melhor depois daquela reunião que eu fiz... com a psicóloga e tal. Bem melhor que eu digo o seguinte...é... ele me escuta muito mais hoje, sabe? (Letícia, 42 anos)*

*Foi legal até um certo ponto, até o ponto em que ele colocou essa pessoa (parceira atual) lá no meio. E, aí, as coisas começaram a ficar um pouco mais... não muito legais. (...) Então, a gente começou a brigar. (...) No primeiro momento, eu tava bem. Depois que eu não fiquei porque ele começou a ficar escroto. Ele tava tranquilo, a gente se falava amigavelmente, a gente trocava e-mail, eu até ia na casa dele. Só que depois, quando ele começou a namorar... (...) Quando eu fiquei sabendo, eu enfrentei ele e, aí, ele falou que tava há seis meses com ela. Só que tinha cinco meses que a gente tinha se separado. (...) Quando a pessoa fala que te ama, né? Tipo, em dezembro. Que quer casar com você, que*

*percebeu que você é a mulher da vida... não tem como não chocar, né? (...) Eu fiquei mal, sabe? (...) Fiquei com raiva, fiquei surpresa. Não fazia a mínima ideia que ele já tava com alguém, nem passava pela minha cabeça, entendeu? (...) Eu não imaginava já que ele me amava tanto, né? (ironizou) (...) **Eu vou apagar ele da minha vida quanto mais eu puder**, sabe? Pra mim, só existe por e-mail, eu não preciso falar. (...) Ele me chamou de ladra, falou um monte de merda. Então, chega, tem uma hora que não dá mais, né? Não vou ficar pelejando, paciência tem limite. Ele me insultou demais, ele falou que eu era uma péssima mãe, ele falou coisas horríveis pra mim. Então, assim... não deixo de continuar com ódio dele. (...) Se eu pudesse dar uns bons tabefes na cara dele, bem que eu queria, entendeu? (Laura, 34 anos)*

*Durante um tempo, a gente se manteve amigo. (...) Hoje, a gente é praticamente inimigo um do outro. E eu tenho, inclusive, um processo, né? Onde ele quer me tirar do apartamento e me tirar minha filha. (...) Hoje, tudo o que ele quer é fuder com a mãe dos filhos dele... Eu não posso ser amiga dessa pessoa. Assim, deixa ele lá no canto dele, entendeu? (...) Eu não quero ser amiga dele. Então, eu não sei nem como ele tá. Se você, hoje, me perguntar se ele é azul, verde, amarelo, louro, moreno, careca, eu não sei te dizer. Porque eu não vejo. Sei que, há pouco tempo, entrou no facebook. Aí, eu fui lá, bloqueei. Porque eu não quero acesso nenhum. (...) Não falo nem mais com a família dele, pra você ver. (...) Eu tinha uma coisa assim amigável. (...) De repente, essa coisa tomou um rumo que, aí, nem falar mais eu falo. Não sei nem... não sei onde ele mora, não tenho mais o celular dele, não sei... o e-mail dele é bloqueado, ele é bloqueado no facebook. **É uma pessoa que, pra mim, existe porque existe um processo rolando na justiça.** (...) Não falo nem se for necessário. Eu tenho advogado. Meu advogado fala com a advogada dele. (...) A gente não se falou nunca mais. Agora, quando se fala, é através de advogados. Tudo que acontece dele em relação a mim, eu ligo pro advogado. (Sônia, 52 anos)*

No primeiro depoimento, conjugalidade e parentalidade aparecem novamente entrelaçadas, o que acirra os conflitos e aumenta a hostilidade entre os ex-parceiros (MADDEN-DERDICH, LEONARD e CHRISTOPHER, 1999). Segundo a entrevistada, essa situação melhorou sensivelmente com a intervenção da psicóloga. Durante a entrevista, ela contou que, no encontro proposto pela psicóloga, ela teve a oportunidade de verbalizar para o ex-cônjuge quais eram as atitudes dele que a incomodavam. Questões mal resolvidas, relativas à parentalidade, foram discutidas e esclarecidas, o que estabeleceu, mesmo que indiretamente, uma fronteira entre aspectos parentais e conjugais. A discriminação desses aspectos levou à redução dos conflitos e da hostilidade, conforme foi destacado por Souza e Ramires (2006).

Nas falas seguintes, enquanto a segunda participante afirma que “vai apagar o ex-parceiro da sua vida quanto mais ela puder”, a terceira diz que o ex-cônjuge

é “uma pessoa que, pra ela, existe porque existe um processo rolando na justiça”. Esses discursos indicam a utilização de defesas maníacas para negar a realidade da perda (FARKAS, 2003).

A negação equivale a um aniquilamento, de modo que tudo aquilo que provoca frustração é sentido, na posição esquizo-paranóide, como se tivesse saído da existência. Tal mecanismo mantém-se, assim como outros, de forma **menos intensa** na posição depressiva, recebendo a designação de **defesa maníaca**, uma vez que passa a ser utilizado com outra finalidade, ou seja, passa a ser empregado, predominantemente, para evitar que o ego vivencie a realidade da perda (KLEIN, 1946/1991). A negação da realidade da perda é também uma das etapas do processo de luto (STEINER, 1994), podendo ocorrer em situações de ruptura do vínculo conjugal. As defesas utilizadas pelos ex-parceiros após o término do casamento podem ser maníacas, não permitindo de fato o reconhecimento da perda (FARKAS, 2003).

### 5.3.7 Perspectivas em relação ao recasamento

Ao serem indagados sobre o que fariam diferente num novo casamento, vários entrevistados mencionaram a preservação da individualidade ou alguma mudança que leva à conservação desse aspecto, tão valorizado na contemporaneidade.

*Eu já tenho a minha vida, eu já tô estabelecida. Tenho minha casa, tenho minha filha... Cada um fica na sua casa, entendeu? Eu quero uma relação assim, cada um que fique na sua casa. Nada impede que, final de semana, eu vá pra casa dele ou, vice-versa, ele vá pra minha, que a gente viaje junto. Mas, não tem porque coabitar, entendeu? (Bárbara, 38 anos)*

*Morava em casas separadas. (...) Aí, é uma questão muito prática. Eu quero ter o meu espaço, quero cuidar das minhas coisas. Ele cuida das coisas dele, eu cuido das minhas coisas... Se encontra quando tá legal... Acho que é uma coisa mais... é... vamos dizer, mais verdadeira. Eu vou te ver quando eu tiver o sentimento que eu quero te ver. (Luíza, 42 anos)*

*Eu? O que eu faria diferente? Minha individualidade, minha vida, meus amigos, minhas coisas. Não ia abrir mão da minha vida, até porque eu acho que a pessoa tem que admirar a outra, né? Não existe esse negócio*

*de ser cordeirinho. Acho que eu vou ter minha vida, meus filhos, vou ter minha individualidade. (Beatriz, 39 anos)*

*Casamento, pra mim, agora, vai ser assim... Você tem a sua casa? Tá bom, você fica lá, eu fico na minha. De vez em quando, você me visita, eu te visito. (risos) Tá tudo ótimo. (...) É isso aí. (risos) Esse é meu modelo de casamento atual. (Bruna, 39 anos)*

*Eu já vou para um outro relacionamento já diferente, né? Ele vai fazer o que eu gosto e eu vou fazer de repente o que ele gosta também. Mas, eu nunca vou perder mais a minha individualidade, deixar o outro decidir a sua vida, sabe? Agora, eu vou fazer as coisas que eu quero também. (Letícia, 42 anos)*

*Não ceder tanto, sabe? Ter a minha opinião e impor um pouco as minhas vontades. Porque eu tenho... eu sempre tive que ceder. Por que? Eu tive que ceder porque eu quis ceder. O que ele teve com isso? Nada. Quem errou fui eu. Eu que permite isso tudo, entendeu? Então, eu não permitiria isso de novo, né? Eu não quero perder a minha essência. (...) Impor um pouco as minhas vontades, mostrar realmente quem eu sou. Não ser uma pessoa pra agradar o outro, ser quem eu sou. (...) A pessoa tem que gostar do jeito que eu sou, da maneira que eu penso. Gostar das coisas parecidas ou aceitar, né? Que eu não goste do que ele gosta. (Márcia, 47 anos)*

*O que eu faria diferente? Primeiro, não abrir mão da minha vida, não abrir mão das minhas coisas em função do casamento, em função de outra pessoa. Em primeiro lugar, vem eu, a minha felicidade. Eu tenho que tá feliz pro casamento poder funcionar. Se eu não tô feliz, não vai funcionar. Não tem nada a ver com egoísmo, tem a ver com o fato de eu tá bem. (...) Se tem alguma coisa me incomodando, se eu tô abrindo mão de alguma coisa... Lógico, você sempre tem que abrir mão de alguma coisa, mas não abrir mão de tudo. Então, o que eu não faria é isso, é viver em função de outra pessoa. (...) Ela tem que ter o espaço dela e eu tenho que ter o meu espaço. No final das contas, acho que, quando você casa, na verdade, você passa a viver três vidas diferentes, que é a sua vida, a vida dela e a vida nossa. Acho que é isso. (Arnaldo, 42 anos)*

Esse participante foi o único, entre os homens que participaram deste estudo, que se referiu à individualidade como um aspecto que precisa ser preservado no recasamento, como uma forma de não repetir a experiência do casamento anterior. Em contrapartida, outros entrevistados deram respostas relacionadas à conjugalidade, que visavam o fortalecimento do vínculo conjugal.

*Se eu tivesse uma outra relação, um outro relacionamento, eu ia tentar*



*conversar bastante pra não... sabe? Na primeira briga assim ou... confusão, já parar, conversar. (...) Você acaba ficando mais experiente em relacionamento. (...) Tratar bem, ter mais tempo de lazer, que a gente não tinha muito. Acho que isso é importante. Mesmo que tenha o filho, tem que arrumar um tempo pra vocês. Lazer, você e ela sozinhos. Viajar, que a gente nunca mais viajou, essas coisas. Ter um tempo mesmo só pra nós dois, entendeu? Acho que é mais isso. (Arthur, 39 anos)*

*O que eu queria fazer diferente é justamente aproveitar mais os momentos, eu e ela, né? Porque eu já deixei muitos momentos... de sairmos nós dois, por causa de filho, por causa de trabalho, né? Então, eu me dedicaria mais a fazer mais viagens com ela, aproveitar melhor o nosso final de semana. Isso eu faria, ou seja, viver mais a vida. (...) Eu fiquei até mais eficaz na separação do que é o meu profissional e do que é o meu pessoal. Hoje, eu não largo meus compromissos pessoais por causa de trabalho. (Pedro, 46 anos)*

*Não sei te dizer, apesar da gente já ter conversado sobre isso, qual foi o meu erro. Foi me dedicar muito ao meu trabalho? Foi julgar o trabalho muito importante? Sim, isso foi um erro. (...) Eu achava o trabalho uma coisa muito importante, me dedicava muito ao trabalho. Eu trabalho muito, eu gosto de trabalhar. Saio cedo de casa, chego tarde. (...) Eu acho que faria o que eu estou fazendo mais hoje. Eu procuro me divertir mais. Já não tenho a apreensão de perder, você entende? Se perder, eu vou arrumar outro trabalho. (...) Já não tenho esse pavor de ficar desamparado, de desamparar alguém. Gosto muito do meu trabalho, não tenho dúvida. Mas, eu sempre coloquei ele muito... um dado muito importante nas nossas vidas. Isso, talvez, não tenha dado muito espaço pra ela. (Antônio, 50 anos)*

*Chega o momento... é com quem você vai tá, quais são as... manias de cada um, né? Eu acho que eu taria disposto a abrir mão das minhas... das possíveis manias que eu... que incomodem alguém. Isso eu faria diferente. O problema não é a falta de ajuste no casal, entendeu? Isso não me... Tenho amigos que são da minha idade que falam assim... "Eu não caso hoje porque eu não consigo me adaptar." Eu acho que não, eu poderia me adaptar a alguém. Eu gosto de estar com alguém, eu gosto de ter alguém, de tá alinhado com alguém. Então, isso, pra mim, é uma coisa que dá pra levar. (Sandro, 48 anos)*

*Em qualquer relacionamento, você tem que ter um cedendo pro outro, né? As pessoas não são iguais e nada se encaixa. Não é um quebra-cabeça em que as peças se encaixam e pronto, acabou, né? Eu tentaria ir adaptando, daria uma lixada aqui, uma moldada ali, né? Até se encaixar e conviver harmoniosamente. Isso faltava no relacionamento. (...) Todo mundo tem suas manias, né? Todo mundo tem seu jeito de ser. Ninguém é igual. Você tem que ceder aqui, ceder ali. A pessoa também, né? Tem que lixar os dois lados do quebra-cabeça pra encaixar, né? Não adianta você querer botar na marra que não vai, né? Nem deixar que... pô, um quadrado não vai encaixar numa bola. Então, ou você faz uma circunferência de um lado e tenta adequar aquela coisa... vai lixando dos*

*dois lados pra pelo menos ficar... O quanto mais encaixado possível, melhor. Porque, senão, não vai rolar. (Alfredo, 41 anos)*

Analisando todos os depoimentos, é possível observar que, no primeiro casamento, as mulheres investiram mais na conjugalidade do que na individualidade, enquanto os homens fizeram exatamente o contrário. Diante da possibilidade do recasamento, eles têm, então, a expectativa de compensar o que faltou, privilegiando o aspecto que foi pouco investido no casamento anterior.

A difícil conciliação entre estas duas forças paradoxais, conjugalidade e individualidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998), pode explicar a tendência dos participantes a privilegiar uma delas. Os papéis de gênero tradicionais, atribuídos a homens e mulheres ao longo da história, podem explicar também essa tendência. Enquanto o homem pertencia ao mundo público, a mulher era destinada ao mundo privado, onde se dedicava exclusivamente ao casamento e à família (GOODRICH, 1990; PRIORE, 2006; VAITSMAN, 1994). Resquícios desse momento histórico fazem-se ainda sentir na contemporaneidade.

Sendo assim, a individualidade aparece mais, como uma dimensão que precisa ser preservada, nas falas femininas, ao mesmo tempo em que mudanças relacionadas à conjugalidade emergem mais no discurso dos homens. Tanto as mulheres quanto os homens demonstraram o desejo de não repetir a vivência do primeiro casamento, marcado ainda pelos valores tradicionais.

## Considerações finais

A partir da análise qualitativa dos dados, é possível perceber que, nas concepções de amor, prevalece a questão do cuidado com o outro. Para os participantes, amar seria simplesmente estar disponível para o cônjuge. Essa definição de amor contrapõe-se à ideia de preservação do próprio espaço, obscurecendo a importância que tem a individualidade no discurso social. Apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizarem valores como liberdade e privacidade, a individualidade é pouco mencionada pelos entrevistados em suas concepções de amor e casamento. Quando isso acontece, o paradoxo que caracteriza o casamento contemporâneo torna-se visível, pois a individualidade emerge juntamente com aspectos “simbióticos”, associados ao amor romântico. Nas entrevistas, a individualidade fica eclipsada pelo companheirismo, pela cumplicidade, como também, pelo prazer sexual, que aparece como elemento fundamental para um casamento satisfatório. Ao mesmo tempo em que existe uma expectativa de permanência em relação ao vínculo conjugal, a satisfação sexual surge como um dos componentes da relação amorosa, indicando que a influência dos ideais românticos tem limites.

As causas da separação, segundo o ponto de vista dos participantes, revelam a coexistência de novos e antigos valores. A infidelidade, que aparece mais como motivo de separação nas falas femininas, indica que, ao mesmo tempo em que as mulheres tornaram-se amorosamente mais exigentes, a dupla moral masculina permanece como vestígio do momento histórico anterior. Por outro lado, a infidelidade emerge direta ou indiretamente associada à insatisfação sexual, demonstrando, mais uma vez, a importância atribuída à sexualidade na contemporaneidade.

Embora expressando ressentimento em relação aos ex-parceiros, ao falarem da sobrecarga de tarefas domésticas, as mulheres deixam em evidência a preponderância dos papéis tradicionais no casamento e na família. O padrão de conduta tradicional, mantido pelos homens, no ambiente doméstico é interpretado pelas mulheres como falta de companheirismo, cumplicidade e cuidado. A emergência de um comportamento tradicional não aparece, contudo, nas falas masculinas quando os homens estão discorrendo sobre a falta de amor nos seus relacionamentos. Nesse momento, é possível vislumbrar um homem

mais preocupado com a dimensão amorosa, que se mostra disponível para falar sobre aspectos íntimos, não revelados comumente a um público mais amplo.

Quanto aos sentimentos logo após a separação, é possível constatar que nem sempre a iniciativa de separação favorece a elaboração da perda do casamento. Na verdade, a tomada de decisão contribui para a adaptação ao divórcio quando a iniciativa de separação está associada ao desejo de separar-se, o que não ocorre em alguns casos. No que diz respeito às diferenças de gênero, as mulheres sofrem pelo sonho de amor desfeito. Ao refletirem sobre o desenlace conjugal, elas mencionam elementos dos contos de fada, mostrando como a socialização das meninas leva à idealização do casamento. As mulheres precisam elaborar, então, não somente a perda do parceiro de quem se desvincularam, como também, a perda do ideal de amor. Os homens, por sua vez, ressentem-se da perda de contato diário com os filhos, referindo-se a essa situação como uma experiência extremamente dolorosa.

Os sentimentos seguintes à separação também são relacionados, por homens e mulheres, à perda do domicílio conjugal e à perda da família como ideal. O afastamento do ambiente familiar é mais uma perda que precisa ser elaborada, sendo percebido por alguns entrevistados como o momento mais crítico do período pós-separação. Apenas uma participante considera a mudança de casa um momento de libertação e afirmação da autonomia. No que se refere à perda da família como ideal, é digno de nota que a família idealizada está associada a um modelo tradicional de família, aparecendo como *norma*. Assim, a partir da separação, a família não está simplesmente organizada de outra forma, mas, de acordo com os entrevistados, está “desfeita” ou “desmanchada”.

Em relação à parentalidade, os dados indicam a dificuldade dos pais em conversar sobre a decisão de separação com os filhos. Por outro lado, a maioria dos participantes não apresenta sua capacidade parental diminuída após o término do casamento, sendo capaz de perceber as reações de seus filhos diante da separação. Os entrevistados, de um modo geral, mostram-se atentos em relação aos filhos, observando seus sentimentos e seus possíveis problemas de adaptação. Apesar de alguns participantes afirmarem que foi extremamente doloroso deparar-se com as reações dos filhos, a maioria não demonstra sentir remorso ou culpa, enfatizando a necessidade de buscar a felicidade fora de um casamento insatisfatório.

Entre os sentimentos atuais em relação à separação, embora mais frequentes nas falas femininas, homens e mulheres mencionam sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal. Em oposição aos papéis de

gênero tradicionais, enquanto uma das entrevistadas associa seu crescimento pessoal a sua atividade profissional, um dos participantes afirma que se tornou mais independente ao assumir tarefas relacionadas ao cuidado da casa. Apenas dois entrevistados, um homem e uma mulher, expressam seu ódio pelo ex-cônjuge, indicando que a separação emocional não ocorreu de fato. Sentimentos de liberdade emergem somente nos depoimentos femininos e sentimentos de tristeza aparecem apenas nos discursos masculinos, ainda que não tenham a mesma intensidade e frequência do período pós-separação. Uma resistência a estabelecer novos vínculos também surge exclusivamente nas falas masculinas.

Em relação à reconstrução da identidade, é possível observar que as mulheres apresentam mais mudanças do que os homens durante o referido processo. A construção de uma nova rede social e mudanças na aparência, por exemplo, estão mais presentes nos depoimentos femininos. Mais mulheres do que homens falam da dissolução da conjugalidade como uma oportunidade de retomar interesses, resgatando aspectos de si mesmo. No que diz respeito à atividade profissional, somente as mulheres investem mais nessa dimensão de suas vidas depois da separação, retornando ao mercado de trabalho ou redirecionando a carreira. Sendo assim, é possível observar que, apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal ressaltarem que o casamento deve sustentar a autonomia e a realização pessoal de cada cônjuge, individualidade e conjugalidade são duas dimensões paradoxais de difícil conciliação, principalmente para as mulheres, que voltam a investir mais em si mesmas quando seus relacionamentos terminam.

Quanto à relação com o ex-cônjuge, é possível constatar que, na maioria dos casos, o padrão de relacionamento não sofreu alterações significativas ao longo do tempo. A manutenção de um bom relacionamento com o ex-parceiro aparece mais no discurso das mulheres, evidenciando a capacidade de reter os aspectos positivos do outro, como também, a capacidade de diferenciar aspectos conjugais e parentais. Por outro lado, nas situações de conflito e litígio, o sistema judiciário fica a serviço da manutenção do vínculo conjugal, que se mantém, muitas vezes, pelo ódio e pelo desejo de vingança. A partir de questões relacionadas à guarda e à visitação, os conflitos conjugais são atualizados, mantendo conjugalidade e parentalidade emaranhadas. No caso de alguns participantes, a dificuldade em discriminar aspectos conjugais e parentais culmina na tentativa das ex-parceiras de afastá-los dos filhos, tornando-os vítimas da Alienação Parental.

No que se refere às perspectivas em relação ao recasamento, mais uma vez, o conflito entre individualidade e conjugalidade faz-se presente. Enquanto as mulheres expressam o desejo de investir mais na individualidade em um próximo casamento, os homens afirmam exatamente o contrário, dando respostas relacionadas ao fortalecimento do vínculo conjugal. Em suas falas sobre recasamento, as mulheres não se mostram mais dispostas a renunciar a seus interesses em favor de um casamento, demonstrando inclusive o desejo de não coabitar com o novo parceiro. Os homens, por sua vez, falam em trabalhar menos, ter mais tempo para o lazer e ceder mais diante de qualquer impasse que possa surgir no casamento. Enfim, homens e mulheres têm a expectativa de compensar o que faltou no relacionamento anterior, muito marcado ainda pelas tradições.

As questões abordadas ao longo desta pesquisa têm relevância para a clínica de casal e família, pois elas oferecem subsídios para os profissionais dessa área de atuação, informando-os a respeito do processo de separação conjugal, fenômeno tão corrente na contemporaneidade. Este estudo restringiu-se, no entanto, a mulheres e homens que pertencem às camadas médias da população carioca e que tiveram filhos com os ex-parceiros. Sendo assim, é possível vislumbrar pesquisas futuras com homens e mulheres sem filhos, como também, estudos com ex-casais pertencentes às classes de baixa renda.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, R. **Conferências clínicas sobre Klein e Bion**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

ANDINO, L. B. Dissolución del vínculo conyugal: acto o acting? *In*: Puget, J. (Org.) **La pareja**: encuentros, desencuentros, reencuentros. Argentina: Paidós, 1996, p. 149-188.

ANTUNES, A. L. M. P.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Litígios intermináveis: uma perpetuação do vínculo conjugal? **Aletheia**. Canoas, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 607-639.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality. **Diogenes**, v. 12, n. 46, p. 1-24, 1964.

BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. A família em fase de aquisição. *In*: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) **Família e ciclo Vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 47-73.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOHANNON, P. The six stations of divorce. *In*: LASSWELL, M. E.; LASSWELL, T. E. (Orgs.) **Love, marriage, family**: a developmental approach. Glenview: Scott Foresman, 1973, p. 29-55.

BRITO, L. M. T. **Famílias e separações**: perspectivas da psicologia jurídica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

CARUSO, I. A. **A separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte. São Paulo: Cortez, 1989.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COSTA, R. O papel do amor cortês e dos jograis na Educação da Idade Média: Guilherme da Aquitânia (1071-1127) e Ramon Llull (1232-1316). *In*: CASTRO, R.

C. G. (Org.) **O intérprete do Logos** – Textos em homenagem a Jean Lauand. São Paulo: Factash Editora/ ESDC, 2009, p. 231-244.

COUTINHO, P. L.; COSTA, R. Entre a pintura e a poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média. *In*: GUGLIELMI, N. (Org.) **Apuntes sobre família, matrimonio y sexualidad em la Edad Media**. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales, Universidad Nacional de Mar Del Plata, 2003, p. 4-28

D'INCAO, M. A. O amor e a separação. *In*: PORCHAT, I. (Org.) **Amor, casamento, separação**: a falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 55-71.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. *In*: PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 223-240.

DOLTO, F. **Quando os pais se separam**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DUBY, G. **Idade Média, Idade dos Homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989a.

DUBY, G. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

DUCATI, D. C. P. O luto pela separação nas relações amorosas. *In*: CASELLATO, G. (Org.) **Dor silenciosa ou dor silenciada?** Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. Campinas: Livro Pleno, 2005, p. 77-94.

FARKAS, M. O luto de uma separação. *In*: GROENINGA, G. C. & PEREIRA, R. C. (Orgs.) **Direito de família e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 365-370.

FÉRES-CARNEIRO, T. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 3, n. 3, p. 250-261, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 8, n. 3, p. 367-374, 2003a.

FÉRES-CARNEIRO, T. Construção e dissolução do laço conjugal na terapia de casal. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e Casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003b, p. 201-214.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1916/1996.



FREUD, S. Luto e melancolia. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1996.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIULANI, P. C. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 640-667.

GIUSTI, E. **A arte de separar-se**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOLDENBERG, M. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. *In*: NOLASCO, S. (Org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 131-147.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2001.

GOLDENBERG, M. Novas famílias nas camadas médias urbanas. *In*: **Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos**. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ, 2003, p. 18-26.

GOMES, P. B. Separação: contingência do casamento? *In*: PORCHAT, I. (Org.) **Amor, casamento, separação**: a falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 103-126.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GOODRICH, T. et al. **Terapia feminista da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GROENINGA, G. C. O direito a ser humano: da culpa à responsabilidade. *In*: GROENINGA, G. C. (Orgs.) **Direito de família e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 95-106.

HEILBORN, M. L. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal**: saúde, trabalho e modos de vinculação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-224.

JABLONSKI, B. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 109-134.

KASLOW, F. W.; SCHWARTZ, L. L. **As dinâmicas do divórcio**: uma perspectiva de ciclo vital. Campinas: Editorial Psy, 1995.

KELLY, J. B. Divorce: the adult perspective. *In*: WOLMAN, B. B. (Org.) **Handbook of developmental psychology**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1982, p. 734-750.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *In*: KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1946/1991.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso. **Cadernos de Psicanálise-SPCRJ**, v. 26, n. 29, p. 19-34, 2010.

MADDEN-DERDICH, D.; ARDITTI, J. The ties that bind: attachment between former spouses. **Family Relations**, v. 48, n. 3, p. 243-249, 1999.

MADDEN-DERDICH, D.; LEONARD, S.; CHRISTOPHER, F. S. Boundary ambiguity and coparental conflict after divorce: an empirical test of a family systems model of the divorce process. **Journal of Marriage and the Family**, v. 61, n. 3, p. 588-598, 1999.

MEZAN, R. Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual no casamento. *In*: GOMES, P. B. (Org.) **Vínculos amorosos contemporâneos**: psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003, p. 159-171.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUNHOZ, M. L. P. O amor através dos tempos nas uniões conjugais. **Revista Brasileira de Terapia Familiar**. ABRATEF, v. 2, n. 2, p. 81-95, 2010.

MUSZKAT, M. E. Descasamento: a falência de um ideal. *In*: PORCHAT, I. (Org.) **Amor, casamento, separação**: a falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 103-126.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

NOLASCO, S. **Identidade masculina**: um estudo sobre o homem de classe média. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1988.

NOLASCO, S. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. *In*: NOLASCO, S. (Org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.

PAPP, P. Prisioneiros do papel sexual. *In*: ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (Orgs.) **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995, p. 147-154.

PAULO, B. M. Como o leão da montanha... **Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões**. Porto Alegre, 2009.

PECK, J. S.; MANOCHERIAN, J. R. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. *In*: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Org.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 291-320.

PEREIRA, R. C. Separação e rituais de passagem. *In*: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. (Orgs.) **Direito de família e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 361-363.

PORCHAT, I. Pensando a dor da separação conjugal. *In*: PORCHAT, I. (Org.) **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 103-126.

POSTER, M. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. *In*: GOMES, P.B. (Org.) **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis, 2003, p. 57-75.

RIBEIRO, M. A psicologia jurídica nos juízos que tratam do direito de família no Tribunal de Justiça do Distrito Federal. *In*: BRITO, L. M. T. (Org.) **Temas de psicologia jurídica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 161-170.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 122-137.

ROCHA-COUTINHO, M. L. De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um novo modelo de família? *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 219-235.

ROSALINA, L.; CASTRO, F. **Disputa de guarda e visita: no interesse dos pais ou dos filhos?** Porto Alegre: Artmed, 2013.

SHINE, S. O conflito familiar transformado em litígio processual. *In*: AGOSTINHO, M. L.; SANCHEZ, T. M. (Orgs.) **Família: conflitos, reflexões e intervenções**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 63-74.

SEGAL, H. **As idéias de Melanie Klein**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

SOUZA, A. M. Outro olhar sobre a síndrome da alienação parental. **Associação dos Assistentes Sociais e Psicólogos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2009.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V. R. **Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

STEINER, J. O equilíbrio entre as posições esquizo-paranóide e depressiva. *In*: ANDERSON, R. (Org.) **Conferências clínicas sobre Klein e Bion**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994, p. 60-72.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAINER, R. **Anatomia de um divórcio interminável**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WALLERSTEIN, J. S.; KELLY, J. B. Children and divorce: a review. **Social Work Journal**, v. 24, p. 468-474, 1980.

WALLERSTEIN, J. S.; KELLY, J. B. **Sobrevivendo à separação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALTERS, M. Uma perspectiva feminista da terapia familiar. *In*: PERELBERG, R. (Org.) **Os sexos e o poder nas famílias**. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 27-46.

## Anexo I: termo de consentimento livre e esclarecido

**Instituição de origem:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Título da pesquisa:** O desenlace conjugal: um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade

**Pesquisadora:** Vanessa Gerosa da Silva Rangel

**Orientadora:** Professora Terezinha Féres-Carneiro

Com este trabalho de pesquisa, pretendemos compreender melhor as questões relacionadas ao processo de separação conjugal. Assim, o objetivo geral desta investigação é estudar como homens e mulheres vivenciam o término de suas uniões amorosas, sejam elas oficiais ou consensuais.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto, sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre o processo de separação conjugal.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Rio de Janeiro, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Anexo II: texto concedido por um dos participantes desta pesquisa

### MOTO-CONTÍNUO

(Março de 2013)

Vem a noite... profunda, imensa, inescrutável e sem luz...

Não há estrelas, nem lua, nem conforto...

Vejo a Lagoa inerte, igualmente escura, refletindo o luto amargo do céu.

Assim como a Lagoa, minha alma reflete, angustiadamente, a metamorfose apocalíptica dos meus sonhos, num martírio horroroso e lento.

As lembranças purgam a dor, marejando-me os olhos. E meu corpo, cansado de mais um dia, busca inutilmente o bálsamo da calma, ante a presença de pensamentos atormentados e infindos.

Os raios da manhã rabiscam timidamente o céu e me convidam para a luta de mais um dia. Olho com afã o nascer do sol, com a justa ambição de que aquele renascer possa sugerir uma ressurreição daquilo que não tenho mais, daquilo que, há um ano, me foi tirado, daquilo que cuja falta, enfim, me faz até duvidar de Deus.

A monotonia do passar das horas, sublinhadas pelo gradiente decrescente de luz, vai me conduzindo ao final da tarde, ao estertor do sol, ao colapso da esperança.

Encerra-se o dia e vem a noite, potencializando a solidão, levando-me à reflexão sobre a certeza corrosiva da irreversibilidade.

E, assim, como um naufrago da realidade que me cercava, assisto ao naufrágio dos meus dias, mergulhado novamente nas trevas de mais uma noite... profunda, imensa, inescrutável e sem luz.